Peter Kreeft

SÓCRATES e JESUS

O DEBATE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Net*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Peter Kreeft

SÓCRATES

e

JESUS

O DEBATE

Tradução Ana Schaffer

1 | P á g i n a

®1987, 2002, de Peter Kreeft

Título do original

Editora Vida

Sócrates meets Jesus

Edição publicada por

Rua Júlio de Castilhos, INTERVARSITY PRESS

280

(Downers Grove, Illinois, EUA)

Todos os direitos em língua portuguesa

CEP

03059-000

São reservados por Editora Vida

Paulo, SP

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER
MEIOS, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM
INDICAÇÃO DA FONTE

Tel.:0xx11 6618 7000

Todas as citações bíblicas foram
extraídas da Nova Versão Internacional

Fax: 0xx11 6618 7050

(NVI), 2001, publicada por Editora Vida,
salvo indicação em contrário.

www.editoravida.com.br Editor geral: Solange Mônaco
www.vidaacademica.net Editor responsável: Sônia Lula
Assistente editorial: Ester Tarrone
Revisão de tradução: Alípio Franca
Revisão de provas: Dida Bessana e
Juliana Ribeiro
Consultoria e revisão técnica: Luiz Sayao
Diagramação: Crayon Editorial
Capa: Marcelo Moscheta
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Kreeft, Peter

Sócrates e Jesus: o debate / Peter Kreeft ; tradução Ana Schaffer. –

São Paulo: Editora Vida, 2006.

Título original: Sócrates meets Jesus

Bibliografría.

ISBN 85-7367-895-X ISBN 978-85-7367-895-5

1. Apologética 2. Jesus Cristo - Pessoa e missão 3. Sócrates I. Título 07-9092 CDD-239

Indice para catálogo sistemático:

1. Sócrates e Jesus: Apologética : Cristianismo 239

Sumário

Nota à edição brasileira ... 04

Introdução ... 05

1. Da cicuta para a Universidade "Havalarde" ... 9

2. Como progredir na vida fugindo do "progresso" ... 14

3. Seria Jesus um fundamentalista? ... 25

4. Doces confissões ... 33

5. Os milagres podem ser provados? ... 43

6. Como ter uma religião relativa ... 55

7. Jesus, o único ... 73

8. Que estranho, Deus escolher os judeus ... 85

9. Vejam! Ele está vivo! ... 103

Posfácio - diretamente do Boston Glob ... 126

Contracapa ... 128

Nota à edição brasileira

A publicação brasileira de Sócrates e Jesus foi feita a partir da edição atualizada pelo autor e filósofo, Peter KREEFT, de Sócrates meets Jesus, Downers Grove, IL : INTERVARSITY PRESS, Text© 1987, New Introduction ©2002.

A tradução ficou a cargo de ANA MARIA DE MOURA SCHAFFER, doutoranda em Lingüística Aplicada pela Unicamp. A edição do texto foi feita por ALÍPIO CORREIA DE

FRANCA NETO, doutorando em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo. Luiz SAYÂO, teólogo, lingüista e mestre em Hebraico pela Universidade de São Paulo, encarregou-se da consultoria e revisão técnica.

O leitor comumente se deparará com trocadilhos e alusões a personalidades e instituições do mundo contemporâneo que, aliados a personagens-tipo, conferem ao texto de KREEFT um caráter diferencial.

Para tanto, foram acrescentadas notas explicativas ao longo do texto com o objetivo de orientar o leitor a uma leitura plausível, sem deixar de instigar nele a curiosidade para

"ir além". As abreviaturas a seguir dão a indicação desses créditos.

N. do C, para nota do consultor técnico

N. do E., para nota do coordenador editorial

N. do R., para nota do editor/revisor do texto

N. do T., para nota do tradutor

O EDITOR

Introdução

A inspiração deste livro resulta inicialmente de duas fontes: a primeira, do capítulo 1

de Philosophical Fragments1, de Soren Kierkegaard, no qual ele compara Jesus a Sócrates — os dois maiores mestres da História; a segunda, é do livro de Atos, capítulo 17, em que os discípulos dos dois mestres interagem pela primeira vez.

Jesus e Sócrates são certamente os dois homens mais influentes que já existiram, pois dão origem aos dois principais segmentos da civilização Ocidental: a cultura bíblica (judaico-cristã) e a clássica (greco-romana). Assim como Jesus é o centro da primeira, Sócrates o é para a segunda. O que caracteriza a nossa civilização de forma mais óbvia, ou seja, o evento secular de maior sucesso da História, é a tecnologia. Esta, por sua vez, é fruto da ciência, que é conseqüência da filosofia; esta última a grande herança de Sócrates.

Sócrates e Jesus nunca escreveram um livro nem fundaram uma escola ou viajaram pelo mundo, não militaram na política nem tiveram alguma ambição terrena. Tomás de Aquino explicou que Cristo nunca ensinou por meio da escrita porque sua doutrina era de ordem suprema; sua pessoa e sua vida eram uma doutrina perfeita e completa, que dispensava ser incluída em um livro com palavras e ensino de segunda mão. Em seguida, Aquino acrescenta: "à semelhança de Sócrates entre os filósofos"2.

Kierkegaard — que disse que cada palavra escrita por ele foi unicamente sobre uma coisa: o que significa SER um cristão [o ponto de vista de meu trabalho como autor] — via Sócrates como a perfeita pedra de toque de Jesus. Como poderia alguém superar Sócrates? Haveria alternativa para a sua busca ardorosa e sincera da verdade, pelo modesto método de questionamento? Seria possível a Verdade nos alcançar em vez de nós a ela? A Verdade deveria chegar até nós de fora para dentro em vez de fazê-lo de dentro para fora? Kierkegaard desenvolveu seu "experimento mental" adotando pormenorizadamente o ponto de vista do filósofo socrático; em seguida, comparou, com minúcias, a doutrina de Jesus com a de Sócrates em "A Project of Thought" [Um projeto mental], capítulo 1, da obra Migalhas filosóficas. É a comparação mais esclarecedora que conheço entre os dois maiores homens da História e, quando a li, pensei: "isso não pode parar aqui, precisa dar frutos".

A outra fonte de inspiração deste livro relata um dos encontros mais decisivos da História: o primeiro encontro entre um discípulo de Jesus e os discípulos de Sócrates. O

dramático relato daquele dia que mudou o mundo pode ser encontrado no Novo Testamento:

Enquanto esperava por eles em Atenas, Paulo ficou profundamente indignado ao ver que a cidade estava cheia de ídolos. Por isso, discutia na sinagoga com judeus e com gregos tementes a Deus, bem como na praça principal, todos os dias, com aqueles que por ali se encontravam. Alguns filósofos epicureus e estóicos começaram a discutir com ele. Alguns perguntavam: "O que está tentando dizer este tagarela?" Outros diziam:

"Parece que ele está anunciando deuses estrangeiros", pois Paulo estava pregando as boas novas a respeito de Jesus e da ressurreição. Então o levaram a uma reunião do Areópago, onde lhe perguntaram: "Podemos saber que novo ensino é esse que você está anunciando? Você está nos apresentando algumas idéias estranhas, e queremos saber o que elas significam". Todos os atenienses e estrangeiros que ali viviam não se preocupavam com outra coisa senão falar ou ouvir as últimas novidades.

Então Paulo levantou-se na reunião do Aerópago e disse: "Atenienses! Vejo que em 1 Publicado em português pela Vozes, Migalhas filosóficas, ou, Um bocadinho de filosofia, 1995 [N. do E.].

2 Tomás de AQUINO, Summa theologiae, 3.42.4 (publicado em português por Edições Loyola, Suma teológica) [N. do E.].

todos os aspectos vocês são muito religiosos, pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO

DEUS DESCONHECIDO. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio". (At 17.16-23)

O apóstolo Paulo, no legítimo centro da idolatria mundial, encontra adoradores do verdadeiro Deus e assim se expressa: "Ora, o que vocês adoram, apesar de

não conhecerem, eu lhes anuncio". Como isso foi possível? Eles devem ter sido discípulos de Sócrates.

Sócrates era um lapidário [escultor] e deve ter, literalmente, entalhado a inscrição a que Paulo se referia. Certamente, o "DEUS DESCONHECIDO" era o Deus de Sócrates; na verdade, Sócrates foi um mártir desse Deus. Está claro na Apologi33— o maior discurso de Sócrates em defesa de sua vida e de sua vocação à filosofia — "o amor da sabedoria" (uma vocação cuja origem ele sempre atribuiu a "Deus"), quando Atenas colocou sob julgamento tanto ele quanto a sua vocação à filosofia. Se Sócrates tivesse sido capaz tão-somente de confessar verdadeira e honestamente o nome de um único deus reconhecido por Atenas em seu julgamento, ele não teria sido executado por ateísmo. Mas ele não podia fazer isso. Não sabia quem era o verdadeiro Deus, mas tinha convicção de quem não era. E Sócrates não trairia a verdade mais que um cristão temente pudesse trair a Cristo. Sabia de uma coisa: qualquer que fosse o verdadeiro Deus, esse era o Deus da verdade.

Quatro séculos depois da morte de Sócrates, viveu um homem que afirmava ser esse o Deus verdadeiro, o Criador torna-se criatura, o Filho primogênito do Pai, a eterna Palavra (Logos, Mente, Razão) de Deus. Esse homem, que declarava ser a Verdade (Jo 14.6), prometeu que todos os que buscassem encontrariam (Mt 7.8; Lc 11.10). Ele certamente não estava falando sobre poder, dinheiro ou sucesso terrestre, pois esses eram os anseios que dominavam o coração daqueles que não o reconheciam como seu Messias e Salvador, pois ele não os livrou desses inimigos nem dos romanos. Quando ele disse que todo aquele que busca encontra, referia-se à verdade, porque prometeu que "a verdade os libertaria". (Jo 8.32). Também estava falando de si mesmo, porque disse: "

'Portanto, se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres' " (Jo 8.36). Se Jesus é a Verdade e se Sócrates buscou a verdade de todo o coração (o que, naturalmente, só Deus sabe), e se a Verdade não mente, e prometeu que todos os que buscam o encontrarão, então temos todas as razões para acreditar que Sócrates a encontrou. Não nos é possível ter certeza sobre Sócrates, mas podemos ter certeza sobre Cristo.

Entretanto, Sócrates não se encontrou com Cristo neste mundo, nem mesmo ouvimos falar de uma possível conversa entre eles no futuro. E possível imaginar isso? Ou, em caso contrário, podemos imaginar algo parecido aqui mesmo?

Uma vez que tolos e filósofos se aventuram em terrenos onde anjos temeriam pôr os pés, tentei imaginar essa conversa "celestial" e comecei a escrever um diálogo imaginário. Mas eu simplesmente não podia fazer isso, pois, segundo Dorothy Sayers, é impossível a qualquer escritor mortal retratar, com sucesso, Cristo como personagem literária. Só consigo lembrar-me de duas tentativas parcialmente bem-sucedidas na literatura. Uma é a fábula de Dostoievski, O grande inquisidor4, na qual Cristo não fala uma palavra sequer e realiza apenas um único ato (um beijo, como o que Judas lhe deu no jardim). A outra é Aslam, o grande senhor-leão de Nárnia, de C. S. Lewis. Entretanto, esta só foi bem-sucedida pelo artifício de um duplo distanciamento: de Cristo como homem para Cristo como leão, e do globo terrestre para a terra imaginária de Nárnia.

Lewis, assim, deitou fora os "dragões despertos" da convivência e da obrigação que 3 Publicado em português pela Ediouro, Apologia de Sócrates [N. do E.].

4 Ou, Noites Brancas, Editora 34, 2005 [N. do E.].

impedem nosso espírito de reagir com o mesmo respeito e admiração naturais que todos os contemporâneos de Cristo sentiam na sua presença. Assim, a criança, o eu em nós, sente diante de Aslam o que deveria sentir diante de Cristo: Aslam não é um leão manso.

Seja como for, um simples filósofo e escritor de ficção de segunda categoria nem mesmo sonha com tamanho sucesso. O diálogo imaginário entre Sócrates e Jesus, seja no céu, seja na terra, no sentido literal está além das minhas forças.

Entretanto, Atos dos Apóstolos, capítulo 17, deu-me uma pista. Se o apóstolo Paulo, o discípulo de Cristo, encontrou a tradição de Sócrates ainda viva entre os discípulos confusos do filósofo, séculos mais tarde no Areópago, em Atenas — o centro do mundo idólatra — por que Sócrates não poderia ter encontrado alguns discípulos confusos de Cristo, séculos mais tarde, na Escola de Teologia "Havalarde"5, na cidade que se denomina "a Atenas da América", no centro do mundo heterodoxo? Os epicureus e estóicos que Paulo menciona em Atos 17 consideravam-se discípulos de Sócrates. (Os epicureus eram apóstatas socráticos, mas os estóicos eram apenas socráticos heterodoxos). Na "Havalarde", os teólogos consideram-se discípulos de Cristo. Os teólogos injustos são cristãos apóstatas, e os justos são cristãos heterodoxos. E irônico,

mas não impossível, que Sócrates encontre o Deus verdadeiro ali, no lugar menos provável do mundo, já que Paulo encontrou verdadeiros seguidores de Deus no Areópago, também o lugar menos provável. Tal como havia feito à Atenas primitiva, Sócrates não se devia deixar influenciar por nossas falácias, fantasias, fraquezas e tolices, nossos discursos acadêmicos improdutivos, disfarces, exibicionismos e conversas frívolas, e —

ainda assim — encontrar a Verdade.

Se o apóstolo Paulo descobriu os verdadeiros seguidores de Javé no coração da mais elevada idolatria, julguei igualmente possível que Sócrates encontrasse o Deus verdadeiro no centro da mais alta heresia. Sócrates é como o menininho de A roupa nova do Imperador6. A peça teatral apresentada neste livro concentra-se não só no modo pelo qual Sócrates refuta as confusões entre alunos e professores, mas também em como ele se vale dessas mesmas confusões como estratégia para chegar ao Deus verdadeiro, que finalmente encontra — e se converte. Só alguém maravilhado com o amor de Deus teria perseverado em meio a indícios tão comprometedores; só alguém faminto pela verdade teria mergulhado no entulho de lixo moderno e fascinante da "Havalarde", na esperança de encontrar algumas migalhas do que procurava.

Se eu tivesse de reescrever o livro hoje, não teria muito a acrescentar, pois as heresias são quase tão perenes quanto a verdade. O Sócrates que expôs as pretensões dos sofistas certamente perceberia os igualmente presunçosos Jesus Seminar [Seminário de Jesus]7 e Bible Code [Código da Bíblia] .8

Entretanto, teria Sócrates cogitado sua passagem ao cristianismo? A razão humana é assim tão poderosa? Claro que não! O cristianismo não é o fim de um debate filosófico, mas conseqüência de um milagre divino inacreditável e totalmente inesperado. É

provável, porém, que os ecos desse milagre, embora abafados e corrompidos, não passem de impressões digitais suficientes para que esse Deus detetive revele o Deus verdadeiro a partir deles.

Apesar de tudo, a razão humana, embora decaída, é projetada por Deus. Não há

5 "Have It Divinity School", em inglês. Obviamente, "Have It" (qualquer coisa como "Pegue-a") é expressão trocadilhesca, apresentando similitude de som com Harvard, a famosa universidade americana [N. do R.].

6 Hans Christian ANDERSEN. (Martins Fontes, 2001) [N. do EJ.

7 Um grupo de aproximadamente cem pesquisadores em Novo Testamento, fundado em 1985 por Robert Funk e patrocinado pelo Wester Institute. A finalidade da pesquisa — que resultou inicialmente em duas publicações: The Five Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus (1993) e The Acts of Jesus: The Search for the Authentic Deeds (1998) — é determinar o que Jesus, como personalidade histórica, deve ou não ter dito e feito sob perspectiva crítica [N. do E.].

8 Michael DROSNIN. The Bible Code. (USA Simon & Schuster, 1997) [N. do T.].

nada de errado com essa espada, apenas a forma como a empunhamos, tendo em vista que foi moldada no céu, não na Universidade "Havalarde". Falando de modo menos espiri-tuoso: Deus não enviou apenas alguns profetas especiais, como Moisés, para um povo especial, mas também o profeta interior universal da razão e da consciência para todos os povos. Os homens medievais gostavam de dizer que Deus havia escrito dois livros: a natureza e as Escrituras. Uma vez que Deus é o Autor, e esse mestre nunca se contradiz, os dois livros nunca se contradizem. Esse Deus que nunca se contradiz também nos deu dois detectores da verdade, a fé e a razão; conclui-se que a fé e a razão, se empregadas corretamente, nunca se contradizem; as heresias, no entanto, são totalmente contrárias à razão. Embora nem todas as verdades da fé possam ser provadas pela razão, todos os argumentos contra essas verdades podem ser refutados racionalmente.

Desse modo, é possível que Sócrates, representante da razão natural, em sua melhor forma, perceba muito das irracionalidades e incoerências das heresias modernas contra a religião que ele nunca conheceu. Que encontre seu caminho de volta para a verdadeira religião, ao ler as Escrituras judaicas, sem o "auxílio" das inocula-ções de professores cristofóbicos contra a temível doença do verdadeiro cristianismo.

Sócrates não teve profetas para guiá-lo, exceto o profeta universal da razão. No entanto, os cristãos sabem que isso não é meramente um poder humano, mas um feixe de luz que emana do Filho de Deus: "a verdadeira luz, que ilumina todos os

homens" (Jo 1.9), o Logos, a lógica de Deus. No início era a lógica, e a lógica estava com Deus, e a lógica era Deus. Sócrates tinha apenas a lógica, no entanto ela não é um punhado de regras humanas que se usa numa partida como se os conceitos fossem fichas de pôquer, mas é a ciência da natureza divina. A lei da identidade fundamenta-se na verdadeira identidade e imutabilidade divinas. A lei da não-contradição fundamenta-se na integridade da natureza divina e na realidade de que Deus jamais se contradiz. O princípio do terceiro excluído9 fundamenta-se no fato de que todas as alternativas têm sua base no único Deus: Deus ou não-Deus, verdade ou falsidade, luz ou trevas, realidade ou ficção. O

princípio da razão suficiente fundamenta-se no fato de que Deus é a razão suficiente em si, a inteligência infinita.

A história repete-se muitas vezes neste livro, e inclui três estágios: (1) a razão em busca da Verdade; (2) a surpreendente descoberta da Razão de que a Verdade última requer Fé; (3) a feliz descoberta da Razão de que essa Fé é mais racional do que qualquer Razão já tenha descoberto antes. Esse é o padrão das narrativas de todos os grandes cristãos amantes da sabedoria. Só para citar alguns: Justino Mártir, Agostinho Blaise Pascal, Soren Kierkegaard, John Henry Cardinal Newman, G. K. Chesterton, C. S.

Lewis. Será que Sócrates ficaria de fora?

Ele foi apenas um pagão, naturalmente, mas Deus, de forma generosa, proporcionou sinais em toda parte: natureza, homem e História. A alma do homem, concebida e criada à imagem de Deus, é dotada de três faculdades, presentes unicamente no homem: o intelecto, a vontade moral e a imaginação (idéias). Deus deixou pistas, em abundância, em todos os três. Comunica-se com a vontade por meio da consciência universal e de profetas inspirados; com a imaginação, por intermédio dos (falíveis, mas às vezes muito belos) mitos de cada cultura; e com o intelecto, pelos filósofos gregos. O primeiro filósofo verdadeiro, avô de todos os filósofos, é Sócrates. Todas as três pistas são indicadores de Cristo. Portanto, neste livro, Sócrates não faz outra coisa senão realizar o que Deus, basicamente, designou à razão.

9 BAUMGARTEN (1714-62) completou o conceito aristotélico de contradição fundando o "princípio do terceiro excluído" na própria estética da lógica clássica [N. do T].

1

Da cicuta para a Universidade "Havalarde"

Sócrates, em seu habitual traje grego (manto do filósofo), repousa totalmente coberto por um lençol em uma pedra ou laje de mármore de função incerta, situada em um amplo porão, na Biblioteca Engrandecer na Universidade "Havalarde", um renomado centro de aprendizagem, em Camp Rich, Massachusetts, no ano de Nosso Senhor de 1987. O

lençol se move; lentamente Sócrates, como que sondando o ambiente, surpreende um visitante e aparece, com um olhar de soslaio e indagador.

Sócrates: Fédon! Fédon! Você ainda está aqui? Acho que a cicuta não está funcionando como deveria. (Movimenta os pés, olha-os, então senta-se devagar. Estica os braços) Na verdade, sinto-me mais vivo do que nunca! (Joga o lençol.) Ou... será possível que estou... (Olha em volta, com mais ansiedade ainda.) Onde estou? Críton?

Fédon? Símias? Cebes? Onde estão os meus amigos, pessoal...! (Hesita e olha em volta) Apoio? (Longa pausa, totalmente imóvel, olha para o coração) O DEUS

DESCONHECIDO? (Trêmulo)

Flanagan (Entrando com uma vassoura): Ei! Que agitação é essa e por que tanta conversa? (Vê Sócrates) Oh!, perdão, senhor, eu não sabia que o clube de teatro estava ensaiando aqui. E você, quem é então?

Sócrates: Toda a minha vida procurei por essa resposta.

Flanagan: Ah? Foi? Você está louco, homem? Acha que você está morto?

Sócrates (Perdido dessa vez): Eu... eu, realmente não sei, para ser franco. (Pondera consigo mesmo) Eu sempre acreditei e ensinei que o eu real (a consciência subjetiva interior) era a alma, e que a alma era imortal; no entanto, eu, esse eu-essência, é que sou imortal. Mas eu pensava que era o meu corpo que tinham acabado de executar, já que bebi a taça inteira de cicuta. O carcereiro não

permitiria que eu deixasse escorrer uma gota sequer como libação aos deuses. Ele disse que prepararam a quantia exata.

Flanagan: Vou dizer uma coisa, você é mesmo um bom ator. Esse é o traje de ensaio?

Sócrates: Hum... Uma das últimas coisas que ensinei aos meus amigos antes de tomar o veneno foi que o verdadeiro filósofo vive a vida como se fosse um ensaio geral com vestimentas para a morte. Então, falei-lhes que "praticar a filosofia corretamente é um ensaio para a morte". Mas pensei que minha noite de estréia havia terminado. Já não tenho mais certeza disso. Aprendo novamente um algo já conhecido, que a minha certeza mais certa está em saber que não estou certo. Parece que nunca aprendemos a primeira lição. Mas... que lugar é este? Não se parece com as Ilhas Afortunadas10, ao menos não do jeito que eu imaginava. Mas, então, aprendo a suspeitar de todas as expectativas e preconceitos, sobretudo dos meus, e a acolher as surpresas e esperar o inesperado.

(Olha pelo vão da porta) O que vejo aqui? Livros?

Flanagan: Naturalmente. Há quinhentos mil aqui.

Sócrates (Desconfiado): Quinhentos mil livros! Oh... talvez sejam as Ilhas Afortunadas, afinal. Mas onde estão os autores? Não posso conversar com um livro, pois ele sempre dá as mesmas respostas, não importa o que pergunte. Certamente, alguns de seus autores chegaram às Ilhas. Homero está aqui? Espero há muitos anos para lhe perguntar centenas de coisas sobre aqueles deuses do seu...

10 Referência à lenda clássica e céltica Isles of the Blest ou Fortunate Isles [N. do T.].t 9 | P á g i n a

Flanagan: Ah, entendi... você ainda está representando seu papel... Tudo bem, amigo, vamos representar juntos. Há alguma fala para eu ler, ou isso é, como dizem, ad lib?

Sócrates: Agora estou duplamente confuso: não consigo entender sua pergunta, mas entendo perfeitamente sua língua primitiva, embora ela não seja minha língua nativa clássica e eu nunca a tenha estudado. E possível que seja anamnésia. Eu costumava ensinar que aprender realmente é recordar, mas não

achava que incluísse línguas estrangeiras, apenas verdades universais eternas. Hum... (Pensa por segundos, perplexo, faz um gesto de cabeça e se volta para Flanagan.) E você? Você não se parece com uma divindade nem com um espírito abençoado. Mais uma vez, preciso aprender a não ter expectativas. Qual é seu nome? E, mais importante, qual a sua raça?

Flanagan: Meu nome é Flanagan, e sou o porteiro aqui. E não sou divindade nem espírito, a menos que um ousado escocês-irlandês vivo seja realmente um espírito abençoado, e ainda duplamente abençoado, eu imagino. Mas, você é que é o enigma aqui, não eu; também parece velho demais para um aprendiz... a menos que eles maquiem as pessoas e as transformem em uma obra-prima...

Sócrates: Oh, não, nunca é tarde demais para aprender.

Flanagan: Então você está matriculado aqui?

Sócrates: Aqui? Onde é "aqui", por favor?

Flanagan: Ora, Havalarde, é claro.

Sócrates: Faz alarde? Quem está fazendo alarde?

Flanagan: Não, refiro-me à Universidade Havalarde, aqui em Camp Rich, Massachusetts. O coração da academia.

Sócrates: Academia! O meu discípulo Platão tinha planos grandiosos para algo que ele chamava sua "academia", no bosque de Academe. Significa que a Havalarde realmente leva a isso? Esse...? (Gesticula.)

Flanagan: Sim, pode-se dizer que... sim.

Sócrates: O que tem aqui? E o coração do Estado Ideal?

Flanagan: Não! É só a Biblioteca Engrandecer. O que se espera que aconteça aqui é que todos acreditem que esses livros "engrandeçam" a mente. Embora eu sempre fale que o que esse saber faz com as pessoas é transformar os seus acessos leves de loucura em verdadeira loucura. Mas, você não sabe mesmo onde está? Tem amnésia?

Sócrates: Só na mesma proporção em que todos têm, eu acho; esquecimento

mesmo, esquecimento de quem somos de verdade.

Flanagan: Ah, entendo. Então, quer dizer que você já faz parte deste lugar; muito bem, é normal entre os loucos... um filósofo, é isso?

Sócrates: Sim, é o que sou. Alguém que ama a sabedoria.

Flanagan: Agora você está só representando, não está?

Sócrates: Eu lhe asseguro que estou falando sério. A última coisa de que me lembro antes de acordar neste lugar foi de tomar o veneno e esperar que a morte me levasse.

Você não é a morte, é?

Flanagan: Será que a Morte é um porteiro?

Sócrates: Muitos de minha família pensavam que ela fosse um barqueiro.

Flanagan: Mas então o que o levou a tomar veneno?

Sócrates: Ah, não foi suicídio, eu garanto; fui executado.

Flanagan: Executado, que trágico! E por quem, me diga, por favor?

Sócrates: Pelos quinhentos mais um, é claro. A mão do carcereiro que me deu a taça não estava mais manchada de sangue do que a minha11. Ambas foram comandadas por vontade do povo. Aqueles democratas ignorantes acreditavam que "a voz do povo fosse a voz de Deus". Eu realmente espero que vocês tenham superado essa superstição aqui, onde quer que seja aqui.

Flanagan: Eu acabei de lhe falar onde é aqui. E não vá criticar os democratas. As roupas que você usa não parecem caras o suficiente para um republicano.

Sócrates: Eu não entendo... Este lugar não é a minha cela da prisão e você não é um ateniense. Será que fui levado ao exílio no último minuto por meus amigos? Pedi tanto a Crito que não fizesse isso. Que tipo de terra estrangeira é Cabbage, Massachusetts?

Flanagan: Se você realmente fala sério, então deve ter tido um pesadelo e acordou com amnésia.

Sócrates (Confuso epensativo.): Muitas vezes, eu costumava comparar a vida a um sonho, porque a morte sempre me pareceu um despertar. No entanto, a vida sempre me pareceu mais real que qualquer sonho. E então acontece isso.

Flanagan: Ao menos sabe seu nome?

Sócrates: E evidente que sim. Meu nome é Sócrates.

Flanagan: Ora, com certeza é. E o meu é Einstein.

Sócrates: Não estou entendendo, achei que você havia dito que era Flanagan.

Flanagan (A parte.): Que horror, acho que o sujeitinho está maluco mesmo! (Para Sócrates.) Veja bem, vamos tentar acomodá-lo de algum jeito. Tem alguma identificação com você?

Sócrates: O meu rosto bastava para qualquer um em Atenas.

Flanagan: Ah, ah! Logo vejo por quê. Olha... você tem uma cara de rã!

Sócrates: É o que as pessoas costumam dizer. E eu que pensei que havia sido

"espetado" como uma rã como dizem. Mas agora... (Procura no manto e tira um cartão de matrícula)) Parece que eu tinha um pedaço de papel comigo, um papel colorido. Que estranho. Como rosa. O que significa isso? (Lê, balança a cabeça e entrega o papel a Flanagan) Pode interpretar para mim? Eu entendo as palavras, mas não o significado, pois todos parecem substantivos. Não consigo perceber a seqüência. Que gramática primitiva esquisita! Como é possível um substantivo modificar outro?

Flanagan: Vejamos... (Faz caretas, lê, relaxa.) Ah, Escola de Teologia Havalarde.

Sim, aqui é a Escola de Teologia e este é o seu formulário de matrícula. Que interessante, tem até seu nome nele e está matriculado com o nome de Sócrates. Acho que o computador tem senso de humor. Em todo caso, você é um aluno da Escola de Teologia Havalarde.

Sócrates: Escola de Teologia? Então isso aqui é o céu? Eu vou aprender a ser um deus?

Flanagan: Você está querendo me fazer rir, Sócrates?

11 Provável alusão a Bloody Hand, peça heráldica pertencente à nobreza, isto é, todos (os heraldistas) são culpados [N. do T.].

Sócrates: Não, Einstein, não estou.

Flanagan: Ora, deixa disso, não me chame de Einstein!

Sócrates: Como quiser, Flanagan. Você é o porteiro dos deuses?

Flanagan: Por Deus, você é insensato como um menino!

Sócrates: Você jura por Deus em vez de pelos deuses! Poucos conheciam esse grande segredo na minha cidade. Aqui devem ser as Ilhas Afortunadas, certamente!

Flanagan: Oh, pare de mentir, homem! Ninguém mais fala em deuses nos dias de hoje.

Sócrates: Será que estou em outra época e em outro lugar?

Flanagan: Bem, se você é Sócrates, eu diria que sim. Há alguns milhares de anos, pelo menos, calculo eu. (Refletindo, de repente.) Ei! Tem magia negra acontecendo aqui?

Eu não tenho nada a ver com a obra do Diabo! Se você está fingindo, vou entrar no seu jogo, e, se estiver doente, vou ajudá-lo, mas se estiver envolvido com magia negra, então está doente demais para eu poder ajudá-lo.

Sócrates: Como eu já lhe disse, Flanagan, não tenho idéia de como vim parar aqui.

Mas parece ser bom demais para ser obra da magia negra, mas não bom o suficiente para ser o paraíso. Embora eu desconfie da intuição, não há nada mais

a fazer, por enquanto, e, até que haja outras evidências, devo concluir que provavelmente ainda estou na terra.

Flanagan: Ora, é claro que está, homem. Sinta seus ossos, então. Isso não é espírito, com toda a certeza.

Sócrates: O importante, entretanto, não é onde eu, matéria, estou, mas por que eu, o espírito, sou o alvo. Tem alguma idéia de por que me colocaram aqui?

Flanagan: Nenhuma. A não ser que esteja aqui para me ajudar a limpar esse chiqueiro, porque esse pessoal joga o lixo em qualquer lugar, e este velho porteiro tem de pôr em ordem dois dias de bagunça em um único dia. Acho que há outros afazeres para você, como a Escola de Teologia, por exemplo.

Sócrates: Sim, este parece ser o lugar ideal para mim. Sou um estudante vitalício; por uma razão ou por outra, esse papel de matrícula parece ser um sinal para eu continuar. Sempre acreditei que todas as coisas, mesmo as mais estranhas, são governadas por um plano divino perfeito e nenhum mal pode atingir um homem de bem, seja nesta vida, seja na outra. Então devo prosseguir nesta aventura que me foi enviada por Deus, seja ela qual for. (Prepara-separa sair, olha para suas roupas e em seguida para as de Flanagan)) Imagino que eu me sentiria um tanto quanto deslocado, se todos aqui se vestissem como você.

Flanagan: Oh, não se preocupe. Não existem leis contra togas. Tem de tudo por aqui: sonhadores, feministas liberais e até fundamentalistas.

Sócrates: Algum dia, ainda preciso explorar essas estranhas criaturas. Certamente há tantas perguntas que quero fazer...

Flanagan: Escute, eis um conselho, se não se importa: não pergunte demais nem faça as perguntas erradas, se é que você quer ficar longe de problemas.

Sócrates: Meu Deus, esse conselho me pareceu tão familiar! (Pausa) Agora sei que não estou no paraíso. Porque, como disse em meu último discurso, não admitiria que os filósofos tivessem problemas aqui por fazerem perguntas, como acontecia comigo em Atenas. Hum... parece que temos outra Atenas aqui. Então a Escola de Teologia não é 12 | P á g i n a

uma escola para deuses aprendizes.

Flanagan: Rá, rá, essa é boa! Acho que algumas das personagens de lá agem como se pensassem que são aprendizes de deuses, realmente, e é possível que não sejam nem mesmo aprendizes.

Sócrates: Creio que fui enviado para cá pelo mesmo motivo de ter ido a Atenas e pelo mesmo Deus, com a missão de ajudar as pessoas a se lembrarem de quem elas realmente são.

Flanagan: Veja, eu queria poder acompanhar você, porque já posso até prever confusão com gente do seu tipo e os que não aceitam que façam gracejos das profecias de um velho irlandês. Mas estou aqui para arrumar esta bagunça, e você parece ter vindo para arrumar outro tipo de bagunça, ou experimentar, sei lá... algo assim; não sei bem ao certo. Cuidado, porque, quando dá na veneta do profeta, ele perde o controle do que faz, sabia?

Sócrates: Acho que sei, amigo, e obrigado pelo conselho camarada. Acho que gostaria de pesquisar com você, se não se importa, depois que tentar na Escola de Teologia. Você parece dar segurança à minha jornada, uma âncora na terra e o bom senso à medida que me aventuro pelos mares e ares da filosofia. Será que podemos conversar novamente mais tarde?

Flanagan: Ora, é claro, estava escrito que isso deveria acontecer, eu acho. Agora vá.

Estarei por perto, quando precisar de mim. Estou sempre perambulando para lá e para cá e às vezes você vai me ver, mas outras, não.

Sócrates: Obrigado, Flanagan. Deus esteja com você. (Sai.) Flanagan: Oh, ele está, ele está! (Olhando em direção a porta, enquanto acompanha a saída de Sócrates) Agora, por que será que ele veio parar aqui? Estou curioso para saber.

2.

Como progredir na vida fugindo do "progresso"

Sócrates está na esquina de uma rua na Havalarde Square, em Camp Rich, Massachusetts, parecendo totalmente ultrapassado. Ele se demora olhando o trânsito, tanto de veículos quanto de pessoas, com uma sensação de encanto e desencanto, parecendo, de início, fascinado, em seguida pensativo e, então, sentimental. Ou seja: primeiro perplexo; em seguida reflexivo; e por último piedoso. Essas três sensações levam certo tempo para passar, como a maré, fazendo desaparecer o dilema estampado em sua face. Assim que passa a última sensação, Bertha Broadmind [Beth Cabeça], uma estudante da Escola de Teologia Havalarde, reconhece-o e presta atenção nele. A princípio, ela também está perplexa; em seguida, assume ar de reflexão e, por fim, de piedade. A medida que Sócrates começa a andar sem destino, procurando, em vão, por um ponto de referência, Bertha alcança-o de repente.

Bertha: Sócrates! É você mesmo?

Sócrates (Surpreso e satisfeito): Ora, sou eu! Como me conhece? Mandaram-na aqui para me encontrar? Eu esperava um mensageiro de Deus, mas me perdoe, você não parece um.

Bertha: Oh, Sócrates! Você é tão, tão socrático! É você ou não é?

Sócrates: É claro que eu sou eu, a menos que a lei da não contradição tenha sido anulada aqui. Mas, onde é aqui?.

Bertha: Sócrates, você está no centro da academia, o principal cérebro do mundo, na Universidade Havalarde que é conseqüência da grande invenção de seu discípulo Platão.

E aqui onde são ensinados muitos dos nossos reis da filosofia ou coisas do gênero. Na verdade, vamos ver... ah... aquele cartão que você tinha em mãos... que se parece com um cartão de inscrição para a Escola de Teologia Havalarde. Olha, e é mesmo! Genial, você vai fazer alguns cursos comigo. Fantástico! Venha, eu o ajudo a encontrar o local da sua inscrição.

Sócrates: E, tenho impressão de que preciso ser conduzido por você. Enquanto estamos indo, poderia me explicar algumas dessas estranhas visões que meus cansados olhos estão vendo? Parece que não há lembrança alguma delas na minha mente.

Bertha: Seria um prazer, Sócrates. E um privilégio para mim ensiná-lo! Falar sobre todo o progresso do mundo desde a sua época. Deve ser extraordinário para você ver cerca de dois mil anos de progresso em um dia!

Sócrates (Parando repentinamente no meio da rua.): Você disse dois mil anosl
Bertha (Agarrando-opor trás.): Cuidado, Sócrates! Os táxis não param para filósofos aqui.

Sócrates: Flanagan? Nossa, que estranho. Achei que tinha visto... Deixe para lá.

Aquela... aquela coisa era um "táxi"?

Bertha: As pessoas não costumam mais caminhar longas distâncias, mas andam de carro. Sim, todas aquelas coisas são carros. Gostaria de dar uma volta em um desses?

Sócrates: Eu acho que prefiro caminhar.

Bertha: Você está com medo?

Sócrates: Não, adoro caminhar. As pessoas não gostam mais de caminhar? Aquelas coisas carro parecem uma forma de não se caminhar mais, não são?

Sócrates: Você quer dizer que as mulheres também trabalham?

Bertha: Geralmente sim!

Sócrates: Então as mulheres de sua época se acham tão escravizadas quanto os homens?

Bertha: Escravizadas?

Sócrates: Escravizadas pela necessidade de trabalhar em funções desagradáveis

só por causa do dinheiro.

Bertha: Sócrates, tente não ser tão crítico.

Sócrates: Você quer dizer, tentar não ser eu mesmo? Tarefa difícil!

Bertha: Eu quis dizer, tentar olhar do nosso ponto de vista.

Sócrates: Estou tentando, mas não consigo. Não entendo por que o rosto da maioria das pessoas para quem olho é tão triste, se vocês progrediram tanto? Por que todos correm nervosamente apressados como escravos preocupados em desagradar seus senhores?

Bertha: Não é tão ruim assim, Sócrates.

Sócrates: Vamos ver. (Ele pára um grupo de vários tipos de pessoas.) Com licença, meus amigos: alguém entre vocês teria uma ou duas horas disponíveis para conversarmos sobre as melhores coisas da vida, como virtude e verdade?

Transeunte 1: Você deve estar brincando!

Transeunte 2: Quem é esse excêntrico?

Transeunte 3: Virtude e verdade! E alguma marca importante?

Sócrates: Você entende, Bertha? E isso que eu não consigo entender.

Bertha: Ah, Sócrates, eles só não têm tempo.

Sócrates: Mas se as máquinas dão comodidade, quem a rouba de vocês?

Bertha: Ninguém.

Sócrates: Então a entregam assim, de graça? Isso é ainda mais surpreendente!

Bertha (Puxando Sócrates de volta para o meio-fio, no momento exato.): Olhe a luz vermelha! Que coisa, você precisa prestar mais atenção por onde anda em vez de ficar com a cabeça nas nuvens, falando sobre virtude e verdade!

Sócrates: Você acabou de salvar a minha vida? Tenho a impressão de ver... Bem, obrigado. Realmente, até as calçadas são perigosas aqui. Mas você parece

desviar-se da coisa mais perigosa de todas.

Bertha: Do quê?

Sócrates: Da filosofia.

Bertha: Ah, temos filósofos aqui.

Sócrates: Onde eles estão?

Bertha: No departamento de filosofia.

Sócrates: A filosofia não é departamento.

Bertha: Só sei que temos filósofos.

Sócrates: Eles são perigosos?

Bertha: Claro que não.

Sócrates: Então eles não são filósofos de verdade. Diga-me, ninguém no mundo de vocês obedece ao primeiro mandamento do deus?

Bertha: O que é isso?

Sócrates: Conhece-te a ti mesmo.

Bertha: Oh, é claro. Muitos vão a psiquiatras e psicólogos...

Sócrates: Eles são filósofos?

Bertha: São como médicos da alma. As pessoas vão até eles para se libertarem de seus problemas.

Sócrates: Neste caso, eles não são filósofos, pois os filósofos criam problemas.

Bertha: Você afirmava isso, Sócrates; entretanto, hoje, ninguém é executado por filosofar.

Sócrates: Será que é porque se interessam ou porque não se interessam por filosofia?

Bertha: Eu acho que a maioria não se interessa, pois está ente-diada com a filosofia.

Sócrates: Espere, há uma palavra que não entendo. O que é estar "entediada"?

Bertha: Eu não entendo o que acontece, pois você fala tão bem português. Como não entende a palavra?

Sócrates: O português... na verdade... Mas estou aqui, sem saber como falo sua língua primitiva sem nunca tê-la aprendido. Contudo, não me esqueci da minha e eis uma palavra que não tem equivalente algum nela. Talvez as pessoas só tenham começado a empregá-la na época de vocês. É possível relacionar essa palavra com a adoração ao seu novo deus?

Bertha: Deus?

Sócrates: Progresso.

Bertha: O progresso não é um deus, Sócrates.

Sócrates: Se você já sabe disso, então por que o trata como se fosse?

Bertha: Acha que fazemos isso? A maioria de nós acredita em um único Deus, exatamente como você.

Sócrates: Bem que eu vi! Quer dizer que meu segredo é conhecido depois de todos esses anos? Diga-me, então, mais uma coisa: como encontra sossego e momentos a sós nesse mundo para que possa conversar com o seu Deus, com você mesma e com seus pensamentos?

Bertha: Pensando bem, não temos muito sossego ou momentos a sós em nosso mundo.

Sócrates: E o que parece. E por quê?

Bertha: Acho que não gostamos muito disso. Para dizer a verdade e pensando bem, é isso que damos como castigo aos nossos criminosos mais perigosos, o

pior castigo que entendemos.

Sócrates: Você não está falando sério? A grande dádiva dos momentos a sós?

Aquilo a que os sábios anseiam como algo mais precioso que o ouro?

Bertha: Receio que é assim, Sócrates.

Sócrates: Começo a entender por que fui enviado para cá. Mas não vejo por que você chama tudo isso de "progresso". Todo o seu mundo é tão abominável quanto este lugar?

Bertha: Calma, Sócrates! Você vai ofender os nativos, pois este lugar é a Havalarde Square, um dos lugares mais populares para morar. As pessoas pagam o dobro para morar aqui em vez da zona rural (campo).

Sócrates: Oh, então vocês ainda têm zona rural também?

Bertha: Sim.

Sócrates: Onde há grama verde, árvores que fazem bem à saúde e ar com cheiro de ar?

Bertha: Sim, ainda há abundância de áreas não devastadas.

Sócrates: Mas, se vocês preferem viver em lugares como este, por que qualificam a região campestre de "não devastada"? E por que escolhem viver em lugares que classificam como "devastados"?

Bertha: Não sei. Imagino que seja por acharmos o campo entediante.

Sócrates (Com um suspiro.): Eis esta palavra de novo! Uma invenção de vocês que eu acho que não conhecíamos.

Bertha: As pessoas nunca ficaram entediadas em sua Atenas, Sócrates?

Sócrates: Acho que não, pois, se tivessem ficado, teriam inventado uma palavra para isto. Nós, gregos, éramos muito bons nisso, você entende, na invenção de palavras.

Bertha: Mas você viveu na cidade em vez de no campo, não foi?

Sócrates: E que Atenas era uma cidade bonita. (Outro suspiro.) Imagino que tudo tenha se acabado.

Bertha: Não, as ruínas ainda estão de pé e a maior parte do Partenon também; é um ponto turístico muito popular.

Sócrates: Oh! Eu amaria visitá-la a qualquer preço! A que distância está? Podemos ir andando até lá?

Bertha (Sorrindo.): Não, Sócrates, são milhares de quilômetros adiante, do outro lado do oceano. Você precisaria voar até lá.

Sócrates: Acho que você está confundindo a minha identidade: o nome é Sócrates, não Ícaro.

Bertha (Sorrindo mais ainda.): Não, eu quero dizer, em um avião, um pássaro mecânico que voa quilômetros em uma hora.

Sócrates: Como se fosse um deus! (Refletidamente.) E de modo tão diferente! Mas me diga, por que os turistas ainda visitam as ruínas da velha Atenas?

Bertha: Ora, porque eram muito bonitas, naturalmente.

Sócrates: Eu não entendo, então! Se você admite que Atenas é mais bonita que Camp Rich, Massachusetts, então por que não constróem cidades como Atenas em vez de como Camp Rich? Esqueceram-se de como se faz ou perderam a prática?

Bertha: Não.

Sócrates: Como, "não"?

Bertha: Simplesmente, porque não podemos voltar no tempo, Sócrates.

Sócrates: Não só podem como deveriam voltar, caso o presente se torne insustentável, como parece ser o caso do mundo em que vocês estão vivendo.

Bertha: Isso é muito sagaz, Sócrates.

Sócrates: Não, não é sagaz, mas é simples e sério. Por que não é? Porque não foi uma questão retórica, mas uma objeção em favor de uma resposta.

Bertha: E porque não se pode desfazer o progresso, é claro.

Sócrates: Oh, sim, eu tinha esquecido. O deus destrutivo de vocês está muito exigente e muito ciumento.

Bertha: O progresso não é um deus; ele nos serve, não nós a ele.

Sócrates: Ah, é assim? Então ele os tornou mais felizes?

Bertha: Eu... Eu acho que não sei.

Sócrates: E acha que deveria?

Bertha: Eu penso que sim.

Sócrates: Vamos ver se podemos melhorar seu conhecimento de uma suposição para uma certeza, ao encontrarmos uma evidência. Se um senhor se serve do trabalho de um escravo, esse senhor espera se tornar mais feliz, sob certo aspecto, por esse trabalho?

Bertha: Naturalmente. Do contrário ele não teria um escravo.

Sócrates: E o progresso, você diria que é escravo em vez de mestre em sua época?

Bertha: Sim.

Sócrates: Então vocês esperam que ele os faça mais felizes?

Bertha: Prossiga...

Sócrates: A próxima pergunta, então, é se o progresso fez isso por vocês. As pessoas em sua época estão mais felizes do que eram antes de o progresso chegar?

Bertha: Não sei.

Sócrates: Se vocês não sabem se os fez mais felizes ou não, então por que optaram por ele?

Bertha: Eu creio que ele, de fato, nos faz mais felizes hoje. Mas não sei como você falaria isso; como será possível comparar duas culturas diferentes?

Sócrates: Ora, indo em busca de pistas. E parece haver muitas: por exemplo, há menos descontentamento expresso na literatura da época? Menos agitação e revolução política? Menos mudanças agitadas no mundo? Poucas guerras e sem muito alcance?

Poucos mudando de vida, de emprego, de casa, de esposa ou de marido, por insatisfação? Menos alienação mental? Poucos crimes? Poucos estupros, abuso infantil, infanticídio, abortos? Menos medo da morte por causa dos indivíduos e da sociedade?

Menos incerteza se a vida vale a pena ser vivida?

Bertha (Suspirando.): Não, Sócrates. Há muito mais!

Sócrates: Mais do quê?

Bertha: De todas estas coisas. Sócrates (Sem acreditar.): Mais de todas estas coisas?

Bertha: Sim.

Sócrates (Ainda incrédulo.): Todas?

Bertha: Sim, todas!

Sócrates: Uma coisa, então, ao menos, parece bastante clara: as pessoas da sua sociedade estão mais infelizes que as da minha.

Bertha: Penso que preciso admitir isto.

Sócrates: E você, apesar disso, ainda acredita no progresso?

Bertha: E claro que acredito.

Sócrates: Que grande fé você tem em seu deus.

Bertha: Isto não é fé, Sócrates.

Sócrates: Bem, na certa, não é razão nem evidência.

Bertha: Estou totalmente confusa. Preste atenção, nós estamos na avenida Divindade. Lá está o hall da Escola, logo abaixo.

Sócrates: Não tem ar de um local que lembre coisas divinas. Aquela é a Escola de Teologia?

Bertha: Não, ela fica na avenida Franciscano.

Sócrates: Podemos ir por esse caminho da avenida Divindade? Será que vamos encontrar alguns deuses?

Bertha: Não, a avenida Divindade não tem saída.

Sócrates: Eu já devia ter-lhe dito isso.

Bertha: O quê?

Sócrates: Quero dizer que a ambição de ser uma divindade não é muito promissora.

Bertha: A minha única ambição neste momento é voltar para uma rua que tenha saída.

Sócrates: Mas penso que você está tentando se transformar em um deus, em seu novo deus progresso. Parece que você já se tornou semelhante a seu deus, sempre mudando, nunca pensando. Ah, existe também um banco. Você se lembra se agimos contra a natureza de seu deus, por um momento sequer? Quero dizer, se paramos e pen-samos? Vamos nos sentar aqui e terminar nossa conversa antes de alcançarmos outro exemplo de progresso chamado "matrícula".

Bertha: Tudo bem. Eu gostaria de chegar ao fundo dessa coisa de progresso.

Sócrates: Sorte sua. Ora, isso que eu chamo de progresso.

Bertha: Você falou que o progresso é nosso senhor, não nosso escravo; no

entanto, não é assim, pois somos os senhores do Universo, subjugamos a natureza. Progresso é isso, e pelo menos isto você não pode negar.

Sócrates: Talvez negar não, mas podemos investigar?

Bertha: Certamente.

Sócrates: Você me disse que vocês controlam a natureza agora?

Bertha: Sim, muito mais que no passado, em todos os aspectos.

Sócrates: Diga-me, o que você comentaria sobre este caso: imagine uma carruagem puxada por quatro cavalos teimosos. Suponha que você também possa empregar uma daquelas coisas-carro de vocês, como exemplo. Agora, imagine uma criancinha com as 19 | P á g i n a

rédeas, no controle. Ao mais leve toque da criança, os cavalos obedecem; a criança controla os cavalos e os cavalos, a carruagem. Mas o que tem o controle da criança?

Pense que a criança seja tão cega e tão teimosa quanto os cavalos; então imagine que ela não controla a si mesma, nem o próprio controle. Você diria que essa criança está sob o controle da carruagem?

Bertha: Você está querendo dizer que isso é a imagem do nosso mundo?

Sócrates: Eu é que pergunto: vocês dominam o controle? Costumam ser pessoas de grande autocontrole?

Bertha: Não. Acho que somos pessoas muito violentas.

Sócrates: Neste caso, a carruagem da sociedade em que vocês vivem está em perigo.

Bertha: Você não sabe nem da metade, Sócrates: bem neste momento, duas nações rivais têm armas chamadas bombas nucleares, que podem destruir cada único ser vivente na Terra, basicamente por suspeitarem um do outro.

Sócrates: Por Zeus! Uma criança desobediente com uma arma gigantesca! Que combinação perigosa!

Bertha: Também parece que estamos preocupados com o nosso controle, porque uma das nossas histórias mais populares é sobre um doutor Frankenstein, que cria um monstro mecânico, com fúria assassina.

Sócrates: Oh, eu não vi as máquinas com fúria assassina funcionando. Parece que vocês as estão controlando muito bem. Mas dão a impressão de estarem preocupados com vocês mesmos; por exemplo, sobre se serão imprudentes o bastante para usar essas armas terríveis.

Bertha: Eu não acho que sejamos tão imprudentes, Sócrates.

Sócrates: Então, por que não se livram de todas essas armas? Assim, ambas as partes respirarão aliviadas e ficarão mais felizes.

Bertha: Possivelmente somos esses tais tolos, Sócrates. O que você diz é perfeitamente lógico, mas não agimos assim.

Sócrates: E mesmo que vocês não fossem tão imprudentes quanto ao uso dessas armas, as máquinas não parecem estar fazendo vocês felizes, nem trabalhando como seus escravos; são, por isso, um indício deficiente de progresso e poder.

Bertha: Tornaram-nos mais sábios, em todo caso; sabemos muito mais que vocês, os gregos primitivos, sabiam.

Sócrates: Você quer dizer que o conhecimento sozinho faz de você um sábio?

Conhecimento é a mesma coisa que sabedoria?

Bertha: Não, mas nós, pelo menos, temos mais conhecimento.

Sócrates: Qual é mais valioso, o conhecimento ou a sabedoria?

Bertha: A sabedoria.

Sócrates: Então, onde está sua sabedoria moderna?

Bertha: Na verdade, falamos, em geral, de "sabedoria antiga" e "conhecimento moderno", em vez de falarmos o contrário.

Sócrates: Desse modo, você concorda que os povos da Antigüidade eram mais

sábios, enquanto os modernos têm mais conhecimento?

Bertha: Acho que sim.

Sócrates: E você sabe que essa sabedoria é a mais valiosa?

Bertha: Sim.

Sócrates: Então por que vocês substituíram a coisa mais valiosa pela menos valiosa?

E por que chamam isso de "progresso"?

Bertha: Bem, pelo menos sabemos mais. Evoluímos nessa área, de alguma forma.

Sócrates: Vocês conhecem coisas como: nascer e morrer; amar e odiar; vida e Deus, mais do que nós?

Bertha: Certamente. Sabemos milhares de coisas sobre estes que você nunca soube.

Sócrates: Vocês podem até conhecer mais sobre elas, mas vocês as conhecem mais?

Bertha: Não entendo a distinção que você está fazendo.

Sócrates: Por exemplo, vocês devem saber qual é a temperatura de amanhã de modo bem mais exato que nós, eu suspeito.

Bertha: Sim.

Sócrates: Mas vocês pensam que conhecem o clima em si melhor que um marinheiro ou um fazendeiro que convivem com o clima, companhia constante de toda a vida?

Bertha: Oh, eu entendo. Bem, de certa forma não, mas de outra sim. Podemos controlá-lo mais. Por causa do nosso conhecimento, podemos controlar muitas forças da natureza que você nunca sonhou controlar. Fomos capazes de voar até

a Lua, por exemplo...

Sócrates: Realmente incrível! E é um lugar gostoso de se viver?

Bertha: Não, não há vida lá. E impossível viver lá.

Sócrates: Então, por que foi bom ir até lá?

Bertha: Você precisa questionar tudo?

Sócrates: Sim.

Bertha: Observe algo mais: podemos nos comunicar com alguém a dez mil quilômetros de distância em um instante, mais rápido que o mensageiro dos deuses. Com certeza, isto é progresso.

Sócrates: Sim. Você tem mais alguma coisa que valha a pena dixer?

Bertha: Podemos cultivar o alimento com dez vezes mais eficiência.

Sócrates: E assim vocês acabaram com a fome?

Bertha: Bem, não... Mas podemos curar milhares de doenças.

Sócrates: Não sabia que existiam milhares de doenças. Vocês já inventaram alguma nova?

Bertha: Eu... eu mal posso acreditar no que estou ouvindo, Sócrates. Sempre pensei que você fosse um progressista.

Sócrates: O que é um progressista?

Bertha: Alguém que está à frente de sua época.

Sócrates: Como alguém pode estar à frente de sua época? É possível viajar mais rápido para o futuro que o tempo?

Bertha: Significa à frente de outras pessoas de seu tempo. Por exemplo, você não se manifestou em favor da liberdade de expressão dos direitos do homem e da

sacralidade da opinião de todo homem em sua Apologia, no último discurso antes de o tribunal condená-lo à morte?

Sócrates: Se Platão registrou o meu discurso corretamente, vocês não vão encontrar sequer uma idéia dessas lá. Talvez vocês tenham interpretado de modo equivocado.

Bertha: O quê? Você nega aquelas idéias?

Sócrates: Eu não disse aquilo. Deveríamos investigá-las.

Bertha: Não, agora não. Não há tempo.

Sócrates: Na minha época, teria tempo, mas vocês vivem em meio a tanto progresso...

Bertha: No que acredita, Sócrates, se não crê naquelas coisas ou no progresso?

Sócrates: Como eu disse em meu julgamento, acredito no deus, embora não possa nomea-lo.

Bertha: Mas um deus é imutável, não é?

Sócrates: Sim. Esta foi uma das razões pelas quais eu não dei nome ao deus Zeus ou mesmo a Apolo. Os deuses nos quais meus companheiros atenienses acreditavam eram tão inconstantes como o vento ou como um daqueles semáforos de vocês.

Bertha: Mas, se o seu deus é imutável, você vive em um mundo estático; logo, não há possibilidade de progresso.

Sócrates: Eu considero exatamente o contrário.

Bertha: O quê?

Sócrates: Só podemos progredir se o deus não alcançar o progresso. Bertha: Como imagina isto?

Sócrates: Você não definiu progresso como uma mudança para melhor?

Bertha: Sim.

Sócrates: E "melhor" significa "o mais perto do máximo"?

Bertha: Sim.

Sócrates: E o deus é o melhor?

Bertha: Sim.

Sócrates: Bom. Também acredito nisso. Meus compatriotas acreditavam em deuses que eram alguma coisa inferior ao que é o melhor. Bem, então, se o progresso significa mudança para melhor, e se o deus é o melhor, nesse caso o progresso significa mudar em relação ao deus.

Bertha: E daí?

Sócrates: O deus, portanto, é o objetivo do progresso.

Bertha: Eu ainda não entendo qual é a questão básica de tudo isso.

Sócrates: Suponha que o deus, o objetivo do progresso, esteja mudando; portanto, o progresso torna-se impossível. Como avançar na direção de um objetivo que se manifesta 22 | P á g i n a

em retrocesso? Seria possível um atleta evoluir até a linha de chegada, se alguém ficasse movimentando a linha enquanto ele corre?

Bertha: Não.

Sócrates: Então, se o deus avança, você não pode avançar, porque deus é o seu objetivo. Sem uma meta imutável, não se pode julgar qualquer mudança como progresso.

Assim você não pode ter nenhuma esperança.

Bertha: É claro que temos esperança.

Sócrates: Qual é a sua esperança?

Bertha: Um mundo melhor.

Sócrates: Mas o que é um mundo melhor? Como pode saber que mundo é

melhor sem o melhor como padrão?

Bertha: Vivemos apenas de esperanças.

Sócrates: E sem definir seu objeto?

Bertha: Sim, sem definir o objeto, pois isso o limitaria. Atingir uma extremidade pode ser entediante, pois é o percurso para chegar lá que é bom. "A viagem é melhor que a chegada."

Sócrates: Oh, não, não pode ser.

Bertha: Por que não?

Sócrates: Se você não tem esperança de chegar, então como pode viajar esperançosamente? Não há nada pelo que esperar.

Bertha: Mais esperança é o que esperamos. Um dos nossos sábios homens disse:

"Não há nada a temer senão o temor em si mesmo". A esperança também é assim, pois não há nada pelo que esperar, senão a esperança em si.

Sócrates: Mas como esperar na própria esperança? Esperança na esperança?

Esperança de quê? Imagino que você também esteja apaixonada pelo amor, e não por alguém? Você tem fé na fé em vez de fé no deus?

Bertha: O que há de errado com isso?

Sócrates: E como um salão de espelhos, que não tem nada fora dele para aparecer neles. Como Narciso, você vê apenas o próprio reflexo.

Bertha: Sócrates, estou realmente decepcionada com você. Pensei que você fosse mais atualizado que isso. Sócrates: Atualizado? Bertha: É 1987.

Sócrates: E estou aqui, portanto estou bem atualizado. Bertha: Mas você não acredita em 1987. Sócrates: Claro que não. Como se pode acreditar em um número?

Bertha: Quis dizer que você não acredita em progresso. Sócrates: Estou tentando lhe dizer isso por muito tempo, mas sem muito sucesso. Não, eu não. Eu não

acreditava nos deuses modernos e atuais, em que meus compatriotas acreditavam também, e fui executado por isso. Diga-me, as pessoas ainda acreditam em Zeus hoje?

Bertha: Não. Ninguém mais.

Sócrates: Bem, então você não percebe? As crenças mais atuais do meu mundo eram aquelas que foram datadas logo, e a mesma coisa vai acontecer com as suas, eu lhe asseguro, incluindo este novo deus progresso. E quando isso acontece, aí será progresso verdadeiro.

Bertha: Oh, preste atenção, chegamos à Escola de Teologia. Lá está a fila de 23 | P á g i n a

matrícula. Olhe, preciso me matricular no segundo andar. Acha que pode ficar só por alguns minutos, sem problemas? Eu creio que não. Aqui está um jornal; por que não vai lendo enquanto espera na fila? Ele vai lhe dar alguma idéia ainda do que está acontecendo com nosso mundo.

Sócrates: O New Yuck Times?

Bertha: Sim, este é o nome do nosso maior jornal.

Sócrates: Prefiro ler as eternidades. Eu não imaginava que vocês tivessem tamanha publicação aqui.

Bertha: Gostamos de nos manter atualizados aqui na Escola de Teologia.

Sócrates: Imaginava que fosse tempo demais para esperar, mas eu esperava realmente que a "Escola de Teologia" teria algo a fazer com as eternidades. Os deuses de vocês não são eternos?

Bertha: Esta é outra coisa sobre a qual discutimos aqui.

Sócrates (Animado.): É mesmo? Então talvez este seja o lugar certo para mim, depois de tudo.

24 | P á g i n a

3

Seria Jesus um fundamentalista?

Bertha Broadmind percebe Sócrates andando, de modo confuso, de um lado a outro durante o processo de matrícula na Escola de Teologia Havalarde. Sócrates parece meio perdido, então Bertha abre caminho em meio à multidão e o alcança.

Bertha: Já terminou de fazer a matrícula, Sócrates?

Sócrates: Acho que sim. Meu cartão de identificação já está com os meus cursos listados, portanto deduzi que seja quem for que providenciou para que eu estivesse aqui também o fez para os meus cursos. Ainda não tenho idéia de quem seja. Pelo jeito, só um deus poderia influenciar pessoas em um momento como este, assim o melhor que tenho a fazer é seguir a sua direção, seja quem for. E provável que eu tenha sido enviado para cá a fim de descobrir algo; ou, quem sabe, descobrir quem sou eu ou as duas coisas. De algum modo, essas duas questões parecem interligar-se de modo inexplicável.

Bertha: Deixe-me ver em que cursos você está matriculado, Sócrates. Hum...

Ciências da Religião, Religiões Comparadas, Fundamentos da Desmitificação... Que bom!

Faremos alguns cursos juntos.

Sócrates: O que, pelo amor de Deus, é "desmitificação"?

Bertha: E uma saída para o fundamentalismo. Os fundamentos da desmitificação pretendem desmitificar o fundamentalismo.

Sócrates: Mas o que é fundamentalismo?

Bertha: Fundamentalismo é basicamente uma estreiteza de visão que passa a considerar tudo a partir de categorias rígidas, limitadas e preconcebidas.

Sócrates: E uma daquelas máquinas pensantes que vocês têm, os computadores?

Então um computador é um fundamentalista?

Bertha: Oh, acho que preciso tornar a minha definição um pouco mais

específica.

Sócrates: Quer dizer que um pensamento limitado transforma a pessoa em fundamentalista?

Bertha: Não sei se levo você a sério ou não. Não, o fundamentalismo não significa apenas ter um pensamento limitado, mas é um termo religioso. Um fundamentalista obriga a tudo e a todos a aceitarem suas categorias religiosas limitadas e insuficientes.

Sócrates: Que categorias são essas?

Bertha: A salvação e a condenação, principalmente. O discurso deles é que, se você não nascer de novo como eles, irá para o inferno.

Sócrates: A meu ver, esta idéia, independentemente do que signifique, é repulsiva para você. É isso mesmo?

Bertha: É claro que é. É a atitude mais anticristã.

Sócrates: O que é ser cristão? Pelo que percebo você é cristã?

Bertha: Estou tendo aulas de Estudos Religiosos aqui.

Sócrates: Não foi esta a minha pergunta!

Bertha: É possível até que eu seja ordenada como obreira.

Sócrates: Você ainda não respondeu à minha pergunta.

Bertha: Tudo bem. Só não posso acreditar que, se você não nascer de novo, irá para o inferno.

Sócrates: Acho que você não quer responder a minha pergunta. Bem, vamos tentar outra. Suponho que você tenha razões para acreditar e não acreditar, não tem?

Bertha: Claro.

Sócrates: Então?

Bertha: O que quer dizer com então? Ah, entendo. Você quer saber por que não acredito no fundamentalismo. Ora, porque é uma limitação maldita.

Sócrates: Achei que você disse que eles se consideravam os salvos e, por isso, a atitude deles era mesquinha demais. Assim, seriam "salvos egoístas" e não "condenados egoístas", não seriam?

Bertha: Hein?

Sócrates: Por favor, só me diga por que acredita que o fundamentalismo não é verdade?

Bertha: Oh, bem, porque, se fosse, a maioria do mundo estaria no inferno, e só uma elite reduzida e seleta estaria no céu.

Sócrates: Sim, mas como sabe isso?

Bertha: Ora, porque é a lógica, claro. Você não percebe?

Sócrates: Perceberia, se eu observasse. Vamos observar. Essa conclusão é fruto de que premissa?

Bertha: E tão simples, Sócrates. Se só os nascidos de novo estão salvos e apenas alguns nasceram de novo, logo, somente alguns estão salvos. Você não parte sempre da lógica?

Sócrates: Partir dela? Eu a dei ao mundo.

Bertha: Oh, desculpe. Esqueci.

Sócrates: Certo, mas vamos observar o seu silogismo, se você não se importa.

Certamente ele parece irrepreensível, mas eu gostaria de tangenciar o irrepreensível, se possível. O seu argumento realmente é reductio ad absurdurn12, como se diz. Você nega a premissa fundamentalista de que só os nascidos de novo estão salvos porque ela logicamente impõe a conclusão absurda de que apenas alguns estão salvos. Não está certo?

Bertha: Sim.

Sócrates: Então, a minha pergunta é: como sabe que a conclusão é absurda?

Bertha: E você não acha que seja?

Sócrates: Não estamos considerando o que eu penso, mas o que você pensa. Eu não sei nada sobre essa coisa nova e estranha chamada fundamentalismo, mas você sabe. Você está me ensinando, lembra? Assim, por favor, faça isso por mim e continue me ensinando.

Bertha: O que quer saber?

Sócrates: O que já perguntei duas vezes e não foi respondido, ou seja: como sabe que a conclusão de que só alguns estão salvos é falsa?

12 Expressão latina que significa redução ao absurdo.

Bertha: Não posso acreditar nisso, simplesmente; isso é tudo. E um absurdo.

Sócrates: Vocês não têm justificativa alguma para essa crença?

Bertha: Será que preciso justificar tudo em que acredito?

Sócrates: Se concorda que a vida sem questionamento não vale a pena ser vivida, então precisa realmente justificar. "Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês."13

Bertha: Bem que eu vi! Você acabou de revelar o seu disfarce, "Sócrates". De onde tirou essa citação?

Sócrates: Sobre ávida sem questionamento? Ora, eu a inventei há milhares de anos, em minha canção do cisne, na Apologia. Eu sei que ainda está por aí porque acabei de ver uma cópia naquela estante lá. O que quer dizer com "acabou de revelar o seu disfarce"?

Bertha: Refiro-me à outra citação, sobre dar uma justificativa a tudo; é bíblico.

Quando foi que leu a Bíblia?

Sócrates: Eu não a li. E o que eu disse não era citação; só falei porque pensava ser verdade.

Bertha: Significa que você disse exatamente a mesma coisa que o apóstolo Paulo?

Sócrates: Eu não sei quem é ele, mas não seria bastante surpreendente se a verdade fosse a mesma na forma de dizer de duas pessoas diferentes?

Bertha: Eu diria que você é quase tão inteligente quanto ele. Veja bem, se você já terminou tudo referente à matrícula, é melhor darmos isso por encerrado! Vejo você na aula.

Sócrates: Eu não entendo por que você não quer terminar a nossa investigação. Nós só começamos. E como ouvir uma canção pela metade; você não quer ficar e cantar a outra metade para mim, por mim, se não for por você? Eu ainda não tenho sequer uma idéia do que realmente seja essa coisa terrível chamada fundamentalismo.

Bertha: Certo, tudo bem. Onde estávamos?

Sócrates: O argumento era que o fundamentalismo deve ser falso porque diz que somente os nascidos de novo são salvos e se somente alguns são nascidos de novo, então apenas alguns serão salvos, caso o fundamentalismo esteja certo. Mas você achou esta conclusão absurda, sem dar nenhuma razão para isso. Agora, já que você não vai apresentar uma razão para isso, vou tentar outra abertura na câmara interna do entendimento que está ligada a esse argumento. A segunda premissa pode ser uma porta. Podemos discutir se você quiser. Como sabe que só alguns são nascidos de novo, independentemente do que isso signifique?

Bertha: As pesquisas todas dizem isso.

Sócrates: Essa coisa de nascer de novo, se dá por dentro ou por fora de nós?

Bertha: Por dentro de nós; isto é, no coração ou na alma.

Sócrates: E as pesquisas avaliam o coração ou a alma?

Bertha: Não.

Sócrates: Então como podem saber quantos realmente nasceram de novo?

Bertha: Eles não podem, eu acho. Mas ainda discordo da estrei-teza dos 13 1 Pedro 3.15.

fundamentalistas. Este é o princípio básico. Quem eles pensam que são para dizer que vão para o céu?

Sócrates: Esta parece ser uma pergunta extremamente importante, em qualquer caso, não parece? Como ir para o céu? Como ter uma eternidade feliz?

Bertha: Sim...

Sócrates: Por isso, devemos tentar encontrar a verdadeira resposta para isto, talvez antes de todas as outras.

Bertha: Agora você está começando a falar como um deles.

Sócrates: Se é isto que significa eles — isto é, as pessoas que fizeram aquela pergunta — então parece que elas são racionais; já os que não a fizeram são tolos e limitados.

Bertha: Não. Vamos fazer a pergunta. Eu sou tolerante; por isso, admitiria qualquer pergunta.

Sócrates: Que bom. Ora, como poderíamos encontrar a resposta a uma pergunta desse tipo? Você já esteve no céu?

Bertha: E óbvio que não.

Sócrates: Quer dizer que isso ainda não faz parte da sua experiência?

Bertha: Não.

Sócrates: Quando queremos descobrir a verdade sobre uma questão que não faz parte de nossa experiência, o que fazemos?

Bertha: Não sei o que você quer dizer.

Sócrates: Quando queremos descobrir o que se sente quando se é rico, o que fazemos?

Bertha: Perguntamos a alguém que é rico, é lógico.

Sócrates: E não a seus colegas estudantes daqui? *

Bertha: Não.

Sócrates: E quando queremos descobrir como se faz um grande poema, o que fazemos?

Bertha: Perguntamos a um grande poeta.

Sócrates: E não a este New Yuck Times que tenho debaixo do braço?

Bertha: Não, porque isso não é poesia.

Sócrates: E quando queremos descobrir como viajar pelo Egito, a quem perguntamos?

Bertha: A um egípcio.

Sócrates: E não às pesquisas?

Bertha: Não, seria tolice. Por que está fazendo estas perguntas?

Sócrates: Para encontrar um princípio. Você entende isso?

Bertha: Imagino que você queira dizer que, quando queremos conhecer a verdade sobre algo que não faça parte de nossa experiência, perguntamos a um especialista, o único que realmente conhece por experiência.

Sócrates: Exatamente. Bem, então, quando você quiser saber como ir para céu, há alguém a quem perguntar?

Bertha: Não sei.

Sócrates: Que pena! Que tema você disse que estuda aqui?

Bertha: Cristianismo.

Sócrates: E o que é isso?

Bertha: Cristianismo é a nossa religião.

Sócrates: Por que é chamado "cristianismo"?

Bertha: Porque fundamenta-se em Jesus, que é também chamado "Cristo".

Sócrates: Este Jesus, você diria que ele foi um fundamentalista?

Bertha: Certamente não!

Sócrates: Ele é o seu especialista em céu e em como chegar lá?

Bertha: Se existe alguém que pode ser, esse alguém é ele.

Sócrates: Mais que as pesquisas, o Times ou os seus colegas estudantes?

Bertha: Com certeza.

Sócrates: Assim, se houvesse diferença de opinião sobre esse assunto, Jesus seria a autoridade mais confiável?

Bertha: Bem, sim...

Sócrates: Ora, qual a resposta de Jesus para a nossa pergunta de como chegar ao céu?

Bertha: Oh, mas essa é uma questão muito controversa. Há muitas escolas teológicas cujas opiniões são diferentes, denominações e igrejas diferentes e não há sequer uma simples resposta com a qual todos concordem. E uma questão de interpretação; por isso, acredito que deveríamos ser tão imparciais e tolerantes quanto possível: liberdade de interpretação, é nisso que insisto. O que Jesus quis dizer está longe de ser simples, e cada um precisa interpretá-lo a própria maneira.

Sócrates: Oh, então esse Jesus não era um homem comum, um homem do povo, que falava com pessoas simples e para elas?

Bertha: Sim, era o que ele mais fazia.

Sócrates: Então ele não era um bom professor?

Bertha: Sim, era também. Por que a pergunta?

Sócrates: Um bom professor é aquele que verdadeiramente sabe se comunicar, você não diria? Alguém que se faça entender?

Bertha: Sim.

Sócrates: Bem, aparentemente, esse tal Jesus não era um professor muito eficiente, já que os discípulos dele, da atualidade, discordam tanto sobre o elemento mais importante da sua doutrina: como ir para o céu.

Bertha: Como eu disse, é uma questão de interpretação.

Sócrates: Mas certamente há uma questão anterior: o que ele disse? Antes de interpretarmos um enunciado, devemos conhecê-lo. Diga-me, então: Jesus falou que havia muitas maneiras de chegar ao céu ou só uma? Falou que essa maneira era uma 29 | P á g i n a

entre muitas ou a única?

Bertha: Ah! Bem, ele disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, a não ser por mim". Mas o que ele quis dizer com isto, eu acho que era...

Sócrates: Será que inicialmente podemos entender o que ele disse, antes de investigarmos o que ele pôde ter tido a intenção de dizer?

Bertha: Que vantagem teríamos se não entendêssemos? Por que repetir as suas palavras como papagaios, se não sabemos interpretá-las corretamente? E assim que os fundamentalistas fazem.

Sócrates: Diga-me, você acha que devíamos agir cientificamente por meio de nossas atitudes, diante de sua Escritura?

Bertha: Oh, com certeza, porque são os fundamentalistas que não agem com cientificidade, além de desconfiarem da ciência, principalmente quando

aplicadas à Escritura. Por que temos de ouvir as coisas horríveis que dizem sobre a crítica superior...

Sócrates: Uma coisa de cada vez, por favor. Não estamos nem mesmo acima da baixa crítica ainda, apenas agrupando dados. Podemos abordar os dados mais à frente?

Esse tal Jesus disse que o caminho para o céu era largo e fácil, e que muitos o encontrariam?

Bertha: Na verdade, ele disse o contrário. Mas isso não quer dizer que...

Sócrates: Desculpe-me por interrompê-la outra vez, mas podemos reunir os nossos dados primeiro, antes de interpretá-los? Talvez você esteja prestes a falar alguma verdade, mesmo uma verdade essencial; entretanto, a verdade também tem uma estrutura e uma ordem, não tem? Não deveríamos conhecer a coisa interpretada antes de conhecermos a interpretação?

Bertha: Exato.

Sócrates: Agora, Jesus falou da questão defendida pelos fundamentalistas, isto é, de nascer de novo?

Bertha: Sim.

Sócrates: O que exatamente ele disse sobre isso, no que se refere a entrar no céu?

Bertha: Bem, ele disse: "Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo".

Sócrates: Entendo, eu acho. Este "ver" aqui significa "entrar"?

Bertha: Acho que sim.

Sócrates: E "o Reino de Deus" é a mesma coisa que céu?

Bertha: Também imagino que sim.

Sócrates: Então Jesus e os fundamentalistas parecem dizer a mesma coisa com referência a esta pergunta mais importante. Você aparentemente não concorda

com nenhuma delas. O que você diz, em vez disso?

Bertha: Eu digo que todo aquele que é sincero é aceito por Deus. O meu Deus não é um juiz, um discriminador.

Sócrates: E Jesus? O Deus no qual ele acredita é juiz? Ele faz discriminação entre salvos e condenados, de acordo com as doutrinas de Jesus?

Bertha: Bem, Jesus contou muitas parábolas sobre o Julgamento Final, sim, mas...

mas não tem como Jesus ter sido um fundamentalista. Isso é certo!

Sócrates: Esta parece ser a sua premissa inquestionável e incontestável. Tudo bem, então, vamos resumir a questão toda. Parece que temos três proposições aqui, e uma delas, ao menos, deve ser falsa. Primeira, que Jesus não é um fundamentalista; segunda, que Jesus ensinou que é preciso nascer de novo para ir ao céu; e terceira, que o fundamentalismo é a doutrina que prega a necessidade de um novo nascimento para se poder ir ao céu. Você consegue perceber que uma dessas proposições deve ser falsa?

Bertha: Sim.

Sócrates: Agora, qual delas? Há três saídas deste trilema: a sua, a que parece ser a dos fundamentalistas e a minha.

Bertha: Quais são elas?

Sócrates: Eis a sua saída, se não estou enganado: você admite, primeiro, que Jesus possivelmente não pode ser um fundamentalista...

Bertha: Sim...

Sócrates: Em segundo lugar, você disse que o fundamentalismo ensina que é preciso nascer de novo para ir ao céu.

Bertha: Sim.

Sócrates: Assim, a sua conclusão deve ser a negação de que Jesus ensinou esta doutrina.

Bertha: Na verdade, você está certo. Eu realmente questiono a autenticidade do Quarto Evangelho.

Sócrates: Eu não vou perguntar o que significa isso neste exato momento. A segunda saída do trilema é a dos fundamentalista, se não estou enganado. Isto é, admitir, primeiro, que Jesus de fato ensinou a doutrina de que é preciso nascer de novo para ir ao céu; e, segundo, que essa doutrina é o fundamentalismo, daí a conclusão de que Jesus é um fundamentalista.

Bertha: Certo. Qual é a terceira saída, a sua?

Sócrates: Eu não tenho razão alguma para discordar, seja das minhas duas fontes, seja de você mesma, seja da sua Escritura, já que não tenho a pretensão de conhecer mais que você ou mais que eles. Então, aceito a minha primeira premissa que é sua, que Jesus não é um fundamentalista; a minha segunda premissa é a da sua Escritura, que diz que Jesus ensinou a doutrina do "novo nascimento"; portanto, concluo que a doutrina do

"novo nascimento" não é a mesma do fundamentalismo. Desse modo, parece que não fomos bem-sucedidos em definir o termo que nos propusemos a definir.

Bertha: Eh!

Sócrates: Por favor, você gostaria, então, de começar novamente e fazer uma tentativa de definir o termo para mim?

Bertha: Não.

Sócrates: Não?

Bertha: Não, eu não estou disposta a ter uma dor de cabeça, e sinto que uma se aproxima. Vou para casa tomar uma aspirina, pois você deixou minha cabeça rodando como um pião.

Sócrates: Meu Deus, a mesma e velha história. Outra vez estou decepcionado de amor.

Bertha (Aguçando os ouvidos.): Amor?

Sócrates: O amor à sabedoria: a filosofia. Você deveria experimentá-la uma vez.

Pode funcionar melhor que a aspirina. Mas prepare-se para decepções, pois acho que você não está. A coisa amada é muito ilusória. Entretanto, assim é o Deus, como sempre acreditei. Espero estar aqui para aprender mais sobre a busca desse Deus secreto.

Bertha: De algum modo, me sinto ofendida.

Sócrates: Eu estava tentando ajudar a nós dois.

Bertha: Bem, você não me ajudou. Minhas idéias estavam evoluindo muito bem até que você se aproximou e me confundiu. Você me faz regredir mais do que evoluir.

Sócrates: Ora, a regressão pode significar progresso.

Bertha: Como pode ser?

Sócrates: Quando estamos em um caminho errado. E não há tantos caminhos errados na mente quantos forem os caminhos errados para o corpo, no mundo?

Bertha: Mas para onde você se volta quando fica perplexo?

Sócrates: Se posso dar uma sugestão: não seria uma boa idéia se você voltasse a consultar o seu especialista?

Bertha: Jesus, você quer dizer?

Sócrates: Sim, estou interessado em saber mais sobre ele, se ele, de fato, é o especialista. Não seria possível que ele estivesse certo sobre o caminho do céu em vez das pesquisas, do Times ou de seus colegas de aula? É apenas uma suposição, você entende, mas parece racional, ao menos, considerá-la, não parece? Pelo menos se você é tão tolerante quanto afirma ser?

Bertha: Em outro momento, Sócrates.

Sócrates: Vou ter que aceitar seu adiamento, então, Bertha. Só espero que terminemos nosso jogo realmente sério algum tempo antes que eu seja afastado daqui, para o meu próprio bem, e algum tempo antes que você saia daqui, para o seu próprio bem.

Bertha: Sair daqui?

Sócrates: Para onde os nossos caminhos nos levam após a morte, eu não sei.

Pensei que soubesse onde o meu me levaria, mas acabou que eu estava bem errado.

Espero que isso não aconteça com você ou algo até pior. Antes de nos arriscarmos em um caminho desconhecido, seria prudente apenas consultar um mapa, e, se esse Jesus de quem você fala declara que oferece esse mapa, eu quero muito vê-lo. Poderia me falar mais sobre ele, em breve?

Bertha: Talvez amanhã, Sócrates.

4

Doces confissões

Sócrates e Bertha Broadmind encontram-se nos corredores da Escola de Teologia Havalarde.

Bertha: Bem, Sócrates, aqui estamos, prontos para a sua primeira aula na Escola de Teologia Havalarde. Está nervoso?

Sócrates: Diante da expectativa de aprender? Sim, naturalmente, como sempre estou; à semelhança de um homem faminto diante da possibilidade de comer.

Bertha: Se você é mesmo Sócrates, então está longe de se sentir faminto, pois é tido como um dos homens mais sábios do mundo.

Sócrates: Simplesmente porque sei que estou faminto. Se me conhece, então deve saber o enigma do oráculo que me tornou o que sou. Lembra?

Bertha: É claro que me lembro. O oráculo declarou-o como o homem mais sábio do mundo porque você, por si mesmo, reconheceu que nada sabia.

Sócrates: Não, não é bem assim....

Bertha: Mas é o que Platão diz na Apologia.

Sócrates: Não, não é. Eu li o relato. E claro que está um pouco enfeitado, mas ele é mais preciso que o modo como você o coloca.

Bertha: Como?

Sócrates: Por quatro razões: (1) eu não recebi a mensagem do oráculo, mas sim o meu amigo Querofonte. Ele consultou o oráculo a meu respeito e eu recebi a mensagem por intermédio dele. Acho que foi a maneira de a divindade testar a minha confiança no meu amigo, bem como nela mesma, ao menos essa é a minha suposição; (2) o oráculo não revelou que eu era mais sábio que qualquer um, apenas que ninguém mais era mais sábio do que eu. Interpretei isso da seguinte forma: qualquer pessoa no mundo também podia alcançar uma sabedoria igual a minha, simplesmente ao aprender a única lição que eu havia aprendido: que eu não sou sábio; (3) o oráculo não revelou a causa, a razão, mas deixou que eu a descobrisse, como um enigma. Como poderia um homem com nenhuma sabedoria ser o mais sábio? Passei o restante da minha vida à procura de um homem sábio e, como conseqüência, desenvolvi o assim chamado método socrático. O

enigma do oráculo foi em si mesmo o próprio método socrático: uma pergunta sem resposta. Eu tive que encontrar a resposta. Desse modo, foi, de fato, o oráculo ou a divindade do oráculo a origem do que se chama filosofia, e pelo crime de ser um filósofo fui executado como um ateu; (4) minha resposta não foi que eu reconhecia que não tinha conhecimento, mas que eu não possuía sabedoria alguma, pois todos nós temos certo conhecimento; a sabedoria, no entanto, é um atributo divino. Só Deus é sábio, e ele deu ao homem a tarefa de ir em busca da sabedoria — a filosofia.

Bertha: Magnífico! Foi realmente um bocado, Sócrates. Eu estava errada nos quatro aspectos! Ah, falando em bocados, preciso comprar uma barra de chocolate14 antes da aula. Vem cá, vou mostrar uma coisa que aposto você nunca viu antes. Observe: eu coloco dinheiro nessa máquina e sai doçura!

Sócrates: Pode-se comprar com dinheiro a Forma da Doçura?

14 No original, candy Bar (ou vending machine), além de barra/tablete de chocolate, também designa a máquina que fornece bebidas, doces, cigarros, selos etc, quando nela é colocada uma moeda de valor correspondente [N. do T.].

Bertha: Você sabe o que eu quero dizer. Agora, prove isso!

Sócrates (Provando.): É realmente delicioso. Talvez eu passe a acreditar em progresso, apesar de tudo. Não tínhamos nada igual na minha época.

Bertha: O único problema é que eles são tremendamente en-gordantes e nós dois deveríamos diminuir.

Sócrates: E por quê?

Bertha: Ora, porque estamos gordos, naturalmente.

Sócrates: Muito gordos relativamente a que e para quê?

Bertha: Ora, para sermos considerados bonitos, suponho!

Sócrates: Na minha época, as pessoas rechonchudas eram consideradas as mais bonitas. Eram motivo de inveja, porque só os ricos podiam se dar ao luxo de comidas que engordavam. Como os padrões de beleza mudam!

Bertha: Ah, isso também é progresso, Sócrates, não só mudança de costumes.

Sabemos por intermédio da medicina moderna que a obesidade muitas vezes causa morte prematura, principalmente devido a doenças cardíacas. Não é saudável ser gordo demais.

Sócrates: Eu não sabia disso. Você realmente tem evoluído. As regras de saúde, ao contrário dos costumes, não mudam, e você, me parece, deu um grande passo, ao aprendê-las. Por isso, não deveríamos comer chocolate, se ele engorda, mas praticar a virtude da moderação, da temperança e do autocontrole... A questão é que não há uma boa tradução para sophrosyne15 em sua língua.

Bertha: Eu entendo, mas só hoje vamos esquecer as virtudes e comer, embora saibamos que não devêssemos. Venha, está quase na hora de começar a aula.

Sócrates: Mas a aula já começou para mim, aqui mesmo. O seu último comentário é mais doce até do que a deliciosa barra de chocolate, porque promete comida para a alma se apenas o experimentarmos. Você falou algo que sempre acreditei ser impossível, e adoraria investigar isso para ver se é possível, apesar de tudo.

Bertha: Mas perderemos a aula...

Sócrates: Se entrarmos naquela salinha com os outros e assistirmos a uma aula, aí sim perderemos aula; ou seja, esta, que já estamos tendo. Você não conhece o ditado que mais vale um pássaro na mão que dois voando?

Bertha: Sim, de certo modo, acho que você é um educador mais interessante que o professor Nuance, em todos os aspectos. Muito bem, o que deseja discutir?

Sócrates: Eu sempre acreditei e ensinei que todo o mal é resultado da ignorância, que é impossível conhecer de verdade o que é o bem e o que é o mal e, mesmo assim, escolher o mal em vez do bem. Entretanto, você afirmou saber que o chocolate não era saudável para você, mas o escolheu, apesar disso. Por isso, parece que você acabou de fazer o impossível.

Bertha: Você não acredita no mal, Sócrates?

Sócrates: E claro que acredito. A palavra não existiria se não significasse alguma coisa.

15 Sophrosyne é uma palavra encontradiça nos escritos da Grécia antiga, principalmente nos de Platão. A palavra, em geral, é traduzida por

"moderação" ou "temperança"; busca de equilíbrio na vida diária. No Novo Testamento, a palavra aparece três vezes e tem o sentido de "bom senso"

(lTm 2.15) [N. do C.].

Bertha: Então, como você explica o mal? Por que o escolhemos?

Sócrates: Quando achamos que ele realmente é bom.

Bertha: Como a barra de chocolate?

Sócrates: Sim. Você a escolheu porque era doce, e a doçura é boa ou parece boa, não é?

Bertha: Sim.

Sócrates: Mas parecer e ser não são a mesma coisa, são?

Bertha: Não.

Sócrates: E como se chama a faculdade por meio da qual fazemos distinção entre essas duas; isto é, entre parecer e ser?

Bertha: Conhecimento, discernimento.

Sócrates: Então é a sua falta de conhecimento, que só considerou o que parece ser e não o que é de fato, que responde pela escolha desse mal, por essa coisa que é prejudicial a você.

Bertha: Não, não está certo. Eu tinha plena consciência de que o chocolate não era saudável. Apesar disso, o escolhi.

Sócrates: É o que parece. Vamos analisar esse mistério: por que acha que fez o que disse que sabia não ser correto?

Bertha: Sou apenas humana, Sócrates.

Sócrates: Eu deveria ter imaginado isso. Você não parece uma divindade, de jeito nenhum.

Bertha: Então, sou imperfeita.

Sócrates: Esta é a sua explicação por escolher o mal? A imperfeição se iguala ao mal?

Bertha: Acho que sim.

Sócrates: Vamos testar seu pensamento. Por exemplo: essa arvorezinha aqui

nesse vaso, você diria que ela é imperfeita?

Bertha: Sim, porque ela é pequena e mirrada.

Sócrates: Você diria que ela é daninha?.

Bertha: Não, ela só tem muito para crescer.

Sócrates: Então, imperfeição não é a mesma coisa que mal.

Bertha: Não.

Sócrates: Então, qual é o elemento que estamos omitindo, se não é a ignorância nem a imperfeição? O que explica o mal? O que deve estar presente para que o mal também esteja? Qual é a causa do mal?

Bertha: É uma pergunta muito difícil, Sócrates. Eu não sei.

Sócrates: Acho que você acabou de responder a esta pergunta difícil.

Bertha: O que quer dizer?

Sócrates: Quando você disse: "Eu não sei". A causa do mal é esta: a ignorância.

Bertha: Mas eu sabia que o chocolate não era saudável para mim.

Sócrates: Então por que o comeu?

Bertha: Eu lhe disse: era doce.

Sócrates: Mas a doçura é saudável, não prejudicial.

Bertha: Sim.

Sócrates: Então você o comeu como se fosse um bem aparente.

Bertha: Mas eu também sabia que era de fato um mal para mim. Eu tinha conhecimento. Conheço a medicina moderna.

Sócrates: Isso é realmente um mistério.

Bertha: Eu até sabia que Deus não queria que eu fizesse isso, mas ainda assim eu fiz. E provável que isso tenha sido pecado.

Sócrates: Ora, estamos analisando um mistério por meio do outro. Esta palavra pecado, agora, creio que não entendo.

Bertha: Ah, nem eu. Para dizer a verdade, provavelmente ela seja um mito.

Sócrates: O pecado como um mito?

Bertha: Eu penso que sim.

Sócrates: Mas o que significa? Até mesmo os mitos têm significado.

Bertha: Significa desobedecer a Deus de modo intencional.

Sócrates: E você acredita em Deus?

Bertha: Em algum tipo de Deus, sim.

Sócrates: E você acha que esse Deus deseja que você cuide de seu corpo?

Bertha: Sim.

Sócrates: Então, para você, comer comidas gordurosas é desobedecer à vontade desse Deus, não é?

Bertha: É.

Sócrates: Também é um pecado. Assim, o pecado não é um mito; ele existe, e acabamos de ver um.

Bertha: Foi só um pecadinho, entretanto.

Sócrates: Essa arvorezinha é bem pequena, mas ainda é uma árvore, não é?

Bertha: Sim.

Sócrates: Por isso, um pecadinho ainda é um pecado e nada mais.

Bertha: É verdade.

Sócrates: Mas você disse que o pecado era um mito.

Bertha: Eu acho que eu quis dizer que Deus era perdoador. Eu creio que Deus me aceita como sou. E por isso que me aceito como sou também.

Sócrates: Quer dizer que ele não deseja que se torne mais sábia ou melhor?

Bertha: Não, eu não disse isso.

Sócrates: Então o que quer dizer?

Bertha: Que Deus nos ama a todos.

Sócrates: Mas o que isso tem a ver com a conclusão de que o pecado é um mito?

Bertha: O amor perdoa.

Sócrates: Oh, mas se eu digo "Eu lhe perdôo", é porque há alguma coisa para ser perdoada, não é?

Bertha: Certamente.

Sócrates: Então o perdão pressupõe que o pecado é uma realidade e não um mito.

Bertha: Eu pensei que você não acreditasse em pecado.

Sócrates: Eu disse que não pensava que compreendia o seu significado. Como eu poderia descrer de algo que eu não entendia? Agora, se por acaso eu entendesse algo mais sobre o Deus no qual você crê, eu poderia compreender alguma coisa sobre o pecado no qual você não crê. Acha que seja assim? Devemos seguir esta linha de investigação?

Bertha: Sim.

Sócrates: Bom, então esse seu Deus é perdoador, você confirma?

Bertha: Sim.

Sócrates: Ele perdoa pecados?

Bertha: Perdoa.

Sócrates: E os pecados são afrontas à sua vontade? Desobediência?

Bertha: Sim. Você, apesar de tudo, compreende o pecado.

Sócrates: Não, eu compreendo o conceito, mas acho que não entendo a realidade.

Bertha: Nem eu. Não compreendo, principalmente, como muitos cristãos acreditam no castigo divino, no inferno e no julgamento. Você tem sorte de estar aqui na Havalarde, em vez de em outro lugar, como na Escola Bíblica Bobby Jo16, sabe, onde ainda ensinam esse tipo de coisa.

Sócrates: Por quê?

Bertha: Ora, porque é uma idéia horrível, medonha; esta é a razão.

Sócrates: Mas é verdadeira?

Bertha: O quê?

Sócrates: Eu disse: é verdadeira? Por que a surpresa? E uma pergunta simples.

Bertha: Não é comum as pessoas daqui fazerem perguntas simples como esta, Sócrates.

Sócrates: Então, é possível que eu estivesse em melhor situação na Escola Bíblica Bobby Jo, apesar de tudo. Ou talvez eu tenha sido enviado como um tipo de missionário para este lugar a fim de ensiná-la a fazer perguntas simples como esta.

Bertha: Tudo bem, Sócrates, vou responder a sua pergunta simples: não, ela não é verdadeira.

Sócrates: Obrigado. E como sabe?

Bertha: Porque eu creio que Deus é amoroso e perdoador.

Sócrates: E, portanto, ele também não é justo e punidor?

16 Referência à ultraconservadora Bob Jones University [N. do C.].

Bertha: Sim. Quero dizer, não. Bem, eu não sei sobre o portanto. Sei o que você ia dizer: que, pela lógica, isso não resulta da misericórdia de Deus, que ele não é justo também. Sócrates: E então você ia responder que...?

Bertha: Se continuarmos por esse caminho, a conversa será em uma única direção: só comigo; portanto, não precisarei mais de você.

Sócrates: A minha função é exatamente esta: tornar-me dispensável.

Bertha: Eu não sei mais o que ia dizer. Só sei que Deus é amoroso e isso basta.

Sócrates: Vamos tentar outro caminho, então. Como sabe que Deus é amoroso?

Bertha: Esta é a questão mais importante do cristianismo, de Cristo.

Sócrates: E como você sabe a respeito desse Cristo?

Bertha: Pela Bíblia.

Sócrates: Então você acredita na Bíblia.

Bertha: Bem, na verdade, acho que na maioria das vezes ela é mito.

Sócrates: Como o pecado.

Bertha: Sim. Mas a Bíblia tem grandes lições morais, assim como a sua mitologia grega.

Sócrates: E sobre esse Jesus, a Bíblia conta o que ele disse?

Bertha: Sim.

Sócrates: E ele disse que Deus é amoroso e perdoador?

Bertha: Sim, disse.

Sócrates: Por que você não acha que isso é só mitologia.

Bertha: Hum! Não sei. Nunca pensei sobre isso, acho. Eu acredito e pronto; isso é tudo! Eu concordo com ela nesse ponto.

Sócrates: Quer dizer que você concorda com a Bíblia quando ela concorda com você, mas do contrário, não.

Bertha: Eu não discordo da Bíblia, apenas interpreto algumas partes como mito.

Sócrates: As partes com as quais você não concorda.

Bertha: Você faz que isso pareça desonesto. Eu apenas a interpreto à luz das minhas convicções honestas.

Sócrates: Mas você não poderia interpretar qualquer livro e quaisquer palavras de outro à luz das convicções deles em vez das suas? Quando está interpretando, você tem interesse em saber no que eles acreditam, não tem? Então decide se acredita nisso ou não. Mas, se você não sabe o que é isso, nem no que a outra pessoa acredita, como pode saber se concorda ou discorda dela?

Bertha: Você quer dizer que nós não devemos interpretar um livro à luz de nossas crenças?

Sócrates: E claro que não! Isso mistura duas coisas: interpretação e crença.

Bertha: Ah...

Sócrates: Além disso, se você faz isso, por que então precisa da Bíblia?

Bertha: O que quer dizer?

Sócrates: Se ela concorda com você, é desnecessária; se não concorda, está errada.

Por que ler um livro que ou é desnecessário ou está errado? Para falar a verdade, por que ler ou ouvir alguém? Todos devem ser ou desnecessários ou errados.

Bertha: Isso é ridículo.

Sócrates: E exatamente o que penso.

Bertha: Quero dizer, é ridículo achar que eu estava fazendo isso.

Sócrates: Mas se você interpreta as palavras de outra pessoa à luz das próprias crenças, é exatamente isso que você está fazendo.

Bertha: Estou confusa. O ponto principal é que Deus é perdoador.

Sócrates: Mas por que você acredita nisso?

Bertha: Se eu falar na Bíblia novamente, estaremos de volta ao nosso círculo.

Sócrates: Bem, há alguma outra razão? Você acha que é possível provar isso pela razão, sem a Bíblia ou sem Jesus?

Bertha: Hum. Há muitos argumentos favoráveis à existência de Deus...

Sócrates: Algum deles prova que Deus é perdoador?

Bertha: Vamos ver. Há os argumentos cosmológicos e os argumentos da natureza.

Mas a natureza é irreconciliável; assim, estes argumentos não conseguem provar que Deus perdoa, apenas que ele existe, planeja e é a razão da natureza. E a história da História é tão irreconciliável quanto a natureza, imagino. Crime e castigo. Oh, o que dizer do argumento moral, o argumento da consciência? Este prova mais: prova que Deus é bom.

Sócrates: Mas a consciência é tão impiedosa quanto a natureza, não é? Ela prova que Deus perdoa?

Bertha: Eu imagino que não.

Sócrates: Você tem algum argumento que prove que Deus perdoa?

Bertha: Não.

Sócrates: Então a única maneira de saber que Deus perdoa é por meio de Jesus

Cristo e da Bíblia.

Bertha: Sim.

Sócrates: E essas duas fontes dizem alguma coisa sobre o castigo de Deus, a justiça, o julgamento e o inferno?

Bertha: Dizem.

Sócrates: Todas as três coisas são ensinadas na Bíblia?

Bertha: Sim.

Sócrates: Jesus ensinou todas as três também?

Bertha: Bem, sim, em parábolas, mas eu as interpreto como...

Sócrates: Mito?

Bertha: Sim.

Sócrates: Então, por que não interpreta os ensinamentos de Jesus, de que Deus é bondoso e perdoador, como mito também?

Bertha: Eu simplesmente não posso acreditar que Deus seja rancoroso.

Sócrates: Eu sei no que você acredita, o que não sei é por que acredita. Até agora, tudo o que imagino é que exatamente a mesma autoridade, sua única base para acreditar no perdão de Deus, também mostra o julgamento divino. Não é verdade?

Bertha: Sim, mas...

Sócrates: Mas você aceita a misericórdia divina e rejeita o julgamento, por interpretar o segundo como mito.

Bertha: Sim.

Sócrates: Entanto, a única razão por que faz isso, deve-se ao fato de o

julgamento literal divino contradizer suas crenças.

Bertha: É verdade.

Sócrates: E eu ainda não sei por que você acredita no que acredita.

Bertha: Eu simplesmente acredito, e isso basta. E possível que seja irracional, é possível que escolhamos fazer coisas e acreditar nelas por outras razões que não as racionais. Você nunca pensou nisso?

Sócrates: Como, por exemplo, comer aquela barra de chocolate?

Bertha: Sim. Penso que você está errado ao ensinar que o mal é apenas conseqüência da ignorância. Isso é racionalismo, o qual pressupõe que a razão sempre governa, e não é assim. Ela, muitas vezes, se encontra limitada pelos desejos e pelas vontades.

Sócrates: Acho que você está me convencendo exatamente disso. Para falar a verdade, acho que vi dois exemplos, bem esta manhã, exemplos de algo de que eu duvidava até agora.

Bertha: Dois exemplos?

Sócrates: Sim. A barra de chocolate e as suas crenças. Você optou pelas duas não porque fossem saudáveis ou verdadeiras, mas porque eram doces. A sua crença de que Deus perdoa, mas não julga, mais se parece com uma barra de chocolate, não é? É um pensamento agradável, a idéia de que temos apenas metade da justiça para enfrentar ao nos relacionarmos com Deus, que Deus recompensa a bondade, mas não pune o mal.

Não é um pensamento doce e agradável? E você não se sente atraída por ele do mesmo jeito que se sentia pela barra de chocolate?

Bertha: Sócrates, você é um verdadeiro irmão, sabe? Primeiro, você me tirou da minha aula, uma sessão agradável e confortável ouvindo o professor Nuance. Então me fez sentir mal com relação a comer aquela barra de chocolate, e agora você leva embora a minha certeza e, talvez, algumas das minhas crenças também? Você não deu nada, Só-

crates, nada a não ser problemas; você só leva as coisas embora.

Sócrates: Sim, isso é verdade. Mas isso também pode ser uma vantagem, quando você precisa de dietas em vez de comer, não pode? É possível que sua mente esteja repleta de crenças confortáveis, assim como seu corpo está repleto de comidas gostosas.

Neste caso, vou prestar a você um serviço mais importante, tirando suas gorduras.

Bertha: Pensei que havia falado que as pessoas tinham inveja dos gordos, em sua época.

Sócrates: As pessoas da minha época não eram mais sábias que as do seu tempo, Bertha. Talvez menos ainda, e pode ser que seja por isso que eu estou aqui. Mas ainda não alcancei muita sabedoria, e acho que é hora de eu começar a estudar o seu homem 40 | P á g i n a

sábio, Jesus.

Bertha: Se nos apressarmos, podemos chegar à próxima aula em tempo. Você vai ouvir sobre Jesus lá.

Sócrates: Ele é o único que nos assegura que Deus é perdoador?

Bertha: Sim.

Sócrates: E é o mesmo que também fala da justiça divina e do julgamento?

Bertha: Sim, julgamento sobre o pecado.

Sócrates: Preciso ouvir sobre essa coisa que é o pecado. Eu acho que devo ter negligenciado alguma coisa muito importante quando relacionei o mal com a ignorância.

Talvez a verdade não seja que a ignorância é a causa do mal, mas que o mal é a causa da ignorância, por obstinadamente ignorar a verdade-verdadeira, como a evidência médica sobre as barras de chocolate, e a bíblica sobre o castigo divino.

Bertha: Você está dizendo que não acha que Deus é perdoador?

Sócrates: Certamente não. Como poderia saber isso? Eu não me declaro

conhecedor desse Deus de vocês. Estou aqui para aprender, não para ensinar.

Bertha: Bom, deixe-me ensinar uma coisa, Sócrates, uma coisa da qual tenho certeza: Deus é amor, não julgamento. Sua voz é tranqüila e macia, não um terremoto.

Sócrates: Eu não vou lhe perguntar agora como sabe disso, mas ainda quero saber: por que Deus não pode ser tanto um quanto o outro?

Bertha: Como assim?

Sócrates: O amor não executa os próprios julgamentos? O amor não tem olhos? O

amor não parece um terremoto, bem como uma voz tranqüila e leve? Para falar a verdade, o amor não é o maior dos terremotos?

Bertha: Eu não sei em que Deus você acredita, mas prefiro um Deus de paz.

Sócrates: Oh, mas com certeza a primeira pergunta não é o que você prefere, mas o que é a verdade?

Bertha: A pergunta é: que Deus eu escolho para confiar.

Sócrates: Mas você escolhe suas crenças como escolhe sua barra de chocolate?

Bertha (Confusa.): Não, claro que não... Eu nem sei mais...

Sócrates: Ah, as palavras mágicas!

Bertha: Mas estou certa de que perdemos nossa aula.

Sócrates: Mas não perdemos todo o propósito de uma aula: aprender. Eu, pelo menos, aprendi algo sobre a relação entre o mal e a ignorância que eu não sabia antes. E

acho que talvez você também tenha aprendido alguma coisa que não sabia antes sobre a relação entre crença e o Deus no qual você confia? Ou, pelo menos, sobre não saber o que você achava que sabia?

Bertha: Devo admitir que aprendi isso, a sua antiga e boa lição número um

novamente. Obrigada pela aula gratuita.

Sócrates: Oh, não foi de graça; ela nunca é de graça. Sempre que aprendemos algo novo, pagamos com algo antigo.

Bertha: O que você quer dizer com isto?

Sócrates: Devemos abandonar a ignorância, o preconceito e a falsidade se 41 | P á g i n a

quisermos alcançar a verdade. Para acrescentarmos uma nova idéia na mente, é necessário deixar de lado uma antiga. Assim, todo conhecimento é, a um só tempo, subtraído e acrescentado, perecível e renovável. Observe, a mente parece mais com um hotel e eu sou apenas o seu porteiro, não um hóspede. A minha tarefa limita-se a ajudar a limpar as salas para os hóspedes se acomodarem. Ah, por falar em porteiro, lá está o meu amigo Flanagan outra vez! E lá vem ele novamente tão rápido quanto antes.

Conhece aquele homem, Bertha?

Bertha: Que homem?

Sócrates: Você não viu aquele porteiro alto e grisalho? Ele passou bem na sua frente.

Bertha: Não, Sócrates, eu acho que você está vendo coisas.

Sócrates: É claro que estou vendo coisas. Não sou cego.

Bertha: Opa! Olha a hora. Se eu não for agora, chegarei atrasada para a próxima aula também. Sócrates, nos vemos amanhã, na aula de Religiões Comparadas, do professor Shift [Evasivus]. Aonde você vai agora?

Sócrates: Para um curso chamado Ciências da Religião.

Bertha: Oh, que bom. Meu amigo Thomas Keptic [Ceticus] faz esse curso. Procure por ele sem falta e diga-lhe olá por mim. Você vai gostar dele, Sócrates. Ele faz quase tantas perguntas quanto você. Tchau! Até amanhã.

5

Os milagres podem ser provados?

Sócrates e Thomas Keptic estão saindo da primeira aula do professor Flatland [Tábua Rasa], do curso de Ciências da Religião.

Thomas: E então, Sócrates, o que achou da aula? Foi brilhante, não foi?

Sócrates: Sim, realmente foi!

Thomas: Então, por que parece tão desapontado?

Sócrates: Aulas brilhantes quase sempre me frustram, não por serem brilhantes, mas por serem aulas.

Thomas: Ah, acho que entendo. Você preferiria o método socrático, exato?

Sócrates: Sim, porque perco a oportunidade de perguntar ao professor algumas questões que me tiram a paz.

Thomas: E por que não fez nenhuma pergunta?

Sócrates: Achei que não seria apropriado interromper uma aula tão brilhante.

Thomas: Você está ironizando?

Sócrates: De jeito nenhum! A aula me ajudou a entender um aspecto importante dos 2.386 anos de história do pensamento humano que perdi. Achei excelente ouvi-lo discorrer com brilhantismo por séculos como esses. Oh, gostei demais da aula dele, tudo certo, mas fiquei decepcionado porque a questão mais importante referente à relação entre ciência e religião nem sequer foi tocada.

Thomas: Como pode dizer isso? Você não sabe coisa alguma do que aconteceu nesses 2.386 anos. O professor Flatland abordou todos os desenvolvimentos importantes.

Sócrates: Pode ser que sim, mas a questão de que senti falta não tem a ver com desenvolvimento. Refiro-me à verdade. Certamente, é mais importante saber se o que alguém diz é verdadeiro ou falso, que saber quando ou para quem disse.

Thomas: Tenho certeza de que o professor estaria disposto a discutir qualquer questão com você, Sócrates. Talvez, mais tarde, no decorrer do curso.

Sócrates: Espero que sim.

Thomas: Você não parece muito esperançoso.

Sócrates: Para ser franco, acho pouco provável que minha expectativa se cumpra.

Thomas: Por quê?

Sócrates: Porque essa expectativa depende de dois acontecimentos pouco prováveis: o professor mudar o método de aula, de expositiva para discursiva, e permitir que eu permaneça na sala até que ele queira.

Thomas: Permitir? Não entendo. Quem...?

Sócrates: Ora, o professor está lá agora! Será que ele me permitiria abordá-lo com minhas indagações agora? Isso não é proibido aqui, é?

Thomas: E certo que não!

Sócrates: Eu espero que não. Como poderia ser proibido pedir ajuda para encontrar a verdade? Ah, professor Flatland!

Flatland: Sim?

Sócrates: Admirei a exposição que você acabou de fazer sobre a história das opiniões concernentes à relação entre ciência e religião. Mas tenho uma pergunta intrigante, e espero que você possa me ajudar a respondê-la.

Flatland: Terei prazer em tentar. Olá, Thomas!

Thomas: Olá, professor. Gostaria que você conhecesse meu amigo, Sócrates.

Flatland: Que belo traje! Olá, "Sócrates".

Sócrates: Olá!

Thomas: Sócrates, o professor Flatland já respondeu a mais perguntas minhas do que de qualquer outra pessoa. Estou certo de que será capaz de responder às suas.

Flatland: Este é um elogio e tanto, Thomas, mas, na verdade, na situação atual, penso que minha função é mais fazer que responder a perguntas.

Thomas: Isso é verdade, professor. Antes de fazer seu curso, eu era ingênuo e acreditava em todo tipo de coisas, até em milagres.

Sócrates: Minha pergunta é exatamente sobre isto, professor: milagres. Creio ser esta uma questão até mais importante que qualquer uma das muitas que você abordou em sua exposição, completa como foi. Os milagres acontecem mesmo? E como saber se eles de fato acontecem ou não? Como é possível encontrar a verdade sobre este assunto?

Flatland: Observações muito boas, Sócrates. Todavia, penso que já abordei quase completamente as questões levantadas com a palestra de hoje.

Sócrates: Então, não entendi, porque não achei que ela tenha respondido. A meu ver, sua exposição abordou apenas a história das opiniões referentes à religião e à ciência.

Flatland: Sim, e também sobre os milagres e o sobrenatural. Eu tentei mostrar como a crença em milagres sempre surge em eras pré-científicas, desaparecendo em eras científicas como a nossa. Pensei que a questão fosse bem simples e óbvia.

Sócrates: Meu Deus, receio que você tenha um verdadeiro tolo nas mãos, professor, porque não vejo como concluir, pela lógica, que muitos, hoje, não acreditam mais em milagres e que milagres nunca acontecem.

Flatland: Não foi isso que eu disse.

Sócrates: Ah, bem. Pensei que havia entendido mal.

Flatland: Por quê?

Sócrates: Porque este argumento parte do pressuposto de que sempre que a maioria das pessoas deixa de acreditar em algo, é porque nunca existiu — de

fato uma suposição muito estranha, porque significaria que podemos mudar o mundo apenas mudando nossas crenças e que podemos, com isso, até mesmo mudar o passado.

Flatland: Mudar o passado?

Sócrates: Sim, caso você afirme que os milagres nunca aconteceram no passado porque aqueles que crêem na ciência, no presente, deixaram de acreditar neles.

Thomas: Sócrates, que indelicadeza. Você está fazendo que os argumentos do professor pareçam sem sentido.

Sócrates: Eu pretendia fazer o contrário: afastá-lo nitidamente da insensatez, sem

envolvê-lo nisso.

Flatland: Obrigado, Sócrates. Não, este não é argumento meu, é da ciência. Não é só a mudança de opiniões que tem desacreditado os milagres, mas o progresso na ciência; ela lida com fatos, não com opiniões.

Sócrates: Entendo. Então a ciência não confirma os milagres?

Flatland: Não, não confirma!

Sócrates: Que ciência?

Flatland: Ahn?

Sócrates: Que ciência não confirma os milagres? E como? Por meio de que experiência, descoberta ou prova? Que cientista fez essa descoberta e quando?

Flatland: Oh, na verdade é quase uma multidão de perguntas.

Sócrates: Sim, e então?

Flatland: Mas é claro que não podemos apontar uma única descoberta científica que desaprove os milagres...

Sócrates: Então, você não consegue apontar uma única descoberta científica que desaprove os milagres e mesmo assim diz que a ciência não confirma os

milagres?

Flatland: E mais que uma descoberta qualquer. E a atitude científica como um todo, o ambiente científico de opinião...

Sócrates: Pensei que estivéssemos acima de uma simples mudança nas opiniões.

Nós não estamos agora regredindo ao raciocínio ilógico que você rejeitou? Eu imaginava que a ciência lidasse com fatos, provas, experiências e descobertas específicas.

Flatland: E lida.

Sócrates: Então, por favor, diga-me quais delas desaprovam os milagres. Para começar, que ciência desaprova?

Flatland: A ciência em si.

Sócrates: Com C maiúsculo?

Flatland: Sim, se você preferir.

Sócrates: Não é uma questão de preferência, porque me parece mais religião que ciência.

Flatland: Sócrates, permita-me tentar explicar: as pessoas costumavam acreditar em milagres simplesmente porque não conheciam as verdadeiras explicações científicas dos fatos naturais. Agora que as conhecemos, não há mais necessidade de se acreditar em milagres. Por exemplo, as pessoas de sua cultura criam em uma divindade enraivecida a quem chamavam Zeus, que fazia descer raios do céu, não criam?

Sócrates: Sim, algumas.

Flatland: E tudo porque não conheciam energia elétrica. Agora que já se sabe o que realmente provoca o raio, ninguém mais acredita em Zeus. As pessoas costumavam pensar que as doenças eram provocadas pelos demônios, até que descobriram os germes; costumavam pensar que o Sol fosse uma divindade, até que a astronomia descobriu que era um corpo gasoso.

Sócrates: Conseqüentemente, ninguém mais acredita em deuses?

Fladand: Não naqueles deuses, os deuses dos fenômenos naturais.

Sócrates: Não entendo por quê. Também não entendo por que a sua ciência os tem refutado; por que alguns não podem acreditar tanto em sua ciência como em nossos deuses. Tomemos, por exemplo, Zeus: se eu fosse Zeus, eu bem poderia usar a energia elétrica para atrair meus raios e trovões. E se eu fosse um demônio, poderia muito bem usar os germes para provocar as doenças. E quanto ao Sol...

Flatland: Você está falando sério?

Sócrates: É claro que estou. Por que não?

Flatland: E ridículo, principalmente para você, que é considerado um filósofo da razão.

Sócrates: Por quê?

Flatland: Nós já não precisamos mais de deuses para explicar a natureza.

Sócrates: E por isso os deuses não existem? Não consigo entender como isso se dá, pela lógica.

Flatland: Veja bem. Tomemos, por exemplo, Apoio. Apoio era um antigo símbolo para o Sol. Não precisamos mais desse símbolo; fazemos referência direta ao Sol.

Sócrates: Tem certeza de que não era o contrário, isto é, que o homem primitivo não via o Sol como um símbolo de Apoio?

Flatland: Mas nós sabemos o que é o Sol: ele não é uma divindade; é um corpo gasoso; uma bola de fogo.

Sócrates: E provável que o Sol seja composto de gás. Mas o que ele é agora é outra questão, não é? Se o Sol fosse uma divindade, será que seu corpo não poderia ser composto também de gás ou de fogo? Pode ser que aquilo que vemos

não seja o Apoio em si, mas o seu corpo ou sua carruagem.

Flatland: Entendo. Você está usando a distinção aristotélica entre causas formais e materiais.

Sócrates: Chame isso do que você quiser, mas a distinção é necessária, não é? Um poema, por exemplo, pode ser composto de palavras, mas é transformado em um poema, é um poema, e não apenas palavras, não é? E você, professor, é feito de carne e ossos ou é carne e ossos?

Flatland: Você acredita mesmo que o Sol seja uma divindade chamada Apoio? Que dogmático! Quanta ingenuidade! Que... metafísico!

Sócrates: Eu não sei se o Sol é ou não um deus, mas parece que você sabe. Logo, é você que é dogmático. Também é você o metafísico, porque afirma saber qual é a verdadeira essência do Sol: gás; eu, no entanto, não sei.

Flatland: Não estou me declarando conhecedor da metafísica, mas só da ciência. A ciência tornou os deuses desnecessários.

Sócrates: E por isso eles não existem? Como pode saber isso, a menos que saiba também que qualquer coisa desnecessária não existe? Certamente, não se trata apenas de uma coisa que não se pode saber, mas é também algo que não é verdade. Existem muitas coisas desnecessárias, como graça, beleza, generosidade, excesso de pêlos na face ou talvez este argumento.

Flatland: Você tem razão, Sócrates. Pode ser que a ciência não tenha refutado os deuses, mas certamente ela tem dado explicações bastante apropriadas da natureza sem eles. Aquilo que vocês, povos primitivos, consideravam sobrenatural, como os trovões e os raios, nós explicamos como naturais.

Sócrates: Mas nós não achávamos que os trovões fossem mais sobrenaturais que as tempestades.

Flatland: Mas acreditavam em milagres, não acreditavam?

Sócrates: Sim, muitos acreditavam.

Flatland: Como...?

Thomas: Oh, vamos passar para os milagres que realmente nos interessam. Quando as pessoas discutem sobre se milagres realmente aconteceram, elas não pensam em Apoio, mas em Jesus. Falemos de coisas como o nascimento envolvendo uma virgem, a ressurreição e o milagre da multiplicação dos pães.

Sócrates: Tudo bem! Eles certamente me parecem milagres. Então, professor, como a sua ciência tem explicado estas coisas como meros fenômenos naturais?

Flatland: Ela ainda não chegou lá! E não conseguiu explicar todas as coisas tidas por muitos como milagre, mas está chegando lá. A ciência ainda está na infância e, no próximo milênio, quem sabe o que ela será capaz de explicar?

Sócrates: Eu, certamente, não sei. E você?

Flatland (Surpreso com a pergunta.): Ah... não, mas é certo que a ciência do futuro será a ciência do presente, como a ciência do presente é a do passado.

Sócrates: E como sabe disso?

Flatland: Ora, todo o movimento da ciência caminha nessa direção, isto é, para o fim dos milagres.

Sócrates: E você sabe que esse movimento vai continuar na mesma direção, ou seja, a erradicação total dos milagres.

Flatland: Bem, naturalmente não podemos saber ao certo o que nos reserva o amanhã...

Sócrates: Ora, podemos apoiar um argumento científico sobre algo que não sabemos?

Flatland: Não.

Sócrates: Então a sua fé na futura erradicação científica dos milagres não é científica em si, mas se parece mais com algo religioso.

Flatland (Animado diante de uma nova linha de ação?}'. De certa forma, você tem razão, Sócrates. Eu acredito, em termos religiosos, em muitas coisas: na

ciência, em primeiro lugar, mas também em milagres. Surpreso? Acredito em milagres autênticos e a ciência como tal é um milagre. O verdadeiro significado de milagre é "assombro", algo que provoca sentimento de espanto e de admiração. Nesse sentido, o mundo está repleto de milagres dos quais não nos damos conta, mas aceitamo-los como naturais. Não precisamos que uma virgem dê à luz para termos um milagre, pois todo nascimento natural já é um milagre.

Sócrates: Compreendo. Mas agora você está falando de outra coisa; está mudando o sentido da palavra.

Flatland: E isso o incomoda?

Sócrates: Claro que me incomoda, porque acho muito importante conhecer o significado de uma palavra, o qual não se modifica, assim como acho importante identificar os lugares em um mapa, sabendo que permanecem inalterados. Como é possível usar um mapa cujos nomes e localidades se alteram e se modificam a todo 47 | P á g i n a

momento?

Flatland: Então, vamos usar apenas aquela definição de milagres que eu acabei de lhe dar.

Sócrates: Mas não é isso que as pessoas entendem como milagre.

Flatland: É o que eu entendo e você está conversando comigo e não com os outros.

Sócrates: Tudo bem, mas acho que há uma boa razão pela qual as outras pessoas não percebem o sentido que você empresta aqui à palavra.

Flatland: Qual?

Sócrates: Você conferiu a ela tal amplitude que a esvaziou de significado. Pela sua definição, tudo pode ser milagre. No entanto, se tudo pode ser visto como milagre, então nada é milagre. Não há nada que contraste com milagre. A meu ver, ele se torna um sinônimo de tudo e não um tópico sobre o qual se pode dizer algo interessante.

Flatland: Mas você não entende, Sócrates? Todo nascimento é um milagre, cada

coisa é um milagre; entretanto, a familiaridade com as coisas nos cega. Se todo nascimento envolvesse uma virgem, nós chamaríamos os nascimentos envolvendo não-virgens de miraculosos. Se os rios fossem de sangue em vez de água, diríamos que um rio de água é miraculoso. Você não entende o meu ponto de vista, não vê o que eu vejo, o que estou tentando mostrar?

Sócrates: Na verdade, eu entendo e até concordo. O que não aceito é a forma como você emprega a palavra. Todas as coisas são maravilhosas, mas nem todas são milagres.

Flatland: Podemos empregar as palavras do jeito que quisermos. A linguagem é nossa serva, não nosso mestre.

Sócrates: Ah, eu não penso assim. Mas, de qualquer jeito, não deveríamos, pelo menos, usar as nossas palavras com o mesmo sentido que os outros, se quisermos que eles nos entendam?

Flatland: É claro que sim.

Sócrates: Então, deveríamos usar a palavra milagre como os outros a usam também.

E, para eles, ela não significa um milagre natural, mas sobrenatural.

Flatland: Muito bem, imagine que eu admita isso apenas para concordar com você.

No sentido popular de milagre, acho que nada é milagre. Mas, no meu modo de ver, tudo é milagre.

Sócrates: Então você não acredita que milagres acontecem. Flatland: No sentido popular, não. Mas, do modo como entendo milagres, eles acontecem a todo momento. E

por isso que quero usar o meu sentido; a questão que desejo enfatizar é basicamente positiva; isto é, que os milagres realmente acontecem. Por que não nos concentrarmos nisso, no meu sentido positivo?

Sócrates: Porque a maioria das pessoas concordaria com o seu sentido positivo, mas não com o negativo, aquele em que os milagres, em termos populares, não

acontecem.

Flatland: E então?

Sócrates: Deve-se ensinar às pessoas o que elas já sabem ou o que ainda não sabem?

Flatland: O que elas não sabem.

Sócrates: E elas já sabem o sentido positivo, mas não o aspecto negativo que você 48 | P á g i n a

enfatiza. Flatland: Exato.

Sócrates: E por essa razão que há necessidade de ensinar-lhes o sentido negativo, e não o positivo com o qual concordam.

Flatland: Não estou certo de que concordam com o meu sentido positivo. Acho que poucos realmente o compreendem.

Sócrates: Você acha que a maioria das pessoas discordaria dele, a ponto de dizer

"nós não nos maravilhamos diante de nascimentos comuns", por exemplo?

Flatland: Não, mas as pessoas não praticam o que pregam. Elas poderiam dizer que se sentem maravilhadas, mas não dizem.

Sócrates: Então vamos fazê-las pensar nisso, usando todos os meios. Mas vamos também esclarecê-las, caso não saibam, sobre o outro lado; isto é, que não há milagres sobrenaturais.

Flatland: Ótimo, vamos. Mas eu pensei que você estivesse defendendo os milagres, os deuses e as explicações sobrenaturais. E por isso que eu estava tão surpreso; você, como a maioria, defendendo crendices.

Sócrates: Só estou defendendo o questionamento. Também não estou afirmando saber se os milagres acontecem ou não. Só questionei e continuo questionando sua certeza de que eles não acontecem. Flatland: Já falei a razão; isto é, que era fácil acreditar em milagres antes do surgimento da visão científica do mundo. No momento em que descobrimos que o mundo pode-se explicar naturalmente por

si mesmo, que tem suas próprias leis racionais, que paramos de vê-lo como um conjunto de fases incertas cujo movimento segue o desejo de deuses arbitrários e imprevisíveis, deixamos de acreditar em milagres. E exatamente este o curso da História.

Sócrates: Oh, agora acho que entendo. Você acha que não há milagres porque o mundo tem suas próprias leis naturais intrínsecas que a ciência se encarrega de desvendar. Flatland: Sim. Sócrates: Não.

Flatland: O que significa "não"?

Sócrates: Que o contrário é verdade; isto é, que as leis naturais cooperam para que os milagres aconteçam mais do que os impedem. Flatland: E como consegue chegar a isso? Sócrates: Só pode haver objeções a essas leis ou a esses milagres se houver a crença em um mundo que se sustenta por si mesmo, em um mundo de leis naturais inerentes. O simples conceito de uma objeção à lei natural já pressupõe o conceito de lei natural. Em não havendo leis naturais, não há objeções sobrenaturais, não há milagres.

Flatland: Assim, panteístas e ateístas não podem acreditar em milagres, então.

Sócrates: Exatamente. Os ateístas, porque, para eles, não há sobrenatural; os panteístas, porque não há natureza. Para os ateus, não há Deus fora da natureza; já, para os panteístas, não há natureza fora de Deus. E o conceito de milagre envolve o conceito de um Deus de fora, intrometendo-se na natureza.

Flatland: Eu entendo. Todavia, não sou ateu, nem panteísta e ainda assim não acredito em milagres. Acredito na ordem natural das coisas, que a crença pode reconhecer os milagres, como você diz, mas ela não os induz.

Sócrates: É verdade. Mas eu ainda não sei por que você não acredita em milagres, principalmente porque sua crença na natureza, pelo menos, os concebe.

Flatland: Eles contradizem a ciência.

Sócrates: É isso que quero saber: como contradizem a ciência?

Flatland: Ora, a ciência nos diz que coisas como nascimentos envolvendo

virgens simplesmente não acontecem.

Sócrates: E ela nos diz o que sempre acontece ou o que acontece só às vezes?

Flatland: O que quer dizer?

Sócrates: As leis da sua ciência informam o que de fato acontece ou o que pode acontecer?

Flatland: Não tenho certeza se entendo a pergunta.

Sócrates: As leis de sua ciência são como as leis da Matemática? Elas são necessárias ou são descrições de como as coisas acontecem no mundo físico?

Flatland: A última.

Sócrates: E as coisas nunca podem ser diferentes na Matemática, podem? Dois mais dois podem vir a ser cinco amanhã?

Flatland: Não.

Sócrates: Mas o que acontece no mundo físico pode ser diferente, não pode? O Sol pode parar de brilhar amanhã, ou explodir, ou você pode morrer.

Flatland: Sim.

Sócrates: Então pode haver exceções às leis da ciência, os milagres.

Flatland: Não, os milagres são ilógicos.

Sócrates: Eu achei que tínhamos acabado de fazer a diferença entre as leis da lógica e da Matemática e as leis da natureza.

Flatland: Talvez não tenhamos entendido um ao outro.

Sócrates: Vamos tentar de outra forma. Você não pode nem mesmo imaginar uma exceção às leis da lógica ou da Matemática, mas pode conceber exceções para as leis da natureza.

Flatland: Como assim? Dê um exemplo.

Sócrates: Muito bem. E impossível imaginar um homem atravessar uma parede e não atravessá-la ao mesmo tempo, não é?

Flatland: É.

Sócrates: Mas pode-se imaginar um homem atravessando uma parede, não se pode?

Flatland: E claro que não. Não se pode atravessar paredes.

Sócrates: Não, mas podemos imaginar isso, não podemos? Podemos escrever sobre isso. Podemos ter vontade de atravessar paredes.

Flatland: Sim. Mas não mais que dois mais dois são igual a cinco.

Sócrates: Não fazemos isso por causa das leis físicas e não devido às leis da matemática ou da lógica, não está certo?

Flatland: Sim.

Sócrates: Mas a razão pela qual podemos ou não atravessar uma parede, justifica-se pelas leis da lógica. É a mesma razão pela qual não é possível atravessar e não atravessar ao mesmo tempo uma porta aberta.

Flatland: Oh, eu entendo. Tudo bem, e daí?

Sócrates: Os milagres contradizem as leis da física, mas não as da lógica. Se um homem alimenta 5 mil pessoas com cinco pães, ele não alimenta, ao mesmo tempo, 5 mil pessoas com 55 pães. Mesmo os milagres devem obedecer às leis da lógica.

Flatland: Ainda não entendo a importância da distinção.

Sócrates: Ela torna os milagres possíveis em vez de impossíveis. Imagine, eu ainda não sei se eles acontecem ou não. Mas se eles fossem contrários às leis da lógica, se fossem tão ilógicos quanto você parece pensar, então poderíamos estar certos, já de antemão, que eles nunca aconteceriam.

Flatland: Ainda assim, contradizem as leis físicas.

Sócrates: Mesmo isso não é completamente certo, eu acho.

Flatland: Por quê?

Sócrates: Porque reconhecemos que as leis da física eram apenas declarações sobre como as coisas de fato acontecem normalmente, não reconhecemos?

Flatland: Sim.

Sócrates: Neste caso, os milagres seriam aquilo que é extraordinário, incomum.

Flatland: Não, mais que isso: orquídeas negras são incomuns, mas orquídeas que falam são um milagre.

Sócrates: Boa distinção. Tudo bem, supondo que fosse assim, um milagre seria como um dinheiro extra que aparece em um extrato de comprovante bancário. Este não seria diferente do saldo, mas apenas se somaria a ele. Ou como alimento extra colocado em um aquário de peixe-dourado ou como o perdão do rei a um prisioneiro que foi condenado pela corte real. As leis da corte, as leis da vida no aquário, as leis da contabilidade não se contradizem pelo acréscimo, apenas se somam. Com os milagres seria do mesmo jeito, não seria? Sem diminuições das leis naturais, mas acréscimos.

Flatland: Não, eles seriam diminuições.

Sócrates: Por quê?

Flatland: Porque os milagres aviltam a integridade da natureza. Uma natureza que Deus precisa estar consertando e modificando não é tão magnífica e perfeita quanto uma na qual ele não interfere.

Sócrates: Entendo. Quer dizer então que a natureza, para ser magnífica, gloriosa e perfeita, precisa ser auto-suficiente?

Flatland: Para ser ela mesma, ter sua própria identidade, sim!

Sócrates: Você diria que um marido intenta contra sua esposa ao ter relações sexuais com ela?

Flatland: É claro que não.

Sócrates: Mas não são milagres como o Pai Deus fecundando a Mãe Natureza com a própria vida? Como eles poderiam então prejudicar a natureza? Para dizer a verdade, isso não a completaria?

Flatland: Eu não acho que a analogia se sustente. Os homens podem valorizar e amar as mulheres, todavia os sobrenaturalistas não conseguem realmente amar e valorizar a natureza; unicamente os naturalistas conseguem.

Sócrates: Acho que é exatamente o contrário; para mim, somente os sobrenaturalistas conseguem amar e dar valor à natureza.

Flatland: Quê? Por que razão?

Sócrates: Pela mesma razão que unicamente aqueles que conhecem outra língua além da sua, ou outro país além do seu sabem valorizar o que é seu, ao contrário; e pela mesma razão que somente os que enfrentam a morte sabem dar valor à vida.

Flatland: Você continua fazendo analogias. Não acho que elas tenham sentido.

Sócrates: O que dá sentido às analogias é o princípio do contraste. Só se dá valor a uma coisa pelo contraste. Esse princípio não é verdadeiro?

Flatland: É claro que é.

Sócrates: Bem, então, se natureza quer dizer simplesmente "tudo o que existe" —

bem, tudo o que existe é apenas um tópico pelo qual podemos sentir muito amor ou paixão, certo? Significa simplesmente "tudo" e esse "tudo" não tem individualidade, não tem personalidade.

Flatland: E claro que o tudo tem individualidade.

Sócrates: Sim, cada coisa tem. Cada única coisa. Cada pedra, porque existem outras pedras, mas não natureza, caso não haja o sobrenatural.

Flatland: Veja bem, penso que estamos nos desviando de questões realmente importantes.

Sócrates: Eu tinha esperanças de que estivéssemos nos volvendo a elas. Mas quais são as questões sobre milagres que você realmente acha importantes? Pensei que a questão importante fosse se eles eram verdadeiros, se eram reais.

Flatland: Talvez sim, mas insisto em que os milagres não são a essência da religião.

Sócrates: De que religião?

Flatland: De qualquer religião.

Sócrates: A sua, por exemplo?

Flatland: Sim.

Sócrates: E a sua é o cristianismo?

Flatland: Sim.

Sócrates: Sua religião fala em milagres?

Flatland: Sim.

Sócrates: Mas você acha que eles podem ser eliminados e todos os fundamentos ainda permaneceriam?

Flatland: Sim.

Sócrates: Que milagres são esses?

Flatland: Ora, a Encarnação, a Expiação e a Ressurreição, por exemplo.

Sócrates: O que significam estas palavras?

Flatland: Oh, entendo. Sócrates não sabia disso, sabia? Tudo bem, é um bom exercício. Significa que o supremo Deus se tornou homem, morreu e ressuscitou para nos salvar do pecado, da morte e do inferno.

Sócrates: E você acha que isso não é importante? Se isso aconteceu, se realmente aconteceu, como pode simplesmente ser deixado de lado, como uma peça de roupa a mais? O que resta?

Flatland: As verdades eternas: como viver; o amor.

Sócrates: Ah, mas todos já as conhecem. Se a sua religião só se importa com as grandes trivialidades, por que se incomodar com isso? Por que ser um cristão e não qualquer outra coisa?

Flatland: Acho que esta é uma questão que você teria que discutir com o professor Shift, no curso de Religiões Comparadas.

Sócrates: Eu queria discutir isso com você, de preferência, já que afirmou ser um cristão. Eu ainda não sei bem o que isso significa.

Flatland: E possível que nem eu saiba. Continuo pesquisando... Achei que você apoiaria isso.

Sócrates: Sim, apóio, mas estou curioso para conhecer as histórias de milagres nos livros sagrados de sua crença. Obviamente, parece muito importante saber se elas são verdadeiras ou falsas.

Flatland: Acho que provavelmente foram mitos acrescentados mais tarde ao texto.

Sócrates: A sua ciência pode provar isso? Vocês têm conhecimento suficiente de história e do assunto para provar tal coisa?

Flatland: Ainda não muito, mas estamos pesquisando. Contudo parece muito provável, porque foi o que aconteceu na escritura da maioria das outras religiões: os mitos e os milagres foram acrescentados mais tarde. Por exemplo, a história de Maomé voando para a Lua em um cavalo mágico foi claramente um acréscimo que veio depois, porque o livro sagrado original do islamismo, o Alcorão, diz que há apenas um milagre nessa religião: o próprio Alcorão. Já os milagres nas histórias secundárias dos santos budistas contradizem a própria doutrina de Buda, que nenhum verdadeiro discípulo seu realizaria milagres, porque isso ratificaria a crença na realidade auto-suficiente da natureza, que,

segundo Buda, era uma ilusão.

Sócrates: Então os milagres no livro sagrado do cristianismo também são assim?

Eles contradizem mais alguma coisa?

Flatland: Bem, na verdade, não; eles não.

Sócrates: Hum. E mesmo assim você diz que eles podem ter sido acrescentados mais tarde.

Flatland: Sim.

Sócrates: E por quê?

Flatland: Sócrates, todos nós devemos interpretar um livro, mesmo um livro sagrado, à luz de nossas crenças defendidas com sinceridade. Se não acreditamos em milagres, então a explicação mais tolerante das histórias milagrosas da Bíblia seria aceitá-las como mitos e símbolos, e não rejeitá-las como mentiras.

Sócrates: Pode ser que seja a interpretação mais tolerante, mas não é certamente a mais clara e honesta. E se não é honesta, também não vejo como pode ser, de fato, tolerante.

Flatland: Por que diz que ela não é clara e honesta?

Sócrates: Porque acho que você está confundindo crença com interpretação.

Flatland: Não, só estou dizendo que devemos interpretar um livro à luz de nossas crenças.

Sócrates: E eu estou dizendo que não devemos fazer isso.

Flatland: E por que não?

Sócrates: Se você escrevesse um livro para contar aos outros quais eram suas crenças, e eu o lesse e o interpretasse segundo as minhas crenças, que seriam diferentes das suas, ficaria feliz?

Flatland: Se você discordasse de mim, por que não? Você é livre para tomar as próprias decisões.

Sócrates: Não, eu disse que interpretei o livro segundo as minhas crenças. Por exemplo, se você escrevesse um livro contra os milagres e eu acreditasse em milagres e interpretasse o seu livro como uma defesa dos milagres, você ficaria feliz?

Flatland: É claro que não, porque seria uma interpretação errada.

Sócrates: Mesmo que fosse a minha sincera crença?

Flatland: Oh, compreendo. Então temos de interpretar um livro segundo as crenças do autor e criticá-lo segundo as nossas.

Sócrates: Exatamente. Do contrário, estaríamos impondo nossa visão ao outro, e isso, com certeza, não é tolerância, mas arrogância.

Fladand: Portanto, você está dizendo que devemos interpretar as histórias de milagres nas Escrituras, de modo literal e não simbólico?

Sócrates: Não sei. Eu ainda não as li.

Flatland: O que você está dizendo então?

Sócrates: Que não podemos decidir como interpretar os milagres considerando as próprias crenças, mas unicamente analisando-os.

Flatland: Entendo. Nesse caso, nossa discussão de hoje sobre milagres realmente não pode decidir nada, caso você não os tenha lido ainda.

Sócrates: Ela tem condições de decidir se os milagres podem acontecer, mas não se eles, de fato, acontecem. Pode decidir se eles contradizem as leis da natureza, as leis da lógica e se podemos ou não decidir se os milagres acontecem, sem olharmos as evidências e lermos os textos. E a resposta a estas perguntas parece ser não. Assim, acho que fizemos algum progresso, embora não tenhamos descoberto se os milagres, de fato, acontecem ou não.

Flatland: Eu ainda continuo descrente.

Sócrates: Ah, eu também, principalmente se um descrente for alguém que não sabe e nem mesmo sabe se pode ou não saber. Por outro lado, se um descrente for alguém que acha que sabe, quando na verdade não sabe, se for alguém que acha que sabe que não sabe, então eu não sou um descrente. Porque esse tipo de ceticismo é dogmático demais para mim.

Flatland: E você acha que este é o meu caso?

Sócrates: Não sei, professor. Se o chapéu serviu, ponha-o. Se não, jogue-o fora. Eu me apresento ao professor não como professor, mas unicamente como coletor intelectual de suas suposições.

6

Como ter uma religião relativa

Sócrates e Bertha Broadmind estão saindo da primeira aula, no curso de Religião Comparada do professor Shift, na Escola de Teologia Havalarde. Sócrates parece resignado. Preocupada, Bertha dirige-se a ele.

Bertha: Qual é o problema, Sócrates? Por que não fez nenhuma pergunta, pois tenho certeza de que estava cheio de dúvidas, como de costume. Por que não falou nada?

Observei você e, no início, parecia interessado, mas, em seguida, se calou. O que aconteceu com suas famosas perguntas?

Sócrates: Elas continuam comigo, eu lhe asseguro. Eu estava esperando o momento certo de me livrar de alguns dos meus fardos, mas esse momento nunca chegou.

Bertha: Não entendo. Por que você pensa assim?

Sócrates: Porque, para mim, o momento de fazer uma pergunta é aquele em que existe alguma esperança de se encontrar uma resposta ou de se encontrar alguém que possa achar uma resposta. Afinal de contas, o que mais é uma pergunta se não uma esperança explícita de resposta?

Bertha: Mas o professor Shift é um dos mais célebres pesquisadores do mundo em religiões comparadas. Se há alguém capaz de responder a suas perguntas, esse alguém é ele; no entanto, você esperou demais, e a aula acabou.

Sócrates: Discordo, Bertha. Eu prefiro pensar que há mais esperança de que você possa responder a minhas perguntas e que a minha aula não chegou ao fim, mas está apenas começando.

Bertha (Chocada.): Eu, Sócrates?

Sócrates: Sim, Bertha, você! Você ou outro aluno dessa aula.

Bertha: Mas havia cerca de quarenta alunos! Você está dizendo que qualquer um de nós poderia ensiná-lo melhor do que o professor Shift?

Sócrates: Acho mais provável que sim.

Bertha: Pelo amor de Deus, por quê?

Sócrates: Pelo sentido da palavra educação. Educam, conduzir para fora, fora da caverna, do preconceito e da ilusão. E a primeira e mais desastrosa ilusão, que sempre pensei ser a maior inimiga da educação, é a ilusão de que sabemos, quando, na verdade, não sabemos.

Bertha: Oh, a sua lição mais importante, a famosa "douta ignorância". Você acha que Shift não aprendeu esta lição?

Sócrates: A mim me parece que sim.

Bertha: Por quê?

Sócrates: Porque, para aprendermos esta lição, precisamos atravessar um portão estreito e, para fazer isso, temos de nos abaixar. Fazendo um trocadilho não muito bom, aquele que não se abaixa se rebaixa. Mas o professor Shift não se rebaixou; ao contrário, ele se exaltou. Ele tinha tantas respostas que me parecia não ouvir as perguntas.

Bertha: Eu não acho que seja justo. Por que você pensa que ele, de fato, não ouvia as perguntas?

Sócrates: Você ouviu o que ele fez com as poucas perguntas que lhe foram feitas?

Bertha: Ora, é claro que ouvi; achei que ele as respondeu de modo brilhante.

Sócrates: Brilhante em demasia, eu diria.

Bertha: Como pode alguém ser brilhante demais?

Sócrates: Acho que posso explicar. Você concorda que, para dar a quem pergunta a resposta esperada, primeiro é preciso ouvir a pergunta?

Bertha: Naturalmente.

Sócrates: E ouvi-la com o coração e com os ouvidos?

Bertha: O que você quer dizer com "ouvir com o coração"?

Sócrates: E preciso compreender o caráter questionável da pergunta; isto é, a dúvida do questionador.

Bertha: Concordo com o seu princípio, mas você não acha que o professor Shift entende a incerteza? Ele indubitavelmente se declara contrário a todo dogmatismo, sectarismo e provincianismo.

Sócrates: Sim, com certeza. Ele me faz lembrar muito antigos conhecidos meus: os sofistas. Eles estavam quase certos de que não há certeza.

Bertha: Você considera Shift um sofista? Mas ele prega a imparcialidade, e esse é seu tema favorito em toda aula.

Sócrates: Sim, mas ele tem uma visão bem limitada quanto a ter uma visão ampla, não tem? O ideal não seria ter uma visão mais ampla sobre ter visão ampla sobre tudo, tanto no que se refere a ter uma visão ampla como no que diz respeito a ter uma limitada?

Isto é, ter uma visão ampla tanto relativamente àqueles que concordam com ele quanto aos que discordam dele com referência a dogmas, certezas e tudo o mais?

Bertha: Ele está aberto a todas as religiões do mundo!

Sócrates: À exceção daqueles crentes da própria religião que discordam do seu dogma de que não há dogma, aos quais ele chama de "fundamentalistas". Ele de fato nunca fez oposição àquele indivíduo a quem ele sempre olhava com desprezo, você sabe. Tudo o que fazia era ofender, e essa atitude era um apelo à ira, ao preconceito e ao provincianismo, não à razão.

Bertha: Que indivíduo? Oh, você quer dizer, o Jerry Fallout [Falha]?17

Sócrates: Sim, Shift diz que deveríamos ouvir as outras religiões em vez de criticá-

las, mas parecia estar criticando esse tal de Fallout sem ouvi-lo.

Bertha: Bem, mesmo que ele não pratique totalmente o que prega, afinal quem o faz?

Entretanto, você tem de concordar com o que ele prega, de todo o jeito.

Sócrates: Como posso concordar com uma declaração contraditória?

Bertha: Que declaração contraditória?

Sócrates: Ele prega que nós não deveríamos pregar. Você ouviu as coisas desagradáveis que ele disse sobre pregar a sua religião às pessoas? Tudo me pareceu bastante enfadonho.

Bertha: Bem, eu sinto que você não gostou do Shift.

Sócrates: Mas eu não disse que não gostei dele. O que eu disse é que não tenho

17 Referência ao controvertido reverendo Jerry Falwell [N. do C].

muita esperança de que ele possa responder a minhas perguntas da forma como espero que você responda.

Bertha: Por que eu sei muito menos que ele?

Sócrates: Não, porque você tem mais consciência de que você não sabe.

Também porque você não vê as perguntas como oportunidades de mostrar o quanto você sabe, como ele fez.

Bertha: Eu quase não posso acreditar que você ache o Shift retrógrado. Ele é considerado um dos professores mais liberais daqui.

Sócrates: O que você entende por liberal?

Bertha: Bom, em religiões comparadas, significa encarar todas as religiões como análogas.

Sócrates: E isso o torna liberal?

Bertha: Sim.

Sócrates: Não consigo ver a relação.

Bertha: Mas é tão simples, Sócrates. Se você acredita que apenas uma religião é verdadeira, então crê que todas as outras contrárias a ela são falsas. Você não entende isso?

Sócrates: Claro, entendo muito bem, embora me pergunte se o professor Shift entende. Mas não vejo como o fato de alguém achar que uma idéia seja falsa signifique não ter visão ampla a respeito. Como conceber que alguém possa ter bons argumentos para concluir que determinada idéia seja falsa, a menos que a escute primeiro? E ouvir uma idéia, mas ouvi-la de fato, não seria ter visão ampla?

Bertha: Sim, mas no momento em que você conclui que a idéia é falsa, não só deixa de ter uma visão ampla como já decidiu rejeitá-la.

Sócrates: E você acha que isso não é bom?

Bertha: E claro. Toda limitação de concepções é prejudicial.

Sócrates: Tanto no final de uma investigação quanto no início?

Bertha: Penso que sempre deveríamos ter uma visão ampla das coisas.

Sócrates: E ter uma visão ampla significa busca constante?

Bertha: Sim.

Sócrates: Logo, tudo o que você busca é sempre buscar mais, de preferência a só encontrar. E que você não deseja se privar de uma visão ampla e, para isso, é preciso busca constante. No entanto, se você não busca com o objetivo de encontrar, não está buscando de fato, está? Não haveria nada para buscar!

Bertha: Você está me deixando confusa.

Sócrates: Vou dizer diferentemente: Qual é a vantagem de uma visão ampla, o seu propósito ou a sua finalidade?

Bertha: Imagino que seja impedir a estreiteza de visão.

Sócrates: E o mesmo que dizer que o propósito da vida é furtar-se da morte, ou que o do frio é fugir do calor. Você não me respondeu por que busca ter uma visão ampla e não uma limitada.

Bertha: Mas eu pensei que você soubesse muito bem por que, Sócrates. Sempre

considerei você uma das pessoas de mente mais aberta que já existiram.

Sócrates: E possível que eu não saiba muito bem, como você diz; entretanto, não sei se você conhece bem a razão. A minha pergunta tinha o propósito de descobri-la. Qual é o propósito de se ter uma visão ampla para você?

Bertha: Suponho nunca ter dado muita atenção a isso, mas tenho certeza de que concordo com você, Sócrates, quanto à questão. E como você responderia a essa pergunta?

Sócrates: Muito bem, vou dar minha resposta, já que você não me dará a sua, simplesmente como um auxílio para que descubra a própria. Você, no entanto, precisa dizer se concorda ou não. O propósito de uma visão ampla é ter conhecimento.

Bertha: Muito bom, Sócrates! Eu concordo, com certeza.

Sócrates: Então lhe pergunto: ter conhecimento de quê ?

Bertha: De tudo.

Sócrates: Da verdade, da falsidade, das duas ou de nada?

Bertha: Das duas. De tudo!

Sócrates: Conhecer a falsidade como falsidade ou erroneamente acreditar que a falsidade seja verdade?

Bertha: Conhecer a falsidade como falsidade.

Sócrates: Em outras palavras, conhecer a verdade sobre a falsidade.

Bertha: Sim.

Sócrates: Então a única coisa que você deseja conhecer é a verdade; a verdade sobre a verdade e a verdade sobre a falsidade, mas não a falsidade sobre as duas. Não está certo?

Bertha: Sim, está.

Sócrates: Vejo que temos a mesma definição do que seja ter uma visão ampla e do seu propósito. Assim como uma boca aberta é um meio cujo fim é se fechar com bom alimento e não com veneno, e uma porta aberta é um meio cujo fim é permitir que um hóspede desejado entre, e não um ladrão, da mesma forma, uma visão ampla das coisas é um meio cujo fim é conhecer a verdade sobre tudo e não a falsidade.

Bertha: Não posso refutá-lo, Sócrates.

Sócrates: De preferência, diga ser impossível refutar a verdade. O Sócrates, você pode e deve refutar, sempre que eu não falar a verdade. E quando eu proferi-la, não é o orador, mas sim o discurso que será irrefutável. Bem, agora que estamos de acordo sobre ter uma visão ampla, vejamos se também concordamos com o que é a verdade. Portanto, o que é a verdade, Bertha?

Bertha: Oh, obrigada, Sócrates, pela pergunta precisa e fácil.

Sócrates: Disponha sempre.

Bertha: Eu estava brincando.

Sócrates: Mas eu não!

Bertha: Você achou a pergunta fácil?

Sócrates: Eu conheço poucas mais fáceis do que esta.

Bertha: Bem, então me diga, por favor, o que você acha que é a verdade, e eu digo 58 | P á g i n a

se concordo ou não.

Sócrates: Muito bem. Verdade é simplesmente dizer o que é. Se você me diz o que é, me diz a verdade. O que poderia ser mais simples do que isso?

Bertha: O que é falsidade, então?

Sócrates: Se você me diz o que não é e diz que é, falou uma falsidade.

Bertha: E a mesma coisa que uma mentira, exato?

Sócrates: Uma mentira é uma falsidade intencional. Eu também poderia falar algo falso não deliberadamente, mas por ignorância.

Bertha: Certo, eu concordo. E daí?

Sócrates: Então, a verdade e a falsidade se contradizem, não se contradizem?

Bertha: E claro.

Sócrates: Portanto, se é verdade, por exemplo, que há apenas um Deus e não muitos, então é falso que há muitos deuses e não apenas um, não é assim?

Bertha: Isso é lógico, eu suponho. As contradições não podem ser ao mesmo tempo verdade.

Sócrates: Mas as religiões se contradizem umas às outras, não se contradizem?

Bertha: E aqui que eu não sei se concordo com você, Sócrates.

Sócrates: Mas, com certeza, no exemplo que acabei de dar, elas se contradizem. O

monoteísmo e o politeísmo se opõem e, por essa razão, um deles pelo menos deve ser falso, não deve?

Bertha: Pode ser. Mas todas as grandes religiões do mundo são monoteístas hoje.

Pelo menos elas não se contradizem.

Sócrates: Todavia não é verdade que algumas dessas religiões acreditam que esse Deus é uma pessoa, um Eu, que tem uma vontade, enquanto outras não acreditam nisso?

Foi isso que o professor Shift disse.

Bertha: É verdade que as religiões orientais imaginam um Deus impessoal, ao passo que as ocidentais o concebem como uma pessoa; mas, como disse também o professor Shift, essa é apenas uma diferença em nossas idéias, modelos, imagens mentais das palavras. Todas essas imagens mentais são insuficientes, você não concorda?

Sócrates: Eu concordo que todos os nossos pensamentos são incompletos para Deus, mas não acho que todos sejam imagens mentais. Alguns são conceitos. Por exemplo, podemos formar uma imagem mental de Zeus quando dizemos que "Zeus é Deus"; entretanto, não conseguimos formar uma imagem mental de "uno" quando dizemos que "Deus é uno".

Bertha: Sócrates, você já ouviu a fábula dos cegos e do elefante?

Sócrates: Não.

Bertha: Bem, ela consiste em quatro cegos que nunca tinham visto um elefante e que se aproximam de um para senti-lo. O primeiro tocou o rabo e disse: "Um elefante é como uma minhoca"; o segundo sentiu a parte lateral e disse: "Não, um elefante é como uma parede"; o terceiro tateou as pernas e disse: "Não, um elefante é como uma árvore"; e o quarto pôs a mão na tromba e disse: "Todos estão errados: um elefante é como uma grande serpente". Os quatro discutiram isso o dia todo. Com as religiões do mundo, acontece o mesmo: elas discutem sobre Deus — o elefante. Sabemos tanto sobre Deus

quanto sabiam os quatro cegos sobre o elefante. Acha uma boa analogia?

Sócrates: Não, eu não acho.

Bertha: Por que não?

Sócrates: Não acho que ela seja bem apropriada à situação. Deus pode, na verdade, ser muitas coisas diferentes, como o elefante para os cegos, e é provável que conheçamos apenas uma delas por vez. Pode ser também que conheçamos apenas imagens ou analogias das diferentes coisas que Deus é, ou mesmo de tudo o que Deus é, assim como os cegos usaram quatro analogias diferentes para o elefante, sem perceber que eram apenas analogias. Mas a questão sobre a qual falávamos era se Deus tem ou não uma vontade. E como dois dos cegos discutindo sobre se o elefante tem ou não uma tromba. Quer chamem isso de tromba, quer de cobra, o elefante tem e não tem isso.

Bertha: As diferenças entre as religiões são da mesma ordem para você?

Sócrates: Algumas, sem dúvida, parecem ser. Primeira, no caso de haver ou não algum Deus: se os ateus estiverem certos, todas as religiões estão erradas. Segunda, caso o ateísmo esteja errado e haja apenas um Deus ou muitos: se os politeístas estiverem certos, todos os mono teístas estão errados. Terceira, caso os politeístas estejam errados e Deus tenha ou não um querer: se ele não tem, então todas as religiões ocidentais que dizem que ele tem estão erradas. Quarta, sobre esse tal Jesus: no meu modo de entender, duas das três religiões no mundo ocidental que acreditam que Deus tem um querer, isto é, o islamismo e o judaísmo, não acreditam que Jesus é o Messias ou o Filho de Deus, por mais que isso signifique, mas a terceira acredita, e esta é a sua religião, o cristianismo, eu acho. Desse modo, parece haver contradições básicas entre a sua religião e o islamismo, o judaísmo, as religiões orientais, o politeísmo e o ateísmo. No caso de a sua religião estar certa, todas essas outras estarão erradas. É muito simples.

Não entendo como você não consegue ver isso.

Bertha: Pode parecer simples para você, mas a verdade não pode ser assim tão simples.

Sócrates: E por que não?

Bertha: Porque se é, então você deve ser um elitista e as religiões são injustas.

Sócrates: E a sua premissa é que não pode ser dessa forma?

Bertha: Sim.

Sócrates: Posso lhe perguntar se há razões para isso ou se é simplesmente uma questão de fé para você, para a sua verdadeira religião, oculta sob a fachada de outra?

Bertha: Sim, eu tenho razões. Todas as coisas humanas são basicamente iguais, Sócrates, por serem todas finitas e imperfeitas, misturas do bem e do mal: as formas de arte, por exemplo, que tolice discutir qual é a melhor! Ou os sistemas políticos — qualquer que funcione em um dado tempo ou para uma determinada pessoa é considerado o melhor. E impossível dizer que simplesmente um seja melhor.

Sócrates: Entendo. Você parece estar lidando com um daqueles sistemas políticos, isto é, a democracia, como a verdade e a melhor, não no campo político, mas no campo da religião. Mas acho que compreendo o que quer dizer sobre todas as coisas humanas serem basicamente iguais e relativas.

Bertha: Bom, então você tem a mesma opinião?

Sócrates: Sim, exceto por dois detalhes: primeiro, a religião é da mesma ordem da arte e da política — uma coisa humana?

Bertha: É claro que é uma coisa humana; é o centro da vida humana. O que mais poderia ser?

Sócrates: Por certo, o seu lugar de habitação é humano, mas e quanto a sua origem, seria humana ou divina? Ela foi inventada pelos seres humanos?

Bertha: Naturalmente.

Sócrates: Pelo menos três religiões afirmam terem sido inventadas por Deus, não afirmam? O islamismo, o judaísmo e o cristianismo não se declaram como revelações divinas?

Bertha: Você já leu o livro-texto do curso, não leu?

Sócrates: Sim. Estou certo?

Bertha: Está.

Sócrates: Então você discorda do que essas religiões afirmam?

Bertha: De serem revelações divinas em vez de humanas? Suponho que sim.

Sócrates: Então, por que você se declara uma cristã?

Bertha: Estou surpresa com você, Sócrates, curvando-se a insultos pessoais!

Sócrates: Eu é que estou surpreso com você; nada de insulto, só quis ter certeza.

Por que tomou isso como insulto?

Bertha: Esqueça (Zangada.). Nunca pensei que você pudesse se tornar um fundamentalista!

Sócrates: Eu ainda preciso descobrir o que essa palavra significa. Neste lugar, só a tenho ouvido como repreensão. Também preciso descobrir o que significa a palavra cristão, pois você parece empregá-la apenas como exaltação. Não vejo essa forma de uso pertinente, isto é, usar as palavras não para descrever o que as coisas são de fato, mas para expressar como se sente no tocante a elas. Preciso encontrar palavras que descrevam, antes de poder usá-las para exaltar ou repreender.

Bertha: Sócrates, você está ficando muito lógico. Podemos voltar ao ponto em que você discordou de mim? Você disse que havia duas coisas, exato? A primeira, que via o cristianismo como uma revelação divina e não uma invenção humana.

Sócrates: Não foi o que eu disse. Eu nem mesmo sei o que o cristianismo é. Só afirmei que ele se declara uma revelação divina, mas você o considera uma invenção humana, por achar que outras religiões são iguais a ele, por serem também simples invenções humanas. É isso mesmo?

Bertha: Sim. Mas qual era o segundo aspecto do qual você discordou de mim?

Sócrates: Que aparentemente você vê as religiões apenas como coisas práticas e

não teóricas.

Bertha: O que quer dizer com isso?

Sócrates: Que você emprega arte e política como analogias em vez de filosofia e ciência. A arte e a política estão para a excelência, a beleza, a vantagem e a felicidade, todas com finalidades práticas. Todavia a ciência e a filosofia estão para a verdade, cujo fim é teórico.

Bertha: Certo, esta distinção já é comum para mim.

Sócrates: Mas não é verdade que as suas três religiões ocidentais afirmam ensinar a verdade e não apenas fazê-la feliz?

Bertha: Sim.

Sócrates: Então, por que ignorar esse aspecto delas?

Bertha: Como eu o ignoro?

Sócrates: Você não disse que todas as religiões são iguais?

Bertha: Sim, eu disse.

Sócrates: Mas idéias teóricas não são iguais; idéias verdadeiras não são iguais às falsas.

Bertha: Oh, entendo. As coisas práticas são iguais e relativas, de modo que se complementam, enquanto as teorias se contradizem.

Sócrates: Sim, mas não acho que toda religião se denominaria uma teoria, uma hipótese. E teoria no sentido de destinar-se também à verdade e não só à felicidade.

Bertha: Correto.

Sócrates: Nessas circunstâncias, você ainda insiste que todas as religiões são iguais?

Bertha: Sim.

Sócrates: Mas você percebe o quanto as suas doutrinas são diferentes. Então você deve estar ignorando ou sendo indiferente à questão doutrinária dessas religiões, ao examinar somente seus aspectos práticos. É isso? Você vê as doutrinas como algo sem importância? Você acha que a religião tem outro interesse que não seja a verdade?

Bertha: Eu penso alguma coisa diferente do que você considera verdade, Sócrates.

Sócrates: Minha definição de verdade não lhe agradou?

Bertha: Não.

Sócrates: Por quê?

Bertha: Há uma verdade muito mais profunda, uma verdade suprema, mais misteriosa do que você consegue saber a respeito.

Sócrates: Pode ser que sim. Mas não há também a verdade que eu conheço, essa verdade comum e monótona, um tipo de verdade do bom senso, dizendo o que é?

Bertha: Suponho que sim, mas por que isso é tão importante para você?

Sócrates: Porque, sem isso, como pode alguém dizer o que é sobre alguma coisa, mesmo sobre essa sua verdade suprema? Para falar a verdade sobre a sua suprema verdade, você precisa falar a minha verdade insignificante.

Bertha: Certo, assim a sua verdade existe, Sócrates, mas não é a essência da religião. Tudo bem, eu sei a sua próxima pergunta, Sócrates, nem precisa me falar. Já aprendi como funciona sua mente, nesse meio tempo.

Sócrates: Bom, estou esperando...

Bertha: Qual é a essência da religião? Bem, como toda essência, ela deve ser o que todas têm em comum, o elemento universal em todas as religiões, o mínimo denominador comum e o máximo: é a religião em si. Há uma resposta da qual, com certeza, você vai gostar: a essência da religião é a própria religião.

Sócrates: Eu ainda estou esperando você me dizer o que é isso.

Bertha: Oh, isso não pode ser feito de uma maneira simplista, abstrata, apriori.

Sócrates: Então, façamos de modo complexo, concreto e a posteriori.

Bertha: Como?

Sócrates: Podemos começar não com a essência comum, mas com os exemplos.

Bertha: Muito bem.

Sócrates: A essência da religião é ampla o suficiente para incluir a religião do budismo? O budismo é uma religião, não é?

Bertha: Certamente.

Sócrates: E o confucionismo?

Bertha: Sim.

Sócrates: Mas o budismo e o confucionismo não acreditam em Deus. Eles nunca falam em Deus, não é verdade?

Bertha: Sim.

Sócrates: Então a crença em um Deus, a adoração, o amor de Deus ou a fé em Deus não pode servir de essência da religião.

Bertha: E verdade. Religião não é só adoração a Deus. E todo interesse supremo, todo valor absoluto, todo bem maior ou o mais simples propósito de vida.

Sócrates: Agora parece que temos algo que você disse não poder apresentar antes: uma definição. Vamos testá-la. Meu discípulo Platão não acreditava nos deuses, mas certamente acreditava em valores absolutos, em um bem maior e nos interesses e propósitos mais simples da vida. Você diria que o platonismo é uma religião?

Bertha: Creio que o argumento me leva a dizer que sim. Mas não, o platonismo é

uma filosofia, não uma religião.

Sócrates: E o que dizer dessas estranhas filosofias das quais tenho ouvido que provocaram tantas guerras em seu século, entre elas o fascismo e o comunismo; são religiões?

Bertha: Não, são filosofias anti-religiosas. O comunismo é ateísta.

Sócrates: Mas elas não são os propósitos e os interesses básicos da vida de seus adeptos?

Bertha: Sim, são.

Sócrates: Então a essência da religião não pode ser nenhuma dessas coisas, nada suficientemente amplo que implique tanto a descrença quanto a religião. Pois, como uma coisa poderia conter a própria oposição? Como poderia religião envolver descrença?

Bertha: As pessoas podem ser religiosas conforme sua falta de religião.

Sócrates: Isso se parece com uma contradição, mas talvez não seja. O que você quer dizer com isso?

Bertha: Serem fanáticas.

Sócrates: Bem, então a essência da religião é o fanatismo? Só os fanáticos são religiosos?

Bertha: Não, não, isso é limitado demais. Nada de fanatismo nem de sentimentalismo. O fanatismo é um sentimento prejudicial. Já o sentimento religioso pode ser bom.

Sócrates: Assim, a essência da religião então é o sentimento?

Bertha: Sim.

Sócrates: Luxúria é religião?

Bertha: Em um sentido, sim!

Sócrates: Acho que começo a entender o que este "sentido" seu quer dizer. Você entende por "religião" um tipo de atitude, não é? Não uma crença ou uma doutrina que afirma ser a verdade, mas uma qualidade de sentimento, não é isso?

Bertha: Imagino que seja.

Sócrates: No entanto, as suas três religiões ocidentais definem religião de outra forma, não definem? Todas apresentam livros que afirmam ensinar as palavras fiéis de Deus, a verdade divina e a revelação divina. Será que só as religiões orientais definem religião como certo estado de sentimento, de experiência ou de consciência?

Bertha: Sim.

Sócrates: Então você é mais hinduísta, budista ou taoísta que cristã.

Bertha: Eu não sei o que sou, Sócrates.

Sócrates: Oh, nem eu. Mas pensava que você soubesse, pelo menos, no que acreditava.

Bertha: É possível que eu não consiga definir de modo suficientemente amplo a essência da religião para acolher o budismo, nem limitado o suficiente para excluir o comunismo.

Sócrates: Talvez não seja culpa sua. Pode ser que ninguém consiga definir essa essência, esse mínimo denominador comum, por uma razão muito simples: é provável que ela não exista.

Bertha: Oh, mas existe sim, Sócrates. Pode-se ver isso refletido nas diferentes religiões do mundo. Se compararmos o Sermão do Monte de Jesus, o Dhammapada de Buda, o Tao Te Ching de Lao Tsé, os Analectos de Confúcio, os Provérbios de Salomão, a Lei de Moisés, o Bhagavad-Gita e o Diálogo de Platão, veremos uma surpreendente unidade. Sim, Sócrates, vejo você com sua boca aberta outra vez para fazer a pergunta óbvia: o que é esta unidade? Então, veja bem: vou mostrar algo bastante surpreendente.

Há três níveis de pensamento sobre como viver. A maioria vive no nível mais baixo, por instinto, individualismo e pragmatismo. E há grandes filósofos, como Maquiavel, Hobbes e Freud, que defendem esse modo de vida, dizendo que é o

mais alto nível que alguém atinge, visto que somos apenas animais. Outros alcançam mais alto e vivem pela justiça, integridade, retidão imparcial e virtude; vivem pelo que devem ser, mais do que por algo de que necessitam ou têm vontade. E a maioria dos filósofos apoia esse modo de vida; para Platão, por exemplo, é a justiça. Finalmente, muito poucos vivem por algo ainda mais elevado: a caridade, o comprometimento; estão acima da justiça. E os pensadores que acabei de mencionar escrevem a respeito disso. Esses atingem o terceiro nível; eis a essência da religião! Aí está, caso você queira uma doutrina, Sócrates, uma comum a Moisés, Salomão, Jesus, Buda, Confúcio e a Lao Tsé: morrer para o eu, o mistério da caridade. Acho que mesmo Platão o alcançou, não alcançou? De fato, eu apostaria que você teve influência nisso. Você deve saber do que eu estou falando, não sabe?

Sócrates: Eu realmente sei, Bertha, e de fato influenciei a filosofia de Platão.

Entretanto, isso ainda é filosofia, não religião. É aquela divisão da filosofia chamada ética, isto é, aquela parte da ética que lida com a questão do summum bonum, ou o bem supremo. Assim é a ética: uma forma de vida.

Bertha: Muito bem.

Sócrates: Então a ética é a essência da religião.

Bertha: Se você quiser.

Sócrates: Não, se você quiser.

Bertha: Sim, aceito. Eu falo sério.

Sócrates: E você diz que a religião é esse terceiro nível?

Bertha: Sim.

Sócrates: E que nem todos o alcançam, compreendem ou acreditam nele?

Bertha: Exato.

Sócrates: Assim, nem todo mundo é religioso, então.

Bertha: Não nesse sentido.

Sócrates: Um ateu não é um crente religioso, é?

Bertha: Não.

Sócrates: Todos os ateus são pagãos?

Bertha: Certamente que não. Conheço alguns ateus mais dignos de confiança que muitos cristãos.

Sócrates: Então, um ateu pode ser uma pessoa muito decente?

Bertha: Sim.

Sócrates: Altruísta?

Bertha: Sim.

Sócrates: A essência da religião, por/conseguinte, não pode ser a ética, já que os ateus podem ser éticos, mas não religiosos.

Bertha: Oh, mas isso não tem lógica, tem?

Sócrates: Com isso estamos de volta aonde começamos. O que é, então, essa tal essência da religião?

Bertha: Eu não sei, Sócrates.

Sócrates: Agora sim estamos fazendo progresso!

Bertha: Mas só sei que, independentemente do que ela seja, as religiões são iguais.

Sócrates: Com que facilidade nós deixamos nosso progresso de lado! Com que rapidez a gravidade nos faz descer das alturas; ou melhor, com que rapidez a inconstância do orgulho nos arranca da gravidade da modéstia!

Bertha: Mas, Sócrates, você não concorda que a religião é como uma montanha com diferentes caminhos que levam ao topo? E por isso que é tão difícil definir; como é possível definir uma montanha? Dentro, tudo é escuro, enigmático e

denso, mas a superfície é visível, e é possível ver muitos caminhos de diferentes lados e pontos de partidas; todos levam ao cume. Que tolice debater para ver qual é o melhor caminho, o lado verdadeiro! É como discutir se a montanha está ensolarada ou nebulosa, quente ou fria: as duas coisas; todas as coisas. Que estreiteza de espírito negar a validade de outros caminhos e só avaliar o pessoal! Você não percebe o meu modo de ver, Sócrates? Isso não é orgulho, e sim humildade. Seria orgulho negá-lo, tornar absoluto um único caminho.

Sócrates: Não entendo nada até que eu veja. Então, vamos ver o que significa a sua metáfora da montanha. Seriam as várias religiões caminhos que sobem a montanha da vida na direção de Deus, que está no topo?

Bertha: Sim, Deus ou coisa alguma que você denomine; ele, ela ou alguma outra coisa.

Sócrates: Os caminhos são iguais, por começarem no mesmo nível, na parte inferior, e por alcançarem o topo?

Bertha: Sim.

Sócrates: Como sabe que todos atingem o topo?

Bertha: Como sabe que não atingem?

Sócrates: Eu não sei. Nem digo que sei. Você, entretanto, parece estar afirmando que sabe que atingem. Admiro-me de como você pode saber isso, a não ser que esteja no topo.

Bertha: Não, não estou no topo e não aspiro a isso.

Sócrates: Eis outra coisa que você supõe, eu acho: que sabe que todas as religiões são artificiais, caminhos do homem para Deus em vez de serem o caminho de Deus na direção do homem. É assim que você considera a religião, não é?

Bertha: Sim.

Sócrates: Admiro-me de como você sabe isso. Como sabe que ela não é o

caminho oposto, conforme afirma a sua própria religião, a sua Escritura; em suma, Deus em busca do homem, e não o homem em busca de Deus?

Bertha: Eu não sei. Honestamente, que diferença isso faz?

Sócrates: Se for invenção de Deus em vez de nossa, e isso é você quem está dizendo, porque eu não sei se é ou não, então faria sentido haver apenas um único caminho, feito por Deus. Se, ao contrário, a religião for artificial (elaborada humanamente), então seria justificável que houvesse muitos caminhos, por haver muitos povos, nações e culturas. E se ela for mesmo fruto da invenção humana, então se poderia aceitar que todas as religiões tivessem fundamentalmente as mesmas características por serem humanas, finitas e uma composição do bem e do mal. Todavia, se a religião for divina, seria aceitável que outras religiões, as humanas, não fossem iguais àquela feita por Deus, porque as coisas feitas por homens não estão à altura das coisas divinas.

Bertha: Eu nunca havia pensado sobre isso dessa forma, antes.

Sócrates: Acho que já. Você só não tinha explicitado a sua suposição. É tudo o que eu faço com você. Eu não digo o que você não sabe, só o que sabe, mas que não sabe que sabe.

Bertha: Que suposição?

Sócrates: Que você achava arrogante afirmar que apenas uma religião detém a verdade, a verdade absoluta e somente a verdade, uma vez que todas as coisas humanas são, na sua essência, iguais. Não era este o seu argumento?

Bertha: Sim.

Sócrates: A dedução só resulta de determinada premissa se você pressupõe outra premissa, a de que a religião é humana. O seu argumento então foi que as coisas feitas por homens são iguais e a religião é algo feito pelo homem; logo, as religiões são iguais.

Agora eu lhe pergunto: Como sabe a sua segunda premissa, que a religião é obra dos 66 | P á g i n a

homens?

Bertha: Ora, eu não sei. Eu só quis evitar a arrogância.

Sócrates: E um bom propósito, certamente. Mas, será que bastam bons propósitos, sem conhecimento?

Bertha: Que conhecimento?

Sócrates: O conhecimento que lhe falta, que a levou à arrogância, exatamente o contrário de sua intenção de evitá-la.

Bertha: Quê? Como assim?

Sócrates: O seu desconhecimento sobre se foi Deus ou o homem que fez o caminho.

Porque, se Deus o fez e só fez um, então não é arrogância, mas humildade aceitar esse único caminho feito por ele e acreditar nele; entretanto, não é humildade, mas arrogância insistir que os caminhos feitos por mão humana sejam exatamente tão bons quanto o de Deus. E não seria também arrogante pressupor que sabemos ser impossível Deus ter feito um caminho?

Bertha: Imagino que sim.

Sócrates: Eu acho que você é mais sábia que o professor Shift; ele achava que era humilde quando, na verdade, era arrogante. Você pelo menos admite arrogância e isso é humildade.

Bertha: Shift parecia absolutamente certo de que o caminho não poderia ser feito por mãos divinas.

Sócrates: E provável que esta seja a razão por que ele parou de procurá-lo; estava certo de que não existia.

Bertha: O que você acha, Sócrates?

Sócrates: Eu? Oh, ainda estou em busca desse caminho, embora eu não saiba se ele existe ou não.

Bertha: Então foi por isso que se matriculou na aula de Cristologia?

Sócrates: Não tenho certeza.

Bertha: Vamos, está quase na hora dessa aula. Temos de atravessar o campus. Vou mostrar o caminho.

Sócrates: E exatamente isso que você está fazendo.

Bertha: Enquanto prosseguimos, tenho outra pergunta que está me incomodando.

Você não concorda com o princípio: "Pelos seus frutos os conhecereis"?

Sócrates: Isso parece o princípio de raciocínio do efeito para a causa. Sim, concordo.

Bertha: Então, você não percebe que os fundamentalistas não podem estar certos, em razão das terríveis conseqüências de acreditarem no que acreditam?

Sócrates: Que conseqüências?

Bertha: O imperialismo religioso, a dominação, meu caminho é melhor que o seu, meu caminho é o único, eu estou certa e vocês todos estão errados; você conhece a atitude a que me refiro.

Sócrates: E claro que conheço, mas não vejo como alguém que acredita que certa religião foi revelada por Deus possa ter tal atitude. Deveria acreditar na sua religião, não por ser sua, mas por ser de Deus, não porque ele a criou ou quer condenar outros, mas 67 | P á g i n a

porque Deus a revelou. Não deveria?

Bertha: Deveria sim, sempre.

Sócrates: E então, ser fiel ao que Deus disse seria humildade e não arrogância, mas seria arrogância e não humildade tentar consertar isso, não seria?

Bertha: Sim, como antes.

Sócrates: Acho que temos outra vez uma suposição oculta na sua preocupação sobre o imperialismo; isto é, que podemos fazer religião como nós queremos, que a religião é obra humana, como antes. E continuo sem saber como você sabe

disso.

Bertha: Mas existem muitos cristãos imperialistas e arrogantes!

Sócrates: Essa sua religião, o cristianismo, foi ensinada por Cristo, não foi?

Bertha: Sim.

Sócrates: Cristo foi um tipo de pessoa arrogante e dominadora?

Bertha: Oh, não. Exatamente o contrário. Nada o deixava mais irritado que a arrogância e a intolerância dos líderes religiosos. Jamais algum homem na História foi mais misericordioso, humilde e piedoso com todos.

Sócrates: Por acaso ele ensinou que a sua religião era o único caminho?

Bertha: Na verdade, de acordo com os textos, sim. Ele afirmava ser "o caminho, a verdade e a vida".

Sócrates: Isso, de fato, parece uma afirmação arrogante.

Bertha: Sim. E por isso que é preciso duvidar de que os textos sejam historicamente exatos. Não há forma de harmonizar as duas direções dos textos: as humildes e as arrogantes.

Sócrates: Espero que possamos aprender mais sobre isso em nossa aula de cristologia. O que você diz parece ser verdade... exceto, é claro, sem objeções, que é imaginário demais.

Bertha: O que é isso?

Sócrates: Arrogância significa dizer mais sobre si mesmo do que é verdade, não é?

Bertha: Sim.

Sócrates: Se alguém afirmasse ser a única verdade e o seu caminho, o único verdadeiro, o único caminho, estaria dizendo mais do que alguém tem o direito de dizer na realidade, não estaria?

Bertha: Isso mesmo.

Sócrates: E, portanto, seria arrogante.

Bertha: Sim. Você está começando a entender meu modo de ver, Sócrates.

Sócrates: Todavia, se um deus falou essas palavras... não, o pensamento é imaginário demais para se levar adiante e teria de esperar até a nossa próxima aula, de todo jeito. Já estamos quase chegando?

Bertha: Eu acho que você está, apesar de tudo. (Continuam caminhando.)
Sócrates: Hum. Fale-me, quanto tempo tem essa sua religião?

Bertha: Cerca de dois mil anos.

Sócrates: Extraordinário! E vocês, cristãos, seguem de forma coerente o professor de 68 | P á g i n a

vocês, sendo compassivos como ele?

Bertha: Meu Deus, não, Sócrates! Até houve um tempo em que grandes líderes cristãos queimaram vivos os heréticos, pessoas que não criam no que eles criam. A isso deram o nome de Inquisição.

Sócrates: Que contradição assombrosa!

Bertha: E verdade. Agora você vai entender por que pessoas como o professor Shift temem o fundamentalismo. Ele quer se manter bem longe de tudo o que se assemelhe a isso.

Sócrates: Os fundamentalistas querem queimar os heréticos?

Bertha: Não, mas eles não vêem a tolerância ou a igualdade religiosa como os liberais.

Sócrates: Ao que tudo indica, essa tal de Inquisição falhou em distinguir heresia

de herético.

Bertha: O que você quer dizer?

Sócrates: Eles tentaram destruir a heresia queimando o herético, não foi isso?

Bertha: Realmente. Não foi um erro absurdo?

Sócrates: Deveras! Ainda gostaria de saber se o seu compassivo professor não está cometendo o mesmo erro.

Bertha (Muito chocada, detendo-se em seu discurso.): Quê? Como pode dizer isso?

Sócrates: Ele deseja amar, aceitar e tolerar a todos igualmente, não deseja?

Bertha: Certo. Então, como pode compará-lo à Inquisição?

Sócrates: Eu não fiz isso. Eu disse que ele pode estar cometendo o mesmo erro que a Inquisição, que não fez distinção entre heresia e herético.

Bertha: Como?

Sócrates: Você concorda que os heréticos merecem aceitação, amor e compaixão como todos os homens?

Bertha: E claro que sim.

Sócrates: E as heresias? Os erros? As falsidades? Eles merecem aceitação ou rejeição? Fazemos o bem a nós mesmos e aos outros ao acreditar em falsidades ou ao rejeitá-las?

Bertha: Você quer dizer que Shift é um herético?

Sócrates: Não. Acho que ele tem medo de discordar de todos, exceto de um fundamentalista; ou de denominar toda idéia religiosa herética ou falsa, porque ele está lidando com as heresias como se elas fossem heréticas, do mesmo jeito que a Inquisição tratava os heréticos: como se eles fossem heresias.

Bertha: Mas ele não deseja matar ninguém.

Sócrates: Ele mataria alguma idéia?

Bertha: Só uma fundamentalista. Ele crê que o cristianismo é a religião do amor, só do amor.

Sócrates: E da verdade também, não é?

Bertha: Não, da verdade sem amor, não.

Sócrates: Mas do amor sem a verdade? Como pode isso ser verdadeiro amor? Como esses dois atributos divinos podem se separar? Não deveríamos sempre falar a verdade com amor?

Bertha: "Antes, seguindo a verdade em amor"18; é uma citação do apóstolo Paulo.

Então você leu o Novo Testamento?

Sócrates: Ainda não.

Bertha: Então como conhece a citação?

Sócrates: Eu não sabia que era uma citação. Eu conhecia porque e era uma verdade.

Bertha (Surpresa.): Mas acho que tudo o que Deus sempre esta de nós é amor e sinceridade.

Sócrates: Como sabe o que Deus espera?

Bertha: Bom, o que acha que Deus espera se não isso?

Sócrates: Eu não sei. É por isso que estou aqui, para descobrir.

Bertha: Bem, se eu fosse Deus, é tudo o que pediria.

Sócrates: E óbvio...

Bertha: Sim, eu sei.

Sócrates: É sério, Bertha. Imagine que a sinceridade não fosse suficiente?

Bertha: O que mais poderia ser tão importante quanto a sinceridade?

Sócrates: A verdade. Em toda e qualquer esfera da vida, precisamos da verdade, não precisamos?

Bertha: Por exemplo?

Sócrates: Basta só a sinceridade para um cirurgião? Para um explorador? Não precisamos dos mapas verdadeiros para encontrar nosso caminho?

Bertha: É por isso que temos coisas fora de nós, como um corpo ou a terra, para nos conduzir.

Sócrates: Você acha que não temos nada fora de nós na religião para nos conduzir?

Acha que Deus está em algum lugar dentro de você e não fora? Ou acha que a única coisa do lado de fora é matéria?

Bertha: Acho que eu estava supondo isso.

Sócrates: Com isso você estava admitindo o materialismo e, por conseguinte, o ateísmo.

Bertha: Mas a religião é diferente de uma cirurgia ou de uma exploração.

Sócrates: Isso é o que eu gostaria de saber. Mas religião não é um tipo de cirurgia da alma e uma exploração acerca de Deus?

Bertha: É uma questão do espírito e não do corpo.

Sócrates: De fato. Mas o espírito não tem caminhos quase tão objetivos quanto os caminhos do corpo?

Bertha: O que você quer dizer?

18 Efésios 4.15.

Sócrates: Assim como dois caminhos físicos diversos levam a duas cidades diferentes e dois caminhos racionais diversos a duas diferentes conclusões, também dois caminhos espirituais diferentes levam a dois destinos diversos: a Deus ou a outro destino; se, naturalmente, Deus realmente estiver lá. Você não é ateísta, é?

Bertha: Não, mas ainda acho que a sinceridade e a honestidade são as coisas mais importantes. E preferível estar sinceramente errada em vez de falsamente certa. Você não acha?

Sócrates: Não. Se eu for um cirurgião ou um explorador, não! Parece-me que a verdadeira sinceridade deseja conhecer a verdade, e a verdadeira honestidade deseja acreditar em uma coisa por uma única razão apenas: porque é verdadeira. Você não concorda?

Bertha: Mas se é assim, então os pagãos sinceros, mas enganados, nunca irão para o céu, nem encontrarão a Deus?

Sócrates: Isso eu não sei. Acho que você tem à sua frente um caso e tanto; um pagão sincero, mas enganado, que pelo menos está procurando encontrar a Deus. Eu não acho que um Deus justo puniria alguém por não saber o que deveria saber, ou por desobedecer a um conhecimento que não tem. Todavia, um Deus justo avaliará todos os responsáveis pelo conhecimento que poderiam ter tido e por desobedecerem a esse conhecimento. Esta é a situação na qual eu pareço estar, bem como a maioria dos homens, imagino. Se não conhecesse a verdade pelo menos o suficiente para saber que peco contra ela muitas vezes, por que ainda estaria buscando?

Bertha: Mas Sócrates, pensei que você fosse tão bom!

Sócrates: Você nunca ouviu a história do sofista fisiognomonista que tentou me analisar pela minha face?

Bertha: Não. Conte-me!

Sócrates: O sofista veio de outra cidade e não sabia nada a meu respeito nem da minha reputação. Ele vangloriava-se de poder ler o caráter de um homem pela sua face.

Os meus discípulos, mais por zelo que por conhecimento, tinham certeza de que

o homem erraria no meu caso. Assim, pediram para que o homem lesse o meu caráter. Ele me fitou, chamando-me de libertino, de grosseiro, de preguiçoso e de brigão. Todo mundo riu, menos eu, porque eles não me conheciam bem como você também não. Eu pedi que eles parassem de rir e contei-lhes que a arte do sofista não era a falsificação, porque aquelas eram exatamente as tentações contra as quais eu tinha de lutar diariamente.

Bertha: Seja bem-vindo à raça humana, Sócrates! Mas seguramente há uma partícula de coisas boas em nossa pior parte, e uma de coisas ruins na melhor. O bem e o mal estão em todos os lugares, entre as pessoas de todas as religiões.

Sócrates: Sim. E qual é a conseqüência disso?

Bertha: Que todas as religiões são iguais, não é?

Sócrates: Não entendo como.

Bertha: Eu... acho que nem eu mais. Você me confunde, Sócrates. O que eu pensava que sabia de maneira tão simples e sólida torna-se obscuro e se dissipa de repente.

Sócrates: Isso é progresso, de fato.

Bertha: Certamente isso não parece progresso.

Sócrates: Se construirmos castelos nas nuvens, eles se sustentam?

Bertha: Não.

Sócrates: Não seria progresso, então, abandonar certos alicerces instáveis e procurar alicerces mais sólidos?

Bertha: Sim, eu acho que seria. Portanto, nós progredimos, apesar de tudo. Pelo menos avançamos para a nossa próxima aula. Aqui estamos na aula de Cristologia do professor Fesser.

Sócrates: Quem será que vou encontrar aqui? Estou curioso para saber.

7

Jesus, o único

Sócrates e Bertha Broadmind estão em um hall lotado da Escola de Teologia Havalarde, no intervalo da aula.

Bertha: E então, Sócrates, está pronto para a sua primeira aula de Cristologia?

Sócrates: Eu sempre estou pronto para conhecer.

Bertha: O que espera conhecer?

Sócrates: Duas coisas, imagino: quem é esse Jesus e por que a providência divina me trouxe aqui para saber a respeito dele.

Bertha: Bem, se há alguém que pode ensiná-lo sobre o assunto, é o professor Fesser. Ele é um especialista em Cristologia, de renome mundial.

Sócrates: Nós certamente estamos em lados opostos da hierarquia, porque eu mal sei o que é Cristologia. A julgar pelo nome, deduzo que seja a ciência de Cristo, o estudo racional da pessoa de Jesus, que é chamado Cristo.

Bertha: Você tem razão. Ei... (Entrando na sala, vendo uma mesa redonda com cinco estudantes ao redor.) Vai ser... vai ser em forma de seminário; você vai gostar, Sócrates, porque vai ter a oportunidade de fazer muitas perguntas.

Sócrates: Eu espero que sim. E há alguma outra forma de aprender? As suas outras aulas não são assim?

Bertha: Não, a maioria é aula expositiva.

Sócrates (Muito chocado.): Ah, sei... Meu método então não se popularizou, mesmo.

Bem, então imagino que grande parte das leituras seja de livros em vez de pessoas.

Bertha: O que você quer dizer com "ler pessoas"?

Sócrates: Diálogo, é claro!

Bertha: Oh. Bem, também temos diálogo, mas acho que a leitura de livros predomina aqui. O que há de errado com os livros?

Sócrates: Oh, nada de errado; pelo contrário, são uma invenção maravilhosa.

Entretanto, tenho duas restrições a eles.

Bertha: Quais?

Sócrates: Uma delas, eu aprendi com as lendas egípcias sobre o deus Thot, que inspirou o faraó a inventar a escrita. O faraó ficou ilimitadamente agradecido, mas Thot advertiu que aquilo que ele dava com uma das mãos, tirava com a outra.

Bertha: O que isso significa?

Sócrates: Que quanto maior for a nossa memória externa em livros, menor será a memória interna da alma! Pois os livros facilmente se tornam semelhantes a parasitas, que vivem do sangue de seu hospedeiro, a mente. E a segunda restrição é que eles são como cadáveres em vez de viventes; dão continuamente a mesma resposta sempre que os interrogamos. Eu sempre preferi dialogar com os vivos, cujas respostas são imprevisíveis, a dialogar com os mortos.

Bertha: Bem, terá o que prefere aqui em um instante. Todos estes estudantes parecem estar vivos. (Aos seis alunos sentados.) Olá!

Alunos: Olá!

Professor Fesser: (Entrando.): Bom dia! Bem-vindos ao meu seminário em Cristologia. Sou o professor Fesser e gostaria de que esta aula fosse o mais informal possível, já que todos, imagino eu, são alunos adiantados. Parece que temos um grupo bem pequeno de... vamos ver... sete alunos, e como há muitas diferenças entre vocês, acredito, cada um poderá contribuir com algo só seu. Gosto de me considerar mais um facilitador que um professor, pois a aula é de vocês, não minha. Portanto, agora que já me apresentei, gostaria de iniciar pedindo a cada um que se apresente, diga seu nome e alguma coisa que julgue

importante ou útil sabermos sobre si mesmo, como por que escolheu este curso, por que está na Escola de Teologia, de onde veio... Tudo bem?

Classe: Tudo bem! (Alguns sorriem aliviados, outros parecem desconfiados.)
Fesser: Vamos começar aqui à minha direita e seguir rodeando a mesa.

Molly: Sou Molly Mooney [Tonta] e estou aqui para estudar o homem considerado o princípio unificador do Universo. Jesus nos mostrou o Caminho, o caminho da união, do amor e da unidade e este é o segredo da vida, segundo todos os grandes pensadores.

Por exemplo...

Fesser: Desculpe-me, Molly, mas as apresentações devem ser curtas, tudo bem?

Haverá tempo de sobra para todos... uh... participarem com alguma coisa, sem pressa, mais tarde. Certo?

Molly (Levemente sorrindo.): Certo.

Fesser (Justificando-se.): Eu não tive a intenção de interromper ou cortar você. Longe disso...

Molly (Sorrindo.): Tudo bem, professor, concordo com sua atitude e respeito a opinião de todos. Aceito suas desculpas e a de todos aqui. Amo todo mundo. Como você vê, eu vivo segundo o princípio...

Fesser (Pacienteporém nervoso.): Sim, obrigado, Molly. O próximo, podemos ouvir?

Sophia (Com um sotaque britânico refinado da índia Oriental): Sou Sophia Sikh e acho que estou aqui porque eu, na verdade, não sei de onde venho. Minha mãe era batista e meu pai hindu, mas fui educada por meu tio em Oxford, que é ateu. Enquanto estava em Oxford, experimentei o que minha mãe chama um quádruplo lapso de boa conduta: tornei-me episcopal, então unitarista, ateísta e, por último, socióloga. (Turma solta uma exclamação de espanto debochado.)

Fesser: Que experiência interessante!

Sophia: E o que todos dizem. Sinceramente, queria que alguém dissesse algo

mais, alguma coisa mais interessante que um simples: "Que interessante".

Fesser (Levemente corado e exaltado.): Bem, Sophia, acho que em uma classe tão distinta como esta é praticamente certo que você vai encontrar alguma coisa interessante.

E tenho certeza de que você tem muito para dar, mas também muito para descobrir.

Sophia: O que você quer dizer com isso, é possível explicar?

Fesser: Que tenho certeza de que você tem muito para ensinar aos outros, mas também para aprender com eles.

Sophia: Como pode ter certeza, professor, você nem me conhece?

Fesser: Ora, todos têm alguma coisa para dar, Sophia, não importa quem seja.

Sophia: Isso não é o que se costuma dizer às pessoas tolas, mas nunca às 74 | P á g i n a

inteligentes?

Fesser (Surpreso.): Ora, é claro que não. Por que a pergunta?

Sophia: Alguém, por acaso, falou algo assim para Einstein?

Fesser (Sorrindo e esquivando-se): Agora estou compreendendo. Eu penso que não.

Desculpe, não tive a intenção de falar assim, Sophia.

Sophia: E eu não queria deixá-lo constrangido, professor. Muitas vezes as pessoas me dizem que sou franca demais ao se tratar dos meus interesses.

Fesser: Oh, por favor, sinta-se à vontade aqui, diga o que quiser, o que vier à mente.

Esta é uma sala de aula livre. A única regra na qual eu gostaria de insistir é que não sintamos necessidade de nos prender a regra alguma. Tudo bem?

Sophia: Como quiser, professor!

Fesser: O próximo, por favor?

Thomas: Meu nome é Thomas Keptic. Sou jogador profissional de xadrez; portanto, pobre, embora meu rating seja 2.400. Eu era cristão, penso, então me tornei marxista e hoje sou um desiludido com todos e com tudo mais ao redor. Eu costumava desenvolver softwares para cursos de filosofia eletrônicos, mas me cansei. Passei o último ano no Instituto de Estudos Avançados, tentando informatizar a aplicação da Prova de Goedel à estrutura da crença de cada uma das principais religiões do mundo. Estou aqui para ver a possibilidade de fazer a mesma aplicação às diversas cristologias presentes no cristianismo, como infra-estruturas em uma grade universal sólida e isenta de valores.

Fesser: Que abordagem interessante! (Sophia vira-se para ele com movimento ríspido e ele, de imediato, lhe sorri, sem graça?}: Ou melhor, esta pode perfeitamente ser uma nova e próspera abordagem do mistério de Cristo. Espero poder ouvir mais de sua abordagem e de suas... ah... concepções. O próximo, por favor?

Salomão (Lenta e calmamente): Meu nome é Salomão Etude [Eruditus]. Estou aqui para ouvir, pensar e aprender.

Fesser: E tudo que tem a dizer?

Salomão: Sim, creio que seja suficiente por ora. Quando eu tiver algo digno de ser dito, vou dizer.

Fesser: Obrigado, Salomão. Próximo?

Ahmen: Meu nome é Ahmen Ali Louiea [Ali Luia]. Vim até aqui conseguir o meu diploma para me tornar um missionário ordenado e ensinar meu povo sobre Jesus, o Salvador.

Fesser: Obrigado, Ahmen. Há abordagens diversas relacionadas ao mistério de Cristo, você sabe, não é?

Ahmen: Você quer dizer, do Salvador.

Fesser: Sim, mas a palavra que você emprega também carrega uma grande carga

interpretativa, espero que perceba.

Ahmen: E o seu "mistério de Cristo" não?

Fesser: Supõe-se ser neutro.

Ahmen: Mas "mistério de Cristo" não é o seu nome, é invenção sua. Jesus, por sua vez, não é invenção minha, mas o nome dele.

Fesser: Ah... bom, podemos discutir a questão de ordem lingüístico-heurístico-

hermenêuticaem um outro momento. (Sócrates franze as sobrancelhas) Quem é o próximo, por favor?

Bertha: Sou Bertha Broadmind e estou aqui para pesquisar sobre Jesus, por ser um dos meus heróis de generosidade e amor, de todos os tempos.

Fesser: Obrigado, Bertha. E por último, mas não menos importante, quem é o senhor, e por que está aqui?

Sócrates: Meu nome é Sócrates. E estou aqui porque a providência divina o quis; para que fim supremo eu não sei. (Turma sorri de modo paciente) Fesser: Entendo. HumTalvez para desempenhar algum papel. Poderia ser um bom propósito. Gostaria que chamássemos você de Sócrates?

Sócrates: Com certeza. Sempre tive uma forte inclinação para chamar as coisas pelos seus próprios nomes. (A turma ri baixinho)

Fesser: Ótimo. Acho que vocês formam um grupo notavelmente variado e espero que cada um de vocês participe no seminário. Neste momento, acho que deveríamos planejar o curso para que, à medida que formos seguindo, eu não tenha de impor esquemas rígidos por minha conta. O que acham da idéia?

Thomas: E se não for o que queremos? Não estaria você impondo o seu esquema rígido de falta de rigidez a nós, também?

Fesser (Surpreso e confuso): O restante da turma também pensa assim? (Poucos sacudiram a cabeça negativamente)

Thomas: Não é uma questão de pensar assim, professor; é uma questão de lógica e coerência.

Bertha: Eu gosto de discussão livre.

Molly: Eu também.

Ahmen: Mas não podemos simplesmente falar de tudo.

Fesser: Acho que o único planejamento necessário é que centralizemos nossa atenção no mistério de Cristo.

Ahmen: O que quer dizer, por favor?

Fesser: Que simplesmente abordemos os principais tópicos de Cristologia, como a Heilsgeschichte19, suprema Cristologia versus primeira cristologia, desmitificação, fé na ressurreição, hermenêutica... (Percebe a mão de Sócrates levantada.) Pois não, Sócrates?

Sócrates: Posso pedir algumas definições de termos?

Fesser: Sim. E exatamente o que esperávamos de vocês. Entretanto, eu também esperava que alunos no nível de vocês, já tivessem alcançado um mínimo de conhecimento sobre estes conceitos.

Sócrates: Talvez eu não deva estar aqui, então.

Fesser: Que cursos você fez?

Sócrates: Nenhum, a não ser o da vida. Veja bem, morri muitos anos antes de esses conceitos serem inventados.

Fesser: Ah, claro, eu compreendo. Bem, na verdade, o curso deveria ser apenas

19 A palavra Heilsgeschichte significa "história da salvação", nome de uma escola teológica que enfatiza a obra redentora divina ao longo da História

[N. do T.].

orientações bastante proveitosas para seguirmos. Como explicaríamos o mistério

de Cristo a um homem que morreu em 399 a.C, há mais de dois mil anos? Vejamos, de 399

a.C. até 2005 d.C. ou A.D., temos... hum... 2.404 anos mais tarde.

Sócrates: Perdão, mas que significam a.C. e d.C. ou. A.D?.

Fesser: Oh, é claro que Sócrates não poderia entender esses conceitos, poderia?

Sócrates: Eu não entendo por que você falou no futuro do pretérito, mas o fato é que não entendo esses conceitos. Você poderia me explicar, por favor?

Fesser: E então, turma?

Bertha: Bem, a.C. significa "antes de Cristo", d.C, "depois de Cristo". A.D. é a forma antiga "anno Domini", que significa "no ano de nosso Senhor", a qual tem sido substituída por d.C, forma mais moderna.

Sócrates: Cristo é nosso Senhor?

Bertha (Desconcertada.): E só uma expressão.

Sócrates: Oh! Então Cristo não é o seu Senhor? (Ahmen e Thomas riem) Bertha: A questão não é esta.

Ahmen: Tem certeza?

Sócrates: O que quero saber é por que toda a história remonta a esse homem.

Imagino que você deve considerá-lo o homem mais importante da história, exato?

Bertha: Sim.

Sócrates: E por quê?

Fesser: Pergunta excelente para se começar. Agradeço pelo belo trabalho desenvolvido com essa abordagem socrática, senhor.

Sócrates: Obrigado pelo elogio, embora não seja bem um elogio felicitar um triângulo por ser triangular. Mas eu gostaria de ter uma resposta, em vez disso.

Fesser: Bem, turma?

Molly: Jesus nos ensinou a viver. (Diz "viver" com entusiasmo.) Sócrates: Então ele era um filósofo?

Molly: Oh, sim.

Sócrates: Diga-me: quantos grandes filósofos existiram no mundo desde a minha época?

Molly: Oh, centenas. Incontáveis, se for o caso.

Sócrates: Então, é porque Jesus foi tão melhor que os outros que toda a História refere-se a ele?

Molly: Eu acabei de dizer por que: ele nos ensinou a viver.

Sócrates: Tudo bem. Então você já deve estar imaginando a minha próxima pergunta.

Molly: Você quer dizer: o que ele ensinou?

Sócrates: Sim.

Molly: A união.

Bertha: O amor.

Ahmen: A salvação.

Bertha: A libertação!

Thomas: A superstição!

Sócrates: Pelo jeito, parece haver tantos cristos quanto cristãos. Há algum fato com o qual todos concordam?

Bertha: O amor.

Os demais: Exato. E o amor.

Bertha: Esta é a nossa resposta. Ele nos ensinou o caminho do amor.

Sócrates: Sim...?

Bertha: O que você quer dizer com sim..?

Sócrates: Quis dizer que, seguramente, há algo mais além disso.

Bertha: Além do amor? Não, o amor é o elemento mais importante no mundo.

Sócrates: E claro que é. Eu não estou buscando alguma coisa superior ao amor, mas um pouco mais de sabedoria que isso. (Sophia faz que sim com a cabeça) Eu parti do pressuposto de que qualquer um com um mínimo de sabedoria conhece a grandeza do amor. E comum homens sábios pregarem sobre a grandeza do ódio? Vocês conhecem muitos filósofos que dizem: "Que possamos ouvir para odiar"?

Bertha: Não...

Sócrates: Então, o que torna esse tal de Jesus diferente dos outros mestres do amor?

Bertha: Ele foi mais radical que qualquer um. (Os colegas fizeram que sim, exceto Ahmen, Sophia e Thomas.)

Sócrates: De que forma?

Bertha: Na forma do amor.

Sócrates: Quero dizer: em que sentido ele foi mais radical?

Bertha: Eu acabei de falar. Ele foi mais radical no que se refere ao amor.

Sócrates: Mas eu não sei o que você entende por radical.

Bertha: Ah. Bem, ele ensinou que se deveria amar até mesmo os inimigos.

Sócrates: Eu também.

Molly: Ele foi morto por causa das doutrinas que pregava.

Sócrates: Eu também fui.

Bertha: Ele tinha milhares de discípulos.

Molly: Ele vivia o que pregava.

Sócrates: Eu também.

Bertha: Ele libertou o povo da ignorância, da superstição, do preconceito e da discriminação de gênero.

Sócrates: Eu também.

Bertha: Ele ensinou um monoteísmo supremo.

Sócrates: Eu também.

Molly: E idealismo ético...

Sócrates: Eu também.

Molly: Mas foi cosmopolita, universalista e unificador...

Sócrates: Eu também.

Bertha: Falou da vida após a morte ao povo.

Sócrates: Eu também.

Molly: Foi um profeta e um servo de Deus.

Sócrates: Eu também fui.

Bertha: Você está dizendo que é tão grande quanto ele, é isso?

Sócrates: Não, não, ao contrário. Estou supondo exatamente o oposto! Que absurdo pensar que toda a História se remontaria a mim! Não, eu pergunto por

que ele teria sido muito maior que eu ou que alguém outro.

Bertha: Nós já falamos.

Sócrates: Não, não falaram. Tudo o que vocês disseram até agora se aplica a mim também. Então, como ele foi maior?

Thomas: Sócrates, muitos acreditam em superstições estranhas a respeito dele.

Acreditam que ele...

Sócrates: Mas e você, no que acredita? Diga-me, por favor, no que você acredita antes de falar no que os outros crêem. Já tenho problema de sobra para compreender o primeiro ponto antes de partir para o segundo.

Fesser: Calma, devagar! Vamos recapitular e ver o que descobrimos até agora.

Sócrates, o que aprendeu na aula por enquanto?

Sócrates: Os colegas me falaram duas coisas: a primeira é que Jesus foi o maior homem da História e que, por isso, os anos remontam a ele; a segunda, é que o motivo de sua grandeza deve-se ao fato de ele ter pregado uma filosofia radical de amor.

Todos: Exato!

Sócrates: A questão é que muitos outros também pregaram essa filosofia. O que torna Jesus diferente?

Bertha: E por que ele tem de ser diferente? Talvez a razão por que nos identificamos com ele seja por não ser diferente. Ele era cada pessoa, não só cada homem. O

substantivo masculino é prova do chauvinismo cultural.

Sócrates: É sério que não se pode falar assim? Seria chauvinismo referir-me a mim como ele em vez de ela? Ou você faz questão de usar as duas formas concomitantemente?

Bertha: Se Jesus fosse apenas ele, apenas metade do mundo se identificaria com

ele; as mulheres estariam fora.

Sócrates: Não sei o que você quer dizer por "se identificariam com ele", mas certamente, se ele existiu, deve ter sido ou homem ou mulher. Ou será que ele era de um terceiro sexo que não conheço?

Bertha: Esta é uma atitude sexista, Sócrates.

Sócrates: E claro que é! Ela diz respeito ao sexo de Jesus. E proibido fazer esse tipo de comentário? Eu não consigo entender.

Fesser: Parece que estamos nos desviando do assunto. Bertha, você acredita ou não que o motivo pelo qual o mundo remonta sua História a Jesus seja a androginia? Afinal de contas, esta foi a pergunta com a qual começamos e ainda não a respondemos.

Sócrates (Surpreso e satisfeito): Ora, obrigado, professor, por prosseguirmos no alvo.

Espero ansiosamente sua resposta, Bertha.

Thomas: É claro que a razão não é esta, Sócrates!

Sócrates: Então, por que a História remonta a ele?

Thomas: E só uma tradição.

Sócrates: A tradição tem base racional?

Thomas: Defina "base racional".

Sócrates: Jesus era digno de tamanha atenção?

Thomas: Eu não acho.

Molly: Bem, eu acho que sim.

Sócrates: E por que, Molly?

Molly (Percebendo que se excedeu?): Uh... bem... Eu não tenho certeza.

Sócrates: Então, talvez seja hora de se distanciar do que você acreditava sobre ele para o que os outros acreditam, o que eu relutei em fazer antes.

Bertha: Você está querendo dizer que talvez os outros dêem uma resposta melhor?

Sócrates: É isso.

Thomas (Fala sem pensar.): As pessoas dizem que ele era Deus.

Sócrates (Pensando ter ouvido errado.): Desculpe?

Thomas: Muitos acreditavam que ele era Deus.

Sócrates: Uma divindade, você quer dizer.

Thomas: Não, o Deus, o supremo Deus. O Deus e único Deus.

Sócrates: É claro que o que você entende da palavra deus é algo muito diferente do que eu entendo, em especial, quando usada no singular.

Thomas: Não, Sócrates! De certa forma, o Deus do qual eles falam é até mais divino, mais exaltado e mais perfeito que o Deus sobre o qual você fala.

Sócrates: E eles dizem que Jesus, o homem, o ser humano era esse Deus supremo?

Thomas: Sim, é isso que eles dizem.

Sócrates: Quem? Quem acredita nisso... nessas coisas?

Thomas: Os cristãos.

Sócrates: Todos os cristãos?

Thomas: Muitos deles, em suma.

Sócrates: A maioria?

Thomas: Acho que sim.

Sócrates: E uma visão recente esta? A seita formada por esses cristãos tem alguma influência?

Thomas: Não, esta é a visão tradicional.

Sócrates: Por quanto tempo?

Thomas: Desde os tempos de Jesus.

Sócrates: Extraordinário! Bem, mudando de quantidade para qualidade, e quanto aos filósofos e teólogas de vocês? O mais sábio deles acredita nisso?

Thomas: Até pouco tempo, a maioria dos filósofos e teólogos cristãos acreditava.

Sócrates: Mais notável ainda! E quanto aos homens e mulheres santos?

Thomas: Os santos? Eles são ainda mais unânimes na crença.

Sócrates: Esta é a doutrina oficial?

Thomas: Sim! Todos os credos a ensinam.

Sócrates: Credos?

Thomas: E a declaração oficial de crença.

Sócrates: Há mais de uma?

Thomas: Sim.

Sócrates: E todas dizem isso?

Thomas: Sim, de maneiras diversas.

Sócrates: E quanto aos discípulos mais próximos de Jesus, aqueles que o conheciam pessoalmente, acreditavam que ele era Deus?

Thomas: Sim. Veja bem, Sócrates, uma crendice torna-se muito poderosa uma vez que começa...

Sócrates: E... parece mesmo! E quem começou isso?

Thomas: Bem, segundo os relatos, foi o próprio Jesus, e a blasfêmia foi a causa de o terem crucificado.

Sócrates: Ele mesmo afirmava ser Deus?

Thomas: Sim.

Sócrates: Ele afirmou isso mesmo?

Thomas: De acordo com os únicos relatos dos quatro evangelhos, ele afirmou.

Sócrates: Em uma única ocasião?

Thomas: Não, muitas vezes e de muitas maneiras.

Sócrates: Como? De que maneiras?

Thomas: Chamava a si mesmo de Filho de Deus. Afirmava que não tinha pecado, que perdoava os pecados do mundo e viria no fim dos tempos para julgar o mundo.

Também afirmou: "Eu e o Pai somos um", "Quem me vê, vê o Pai" e "Antes de Abraão nascer, Eu Sou".

Sócrates: Você não acredita nisso, acredita, Thomas?

Thomas: Não, Sócrates, é completamente irracional.

Sócrates: E o que parece. E vocês, os demais, em que acreditam sobre esse tal de Jesus?

Bertha (Olhando com afronta para Thomas.)'. Mais que ele, em todo caso.

Sócrates: Você acredita que ele era Deus?

Bertha: Não.

Sophia: Eu não acho que fosse.

Sócrates: Então, por que estuda sobre ele?

Bertha: Ora, porque foi um grande filósofo, um homem sábio.

Sócrates: Ah, não, isso, de qualquer forma, não pode ser.

Bertha (Surpresa, enquanto os demais também, de repente, levantam os olhos?): O

quê? Por que não?

Sócrates: Acho que posso mostrar isso de modo muito fácil. Thomas, você acha que ele era um grande filósofo? Em que você acredita sobre ele?

Thomas: Eu não acredito em nada. Eu, com certeza, não acredito que ele era Deus.

Sócrates: E acredita que ele era um grande filósofo?

Thomas: Não. Eu acredito que ele era um grande farsante. Penso que foi ele quem começou as maiores crendices do mundo.

Sócrates: Obrigado. Alguém de vocês acredita que ele era Deus?

Ahmen: Eu acredito.

Sócrates: Eu entendo. Então apenas você, Ahmen, tem o direito de acreditar que ele era um grande filósofo.

Os outros: Quê? Por quê?

Sócrates: Ora, é muito simples. O homem afirmava ser Deus. Se ele é Deus, então só Ahmen está certo. Mas se não é, então apenas o Thomas está, porque um homem comum que afirma ser Deus não pode ser um homem sábio. Para dizer a verdade, parece seriamente ter falta de bom senso. Assim,quer ele seja quer não quem afirma ser, é possível que só um de vocês esteja certo, estando a maioria errada em ambos os casos.

Bertha: Mas ele, com certeza, era um homem sábio. Leia os Evangelhos e comprovará.

Sócrates: Isso não é possível!

Bertha: Como sabe? Você nunca os leu.

Sócrates: Vocês não percebem? Não pode ser, a menos que um triângulo possa ter quatro lados. Um simples homem que afirma ser Deus não pode ser um homem sábio, e um Deus que afirma ser Deus tampouco é um mero homem sábio. O primeiro é um tolo e o segundo é Deus. Jesus deve ser ou um tolo ou Deus. A única coisa que talvez ele não possa ser é um simples homem sábio.

Bertha: Então, por que muitos acham que era simplesmente isso que ele era?

Sócrates: E exatamente a minha pergunta e eu a faço agora, não às muitas pessoas que estão ausentes, mas a vocês aqui. Por que escolhem a possibilidade mais ilógica, a única que, por natureza, se contradiz? Vocês conhecem a lógica, por certo.

Bertha: Professor, pode me ajudar a sair dessa?

Fesser: Tenho dúvidas de que a minha função como professor seja esta.

Sócrates: Oh, eu ficaria muito grato se fosse professor. Isso me libertaria de situações difíceis. Você, por certo, concorda com o meu raciocínio.

Fesser: Não sei se posso afirmar que concordo, Sócrates.

Sócrates: Percebe algum problema nele?

Fesser: Não é isso.

Sócrates: Realmente, você não acredita que esse homem era Deus?

Fesser: Não, não no sentido em que eu acho que você acredita; claro que não. Mas você me parece meio inflexível e demasiado lógico, Sócrates, um pouco ingênuo, exatamente como o Sócrates histórico.

Sócrates: Há um bom motivo para isto: uma coisa, comumente, se parece com ela mesma. (A turma ri baixinho.)

Thomas: Eu discordo, professor. Eu não vejo como alguém pode ser lógico demais.

Você quer que cometamos alguns erros lógicos de vez em quando? Quer que sejamos incoerentes dois por cento do tempo, digamos, unicamente quanto estivermos discutindo a respeito de Jesus?

Fesser: Não.

Sócrates: Será que todos vocês não conseguem perceber que esse homem deve ter perdido a razão?

Thomas: Sócrates, todos são vítimas da crendice cultural número um: não ousam questionar o assunto. (Dirige-se aos colegas.) Sabem, todos vocês são mais loucos que um louco para respeitar tanto um louco a ponto de remontar a História a ele.

Fesser: Não é bem assim, preto no branco, Thomas. Jesus pode ter pretendido dizer coisas muito diferentes com suas declarações de divindade, se, de fato, foi ele quem disse.

Sophia: Pode ter sido qualquer outro com o mesmo nome.

Fesser: Não foi o que eu quis dizer, naturalmente...

Sócrates: Mas o que ele quis dizer? Esta deve ser a primeira pergunta, sem dúvida.

O que ele quis dizer com a palavra Deus?

Fesser: Excelente pergunta. Vamos discuti-la no próximo período. O tempo está quase acabando. O que Jesus quis dizer com a palavra Deus?

Thomas: E fácil. Ele era um judeu falando com judeus. Ele quis dizer o Deus dos judeus, Jeová ou Yahweh; referia-se ao Deus da sua cultura. Todos os nossos conceitos estão condicionados pela cultura, exceto os da Lógica e os da Matemática. E por isso que precisamos delas, para elevar nossa cultura particular

e acondicioná-la à universal.

Sócrates: Você acha que não há princípios universais mais elevados que os da Lógica e os da Matemática?

Fesser: Por favor, não vamos mudar de rumo. A pergunta é: o que Jesus quis dizer com a palavra Deus?

Sócrates: Em outras palavras, que tipo de Deus era o Deus dos judeus?

Fesser: E verdade.

Thomas: E necessário lermos as Escrituras dos judeus para encontrarmos resposta a essa pergunta, não é?

Sócrates: Então façamos exatamente isso!

Fesser: Muito bem. Eis o que proponho: seguir a linha de investigação aberta pelo nosso amigo Sócrates aqui e investigar o background judaico de Jesus, o conceito judaico de Deus, do Messias de Deus, o Prometido, o qual Jesus também afirmou ser.

Sócrates: Está ficando mais complicado.

Fesser: Eis uma lista de leitura sobre o assunto. (Passa adiante os artigos. A turma sussurra com pouco interesse.)

Sócrates (Lendo a lista.): Mas os livros são todos atuais.

Fesser: Sim, os eruditos mais modernos.

Sócrates: Mas não deveríamos reforçar os nossos alicerces antes de edificarmos o edifício? Colher os nossos dados antes de interpretá-los?

Fesser: Qual é a sua proposta, Sócrates?

Sócrates: Eu gostaria de ler a Escritura judaica. Nunca fiz isso, como vocês parecem já ter feito. Acho que a minha desvantagem pode ser uma vantagem também, se o que Thomas fala for verdade, sobre o quanto é difícil escapar do

condicionamento da nossa cultura. Eu não tenho condicionamento cultural no cristianismo para superar. Acho também que o meu exemplo pode servir de modelo para vocês: não seria uma experiência maravilhosa para todos nós, lermos as Escrituras judaicas como se fosse pela primeira vez, como eu? É claro que não venceríamos por completo os nossos preconceitos, nem escaparíamos do condicionamento, mas não deveríamos, pelo menos, tentar fazer isso, tanto quanto possível?

Fesser: E uma excelente sugestão. A classe encontra-se novamente daqui a uma semana. Por que cada um de vocês não lê aquilo que julgar importante da lista de leitura, das Escrituras judaicas ou de ambas?

Sócrates: Não seria bom que lêssemos toda a Escritura judaica?

Fesser: Seria o ideal, naturalmente, mas acho que não temos tempo para isso.

Sócrates: Qual o volume de leitura e qual o tempo gasto?

Fesser: Incrível, Sócrates, você realmente se comporta como se não soubesse.

Sócrates: Claro que sim, pois eu não sei mesmo.

Fesser: São cerca de duas mil páginas...

Sócrates: Em uma semana? Dá menos de trezentas páginas por dia. Vou lê-la toda, a qualquer custo.

Fesser: Leia o que quiser. Sua tarefa é se preparar para discutir o background judaico de Jesus, principalmente o conceito judaico de Deus, para a próxima aula. Espero encontrar todos aqui, novamente, na próxima semana. Obrigado a todos! Obrigado, Sócrates!

Sócrates: Eu é que devo agradecer depois de dizer obrigado a Deus por me enviar para cá a fim de aprender sobre ele com você.

8

Que estranho, Deus escolher os judeus

A cena é o segundo encontro da turma no seminário de Cristologia do professor Fesser, na Escola de Teologia Havalarde. Sócrates, Bertha Broadmind, Thomas Keptic, Molly Mooney, Ahmen Ali Louiea e Salomão Etude estão sentados ao redor da mesa.

Sophia Sikh está ausente. O professor Fesser entra.

Fesser: Olá, que bom ver quase todos de volta. Alguém sabe se a Sophia desistiu do curso?

Ahmen: A Sophia sofre de mononucleose infecciosa, mas vai tentar ficar.

Fesser: Muito bem! Em todo caso, é bom ver os demais de volta. Tenho certeza de que todos se lembram da tarefa da semana passada que havia sido sugestão de... uh...

Sócrates, aqui, de fazer alguma leitura e pesquisa livre sobre o background judaico de Jesus, principalmente no que se refere ao conceito judaico de Deus. A sugestão era que vocês lessem quaisquer fontes de informação que julgassem proveitosas. Passei uma lista de leitura para os demais, porque Sócrates falou que pretendia ler a Escritura hebraica toda em uma semana. Não foi isso, Sócrates?

Sócrates: Isso mesmo.

Fesser: Bem, então vamos começar com você. Conseguiu terminar todo o Antigo Testamento?

Sócrates: Sim.

Fesser: O que aprendeu com a leitura, então, Sócrates? Primeiro, diga-nos o que estava procurando, e então se encontrou, por favor.

Sócrates: Eu estava em busca do que Jesus quis dizer quando usou o termo Deus.

Fesser: Bom... talvez devêssemos recapitular como surgiu esse questionamento.

Sócrates: Muito bem, estávamos todos confusos — eu, pelo menos, estava — com a declaração de Jesus de ser ele esse Deus, de alguma forma, independentemente do que isso pudesse significar. Assim, me ocorreu esta

sucessão de idéias, a que me pareceu racional dar curso: a fim de compreender a grande influência de Jesus na História, que foi a pergunta com a qual comecei, eu precisava conhecer Jesus, naturalmente. E para isso, eu também precisava compreender o seu conceito de si mesmo, quem ele afirmava ser.

Uma vez que ele declarava ser o Deus dos judeus, era preciso ainda entender o conceito judaico de Deus. Então, para chegar a isso eu tive de ler as Escrituras judaicas. Foi exatamente o que fiz.

Fesser: Bem, o que você descobriu?

Sócrates: Várias coisas bastante surpreendentes. Não tenho certeza de que você gostaria de ouvi-las?

Fesser: Seguramente. E por que não?

Sócrates: Você está bem familiarizado com todas elas, acho, mas eu não. Na verdade, eu deveria estar aprendendo e você ensinando, em vez de o contrário, não é assim? Tem certeza de que você quer ouvir todas essas coisas já tão antigas, embora novas para mim?

Fesser: Não faz parte do método socrático um tipo de inversão de papéis entre aluno e professor, de modo que um aprende enquanto ensina e o outro ensina enquanto 85 | P á g i n a

aprende? Você fez um trabalho tão bom ao representar o papel de Sócrates até agora que acho que pode continuar hoje a ser o nosso professor. E assim que vai aprender, tudo bem?

Sócrates: Eu garanto a você que não estou representando papel algum; isso é absolutamente sério.

Turma (Menos Bertha.): Certo, Sócrates (Com zelo.).

Sócrates: Mas realmente não é nada disso. O Deus é bom por ter-me trazido a um lugar tão favorável com pessoas tão amáveis. Mas, professor, tem certeza de que os outros alunos concordam com esse método?

Fesser: Vamos perguntar a eles: — O que vocês têm a dizer, turma? Podemos testar os conhecimentos do Sócrates, hoje?

Turma: Sim, sim!

Fesser: Então está decidido. Agora nos fale o que aprendeu das Escrituras judaicas, Sócrates.

Sócrates: Eu li tudo, desde história, profecias e crônicas, e sempre com um propósito filosófico em mente: o conceito de Deus. E descobri coisas extraordinárias para as quais os meus conceitos anteriores de Deus não me haviam preparado.

Thomas: Isso se deve a sempre olharmos as coisas tendo como referência preconceitos do passado, as próprias categorias condicionadas pela sociedade na qual vivemos. Não se pode fugir à cor das próprias lentes.

Sócrates: E claro que se pode, Thomas, quando você as tira e olha, em vez de olhar através delas.

Thomas: Não dá para fazer isso, porque não se é realmente objetivo.

Sócrates: E por que não?

Thomas: Porque os pensamentos são determinados pela sociedade na qual se vive.

Sócrates: Oh, mas Thomas, esta opinião parece a daquele homem serrando o galho da árvore sobre o qual está assentando; ela se contradiz.

Thomas: Como?

Sócrates: Se todo pensamento for totalmente determinado pelo condicionamento social e não pelo modo como as coisas de fato tecerem, independentemente desse condicionamento, então tal pensamento também é formado apenas pela opinião social, e não pelo que as coisas realmente são. Por essa razão, é menos provável ser verdade que o seu oposto, o qual você diz ser verdade. Você percebe que isso não deixa base alguma na qual se firmar para fazer exatamente o que, penso, você quer muito fazer, Thomas, e que eu também quero, que é criticar, avaliar e entender a nossa sociedade? E se nunca podemos saber como as coisas de fato são fora do processo de condicionamento da nossa sociedade, então não se conclui que nunca podemos criticar tal condicionamento e sociedade, e nos tornamos meros conservadores do status quo?

Thomas: Eu não, Sócrates. Ninguém jamais me acusou de ser conservador.

Sócrates: Você deve ser ou conservador ou mentiroso ou incoerente, Thomas, porque, se você fala a verdade sobre sua primeira crença, aquela sobre condicionamento, e se é coerente o suficiente para tirar as conclusões necessárias dessa crença, então deve ser um conservador. Assim, faça a sua escolha. O que você é? Um contador de mentiras, trapaceiro ou conservador?

Thomas: Por favor, espere um instante!

Sócrates: Com prazer!

Thomas: Eu sou um cético radical; é isso que sou.

Sócrates: Se é radical, então deve ter tirado as suas idéias radicais e anti-sociais de alguma outra fonte e não da sociedade com suas tradições.

Thomas: Possivelmente eu as tirei de outras fontes.

Sócrates: E mesmo?

Fesser: Perdoem-me, mas acho que não devemos nos distanciar demais para esse atalho agora. Essa questão de determinismo e condicionamento social é fascinante, mas precisamos retomar o nosso principal ponto de discussão, que é o conceito judaico que Jesus tem de Deus. Na verdade, não temos tempo nesta aula para explorar todas estas questões com profundidade.

Sócrates: E por que não?

Fesser (Surpreso): Porque... porque o horário das aulas é muito justo, naturalmente.

Sócrates: Significa que a procura da verdade está condicionada ao cronograma social?

Fesser: Acho que se poderia dizer desta forma, Sócrates.

Sócrates: Entendo. Thomas, talvez você esteja um pouco mais perto da verdade

do que eu imaginava. Mas voltemos a nossa principal questão. Eu queria falar que o meu antigo conceito do termo Deus foi profundamente abalado quando li as Escrituras de vocês. Pois nelas encontrei um conceito de um Deus que eu nunca havia encontrado antes, seja na mente dos meus companheiros de Atenas, que acreditavam nos deuses em que o estado acreditava, seja em quaisquer mentes que acreditavam em outros deuses, como os egípcios ou os de Orfeu, seja em minha mente.

Fesser: Como você contrastaria o Deus dos judeus com os deuses pagãos, Sócrates?

Sócrates: Você usa a palavra pagão num sentido mais amplo, eu acho, porque os três conceitos de Deus que acabei de mencionar são muito diferentes. Acho que você também emprega a palavra como uma espécie de insulto, não?

Ahmen: Não concordo. Chesterton afirma que o paganismo foi a coisa mais importante no mundo e o cristianismo foi a maior; tudo mais desde então, tem sido comparativamente pequeno.

Fesser (Ignorando Ahmen.)'. Sócrates, qual era o seu conceito de Deus? No que ele era o mesmo e no que diferia dos conceitos de seus contemporâneos a respeito de Deus?

Sócrates: Vamos organizar o assunto. O mais importante, acho, é simplesmente a crença de que há deuses, ou um deus de alguma espécie. Isso se encaixa com o que você chama de paganismo, somado a todas as outras religiões do mundo que se opõem ao ateísmo, ao secularismo, ao humanismo ou a tudo que você chame de sua nova visão de minorias.

Thomas: Não é uma visão minoritária entre os grandes círculos de eruditos hoje, Sócrates.

Sócrates: Mas de todos os que já viveram, a grande maioria acreditava em algum deus.

Thomas: Os antepassados, talvez. Mas eles estão mortos.

Sócrates: A maioria das pessoas está morta, você sabe.

Thomas (Surpreso): O quê?

Sócrates: Só não quero discriminar os mortos.

Ahmen: Chesterton denominou isso "a democracia dos mortos". Ele a definia como uma extensão da concessão para além da oligarquia insignificante e arrogante da vida, abrangendo aqueles que tinham sido privados dos seus direitos, não por acidente de nascença, mas em decorrência da morte por acidente.

Fesser (Aborrecido com Chesterton.); Estamos nos desviando novamente. O que mais tem para nos dizer sobre o seu conceito de Deus, Sócrates?

Sócrates: Bem, em segundo lugar, a maioria das pessoas do meu tempo achava que havia muitos deuses; todavia, imaginavam firmemente que todos esses eram apenas máscaras diversas para um único Deus.

Molly: E qual era esse Deus, Sócrates?

Sócrates: Eu não daria nome a ele.

Molly: Por que não?

Sócrates: Porque, honestamente, eu não poderia.

Molly: Essa honestidade lhe custou a vida, não foi, Sócrates?

Sócrates: Que quer dizer com isso?

Molly: Na Apologia de Platão. Se tivesse dito apenas: "Eu acredito em Zeus", ou nomeado qualquer um dos outros deuses do Estado, eles teriam deixado você partir.

Sócrates: E bem provável que sim, Molly. Eu realmente não sei como tudo teria terminado, apenas sei como tudo, de fato, terminou. Mas eu jamais poderia afirmar saber algo que eu não sabia, principalmente sobre o Deus. Seria impiedade, porque eu creio que a minha vocação para a filosofia foi dom de Deus.

Molly: Do oráculo de Delfos, você quer dizer?

Sócrates: Sim. Parece que ele me escolheu entre todos os atenienses. Ainda disse a meu amigo Querofonte não haver no mundo inteiro homem mais sábio do que eu, por causa da minha ignorância, ou melhor, da minha convicção dessa ignorância. Foi isso, aliado a meu desejo de decifrar o oráculo, que me tornou um filósofo, além da minha convicção de que aqueles que afirmavam saber mais, na verdade, nada sabiam, especialmente sobre os deuses. Entretanto, quando tentava conscientizá-los a respeito disso, passavam a me odiar.

Thomas: Imagine, nós não o odiámos, Sócrates. Somos todos de mente aberta aqui.

Sócrates: Ótimo! E a sua mente está aberta a que, Thomas? À Verdade? Acha que há Verdade e que poderá encontrá-la algum dia? É a essa hóspede que a porta de sua mente está aberta?

Thomas: Verdade! Você a pronuncia com a letra V maiúscula. Isso me soa a dogmatismo, Sócrates.

Ahmen: Chesterton diz que uma mente aberta é semelhante a uma boca aberta: só é útil se houver alguma coisa sólida para mastigar.

Fesser: Será que poderíamos voltar vinte e dois séculos, de Chesterton a Sócrates?

O que mais você pensava sobre Deus, Sócrates?

Sócrates: Outra característica da minha crença era algo diretamente ligado ao 88 | P á g i n a

ceticismo do Thomas, eu acho; isto é, não conhecemos de fato a natureza e os propósitos de Deus; entretanto, eu esperava descobri-los. Eu era um filósofo precisamente porque não era um dogmático nem um cético. Pois é tarefa do filósofo investigar, e, para investigarmos, tanto devemos crer que a verdade existe e deve ser conhecida quanto que não a conhecemos ainda. O cético não crê na verdade, tampouco que ela pode ser conhecida; já o dogmático não acredita que precisamos dela. Tanto um quanto o outro, a meu ver, não podem ser filósofos. Mas, no que se refere aos dois, estou mais próximo do cético que do dogmático quando se trata do conhecimento de Deus.

Fesser: Está certo, neste caso, a existência, a unidade e o desconhecimento de

Deus. O que mais, Sócrates?

Sócrates: Não sejamos apressados demais. É possível que a natureza de Deus não seja totalmente desconhecida. Temos, por certo, informações das quais podemos sensatamente esperar descobrir certo conhecimento de Deus; quero dizer: de nós mesmos e de nosso mundo. Pareceu-me racional, bem como à maioria dos homens, pensar que Deus tinha alguma coisa a ver com a formação e o planejamento do Universo.

Se há uma providência divina, se tudo no Universo é governado por Deus, então, quando percebemos o Universo inteiro exibindo certas características, parece racional concluir que Deus tem algo semelhante a essas características, assim como o artista se torna conhecido por sua arte, e o escritor por seus escritos.

Fesser: E quais características percebeu no Universo que o levaram a concluir algo sobre a natureza de Deus?

Sócrates: Não foi o que a maioria concluiu. As pessoas viam este mundo como uma mistura de bem e mal, e, por essa razão, concluíram que os deuses eram uma mistura entre o bem e o mal, que havia deuses bons e deuses maus e que cada deus era em parte bom, em parte mau.

Fesser: E você não concordou com essa forma de pensar?

Sócrates: Não. A minha convicção, registrada por Platão em sua obra A República, era de que Deus tinha de ser totalmente bom, que o verdadeiro Deus era verdadeiramente bom e era também a origem não de todas as coisas, mas apenas das boas.

Fesser: Então você acha que as pessoas de seu tempo eram politeístas em virtude do problema do mal? Era-lhes impossível acreditar em um Deus único, Todo-poderoso e de grande bondade, por causa da presença do mal?

Sócrates: Se você prefere expressar isso desta forma. Seguramente, parece racional pensar que, se houvesse um único Deus que fosse tanto de grande bondade (que deseja somente o bem) quanto Todo-poderoso (capaz de fazer tudo o que deseja), o resultado seria a ausência do mal em qualquer lugar do Universo, se, de fato, o Universo inteiro fosse dirigido por esse Deus. Fesser: Como você explicaria o mal, Sócrates?

Sócrates: Parece haver apenas quatro maneiras possíveis: (1) que esse Deus não é Todo-poderoso; (2) que ele não se preocupa em controlar este mundo; (3) que ele não é de grande bondade; e (4) que não há Deus, de forma alguma.

Fesser: E você concorda com alguma dessas idéias? Sócrates: Creio que eu pensava em Deus como algo menor que Todo-poderoso. Nunca me ocorreu a idéia de um Deus Todo-poderoso, não mais do que ocorreu a meus companheiros de Atenas. Mesmo ao conceber a noção de que Deus era um, eu não conseguia conceber a noção de que ele criara o mundo do nada. Essa foi uma das surpresas que eu descobri nas Escrituras judaicas. Mas nós estamos nos adiantando em nossa história. Antes de contar o que me surpreendeu no conceito judaico de Deus, creio que preciso contar qual era o meu

conceito anterior. A minha resposta ao problema do mal que você quer saber compõe-se de duas partes: implicitamente, que o Deus não era Todo-poderoso; explicitamente, que o mal não era, de modo algum, uma realidade, mas uma ilusão provocada pela nossa própria ignorância.

Molly: Exato. A ignorância tem a ver com idéias parciais; já a verdade, com totalidade.

Ahmen: Vocês dois estão dizendo que o mal não existe? Que... Fesser (De imediato.): Não vamos seguir por esse lado agora, tudo bem? E bastante extenso o problema do mal. Primeiro, queremos chegar ao fim de outros dois caminhos: o conceito que Sócrates tem de Deus e o conceito judaico de Deus que Jesus tinha. Sócrates, há mais alguma coisa que pensava sobre Deus?

Sócrates: Eu pensava que ele devia ter muita sabedoria e formosura, pois vemos essas duas qualidades refletidas de forma tão comovente na natureza.

Fesser: Ah, é verdade. Pessoas de todas as eras se impressionam com isso.

Sócrates: Mas acho que as pessoas da sua época perderam muito a força desse sentido.

Fesser: Por que diz isso, Sócrates?

Sócrates: Há alguns entre vocês fortemente tentados a adorarem as estrelas, o Sol ou a Terra?

Fesser: O judaísmo e o cristianismo acabaram com isso.

Sócrates: Mas o que acabou com a tentação de fazer isso?

Thomas: Somos a geração demitologizada, Sócrates. Temos muita cautela com o mito.

Sócrates: Parecia não haver mais nada para desmitificar, porque praticamente não há mais mitos na cultura que necessitem ser demitologizados. Todavia, a constante cautela de vocês quanto aos mitos se parece com o medo de um animal em extinção ou com a obsessão de um homem que continua lavando as mãos, depois que cada partícula de sujeira já se foi.

Thomas: Ah, mas Sócrates, as pessoas ainda são atormentadas por todo tipo de crendices e propagandas.

Sócrates: Propaganda? É um dos seus mitos? Deixe-me adivinhar! E o mito do Proper Gander20, que se recusou a participar de uma caçada de gansos selvagens21 à procura do grande pássaro da Verdade?

Thomas: Péssima hipótese, Sócrates!

Fesser: E um péssimo trocadilho. Achei que você estivesse acima desse tipo de coisa.

Sócrates: Aristófanes me colocou em um cesto suspenso acima da terra, nas nuvens. Eu asseguro que isso é mentira! Posso descer ao mais profundo abismo da degradação da palavra. Mas, de volta à pergunta: é possível que você não tenha mitos naturais porque tem os humanos em vez disso; talvez eles apenas tenham-se deslocado de fora para dentro. Mas acho que essa é outra história, um outro desvio para um outro dia.

20 Alusão à fábula acerca do mito da propaganda: The Very Proper Gander, de James Thurber.

21 Em inglês, " wild goose-chase" é expressão idiomática que designa a procura vã por algo inatingível, ou uma tentativa infrutífera [N. do T.].

Fesser: Certo! Há algo mais que queira dizer sobre Deus, Sócrates? Sócrates: Não sobre Deus, mas sobre o que se deve a ele. As pessoas da minha época geralmente acreditavam que a devoção devida a Deus consistia em sacrifícios e cerimoniais, embora eu sempre pensasse que o verdadeiro sacrifício estava em abandonar os vícios, e que o verdadeiro cerimonial fosse uma harmoniosa atividade da alma. A sociedade da minha época tinha a tendência de separar o que se chamava religião e ética, o Deus e o bem; eu tentei uni-las. Na verdade, Platão chamava o supremo Deus simplesmente de "o Bem".

Eu acreditava que a oferta que Deus realmente desejava não era uma ovelha perfeita, mas uma alma perfeita; por isso identifiquei devoção com justiça ou com a saúde da alma.

Fesser: Vamos resumir as conclusões de Sócrates sobre Deus, antes que leiamos as Escrituras Judaicas. (1) Deus existe; (2) Deus é único; (3) Deus é desconhecido como um todo; (4) Deus é de grande bondade, por isso o mal é uma ilusão; (5) Deus é grande em sabedoria e formosura, as quais se manifestam na natureza e; (6) Deus quer justiça e perfeição da alma. E isso, Sócrates? Sócrates: Basta, por enquanto.

Fesser: Talvez devêssemos perguntar mais uma coisa: como chegou a essas conclusões tão-diferentes das de seus contemporâneos? Sócrates: Pela razão, naturalmente!

Fesser: Então, poderíamos acrescentar um sétimo ponto: a razão, em vez da tradição ou do mito, é o caminho para se conhecer a Deus. Correto?

Sócrates: Sim. Era isso que eu pensava. Fesser: E o que descobriu sobre Deus nas Escrituras judaicas? Sócrates: Descobri muito e de muitas maneiras. De algumas das coisas que encontrei, eu já suspeitava. Por exemplo: que há apenas um Deus e que ele é perfeitamente bom. Ainda sobre isso, fiquei surpreso com a intensidade com que foi proibida a adoração a outros deuses. A questão de se multiplicar máscaras para Deus, isto é, ter outros deuses, que eu imaginava ser um mero erro por ignorância e inocência, foi tomado como adoração a falsos deuses ou mesmo a espíritos do mal, demônios autênticos. O que eu entendia ser tentativas confusas em busca do verdadeiro Deus, as Escrituras comumente tomaram como rebelião e afastamento dele. Também descobri que esse Deus único era o Deus de toda a Terra. Embora um povo afirmasse ser o escolhido

— os únicos que verdadeiramente o conheciam porque ele havia falado com eles — ainda assim declarava que ele não era só Deus dos judeus, mas de todos os povos. Em relação a isso, surpreendi-me como as Escrituras judaicas, de algum modo, combinaram dois sentidos diferentes, no qual Deus é único: por um lado, que há um único Deus verdadeiro e não muitos, de modo que Deus parece ser específico; por outro lado, que esse Deus é universal, o Deus de toda a Terra e toda a bondade habita nele, incondicionalmente. Eu sempre havia pensado que o único universal verdadeiro era uma qualidade em vez de uma entidade, justiça em vez de Zeus, formosura em vez de Afrodite, verdade em vez de Apoio...

Fesser: Alguma coisa abstrata em vez de concreta.

Sócrates: Sim. Nunca consegui chegar a uma conclusão clara sobre que tipo de unidade o verdadeiro Deus tinha. Fiquei oscilando entre um tipo de linguagem e outro, abstrata e concreta. Nas Escrituras judaicas eu encontrei um Deus que é concreto, não no sentido de que ele seja material, é claro, mas no sentido de que ele é peculiar, uma entidade verdadeira, uma Pessoa, com uma natureza definida, um caráter e uma vontade.

E também é dito que esse Deus é o Deus de todas as formas, tanto das universais como de qualquer uma das de Platão. Eu acho que a idéia que permitiu esses livros falarem de Deus como tendo ambos os tipos de unidade, tanto a de um Deus específico quanto a de um universal, foi a idéia da criação, aquela de que Deus criou tudo o que existe, menos a si mesmo. Esta resolve o seguinte dilema: se, por um lado, Deus é só uma parte de tudo 91 | P á g i n a

que existe, então ele não pode ser verdadeiramente universal; se, por outro, Deus é só o Todo de tudo o que existe, então ele não pode ser específico. Entretanto, nesse momento, eu deparei com a idéia de que ele é o criador de tudo o que existe. E eis uma segunda coisa que a doutrina da criação me ensinou: esclareceu-me como Deus poderia ser Todo-pode-roso; deus algum que é só uma parte do Universo todo pode ter poder sobre o todo. Todavia, o criador do todo teria poder sobre o todo, assim como o contador de histórias tem poder sobre a História toda.

Fesser: E você não havia encontrado o conceito da criação em sua tradição?

Sócrates: Não. Nossos deuses só formaram um mundo. Eles faziam parte do Universo, do todo ordenado. O conceito de que Deus criara o Universo todo sem

absolutamente nada é simplesmente inacreditável. Acho que ninguém poderia ter pensando nisso por acaso, a não ser por insanidade ou revelação divina. Eu ainda não cheguei à conclusão por qual das duas foi.

Fesser: O que mais você descobriu sobre o Deus dos judeus? Sócrates: Justiça. Eu sempre achava que Deus era perfeitamente bom. No entanto, essa bondade de Deus parece ter uma relação peculiar com a bondade das obras justas que esse Deus nos ordena que pratiquemos. A relação parece ser: "Sejam santos porque eu, o SENHOR, O

Deus de vocês, sou santo"22.

Fesser: E o que você vê de importante nesse ponto? Sócrates: Que Eutifro estava errado quando disse que uma coisa só é boa porque os deuses assim desejam; melhor, Deus quer uma coisa porque ela é boa. Aí eu estava certo, ao contrário de Eutifro. Mas esqueci de dizer, ou melhor, não percebi que a razão por que uma coisa é boa em si mesma, em parte, é porque de algum modo ela se parece com Deus.

Fesser: Poderia explicar de modo mais simples?

Sócrates: Em outras palavras, a natureza de Deus como bondade é o fundamento da bondade de tudo o que faz parte dessa natureza, em qualquer aspecto.

Ahmen: Esse aspeto não ficou bem claro para mim ainda, Sócrates, e é muito importante. Por favor, você poderia explicar novamente?

Sócrates: Você alguma vez já leu a conversa que eu tive com Eutifro, a qual Platão escreveu?

Bertha: Quer dizer que realmente teve essa conversa?

Sócrates: Sim. Por que tanta surpresa?

Bertha: Porque quase todos os eruditos acham que grande parte dela foi invenção de Platão.

Sócrates: Hum! Eruditos! E será que acham que eu também sou mera invenção de Platão? Não importa quem diz a verdade, apenas a verdade que é dita, menos para um erudito, que está mais interessado com o primeiro aspecto do que com o

segundo. Permitam-me, entretanto, tentar explicar meu ponto de vista para Ahmen com um pouco mais de clareza. Eu perguntei o seguinte a Eutifro: uma coisa é boa porque os deuses a amam ou os deuses a amam porque ela é boa. Substitua Deus por deuses e você tem a pergunta que acabei de fazer agora. Ahmen, você acredita que esse Deus descrito na sua Escritura existe mesmo, ou não; isto é, um Deus que é Todo-poderoso e só quer o bem?

Ahmen: Sim.

Sócrates: A minha pergunta, então, diz respeito à relação entre a vontade desse seu 22 Levítico 19.2.

Deus e a bondade de qualquer obra feita: você afirma que uma obra feita é boa porque Deus quer que seja? Ahmen: Sim.

Sócrates: Então o seu Deus parece arbitrário. Já pensou se ele pedisse para cortar a orelha de seu vizinho amanhã? Seria uma boa ação?

Ahmen: Se Deus quisesse, seria. Mas... isso parece estranho, não parece?

Sócrates: Então, a opção é que Deus deseja que tal coisa seja feita porque ela parece boa em si.

Ahmen: Parece melhor essa opção.

Sócrates: E mesmo? Você gostaria que o seu Deus se curvasse, por assim dizer, a uma lei mais elevada do que ele mesmo?

Ahmen: Não. Como seria isso?

Sócrates: Se a razão pela qual Deus deseja fazer algo estiver fora dele, isto é, na natureza da ação em si, então é porque Deus ajusta a sua vontade ao fato de a ação ser boa, em vez de determinar o benefício da ação pela sua vontade.

Fesser: E não é exatamente isso que você ensinava, Sócrates?

Sócrates: E. Tenho a impressão de que eu estava enganado, porque eu só conseguia imaginar o tal Deus segundo o parâmetro dos muitos deuses: como o

maior e o mais perfeito entre muitos, o qual não necessitava dos outros deuses, mas necessitava, apesar disso, de uma lei fora de si mesmo. Porque o Deus das minhas concepções não criara o universo, mas era parte dele e sujeito a suas leis. Entretanto, o Deus da Bíblia de vocês é o senhor do Universo e também das suas leis.

Fesser: Você então se volta à primeira opção, aquela que a vontade de Deus é a fonte de toda bondade, não se volta? Esta opção não tornaria Deus arbitrário?

Sócrates: Não, porque é a natureza deste Deus, a razão e o fundamento da bondade, tanto da bondade de sua vontade quanto da de seus feitos.

Fesser: Oh. Então você está dizendo, em outras palavras, que a vontade de Deus e a bondade inerente de certas obras não se relacionam eficazmente entre si como causa e efeito, em nenhuma das duas formas possíveis, quer segundo Eutifro, em que a bondade da ação é o efeito da vontade de Deus; quer segundo você, em que a vontade de Deus é o efeito da bondade da ação. Melhor que isso, que ambas são efeitos da mesma causa comum, a natureza própria de Deus? É isso que você diz, Sócrates?

Sócrates: Exatamente isso. Estou feliz em ver que os mecanismos conceituais dos filósofos são claros e usados aqui na academia de modo tão completo.

Fesser (Ruborizando.)'. É uma solução bem conhecida para o seu dilema, Sócrates.

Muitos dos grandes teólogos da nossa tradição têm ensinado isso. O que mais descobriu nas Escrituras que não sabia antes?

Sócrates: Outro atributo do Deus dos judeus, que se encontra no conceito da criação, eu suponho, diz respeito a sua onisciência — Deus todo-sabedoria. O Deus dos judeus não comete erros e não é ignorante acerca de nada referente ao passado, presente ou até do futuro, porque ele parece estar em outra dimensão do tempo, fora dele; ele não espera, não muda. "Para o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos como um dia"23.

Fesser: Como isto se relaciona ao conceito de Deus que você tinha antes?

Sócrates: Os únicos deuses que eu e minha sociedade podíamos conceber eram um 23 2Pedro 3.8.

pouco mais sábios que nós, como somos um pouco mais sábios que as crianças. Tudo o que eram capazes de fazer era dominar com sua sabedoria porções do Universo maiores do que nós podíamos. Todavia, este seu Deus governa o Universo inteiro, porque ele tem sabedoria a respeito de tudo, e ele a tem porque planejou e criou o todo.

Fesser: Entendo. Muito interessante! Eu não havia relacionado de forma explícita a doutrina da onisciência com a da criação antes. Há mais alguma surpresa, Sócrates?

Sócrates: A maior delas ainda está por vir.

Fesser: E qual é?

Sócrates: O que Deus quer, ou melhor, o porquê do seu querer. Permita-me tentar explicar. Que Deus devia ter uma vontade e uma lei para os homens, não foi surpresa nenhuma para mim, já que os deuses da minha época também tinham. Mas que esse seu Deus supremamente perfeito, o Deus que, de modo diferente dos deuses da minha sociedade, não tem absolutamente necessidade alguma de nós, de nossa adoração, de nossa obediência ou mesmo da própria existência do Universo que ele criou, que este Deus, apesar de tudo, deveria dar leis para nós e se preocupar de modo tão cuidadoso para que nós obedecêssemos a essas leis, tais atitudes não poderiam ter senão um motivo possível, e eu constantemente encontrava-o em sua Bíblia, geralmente implícito, mas de vez em quando explícito.

Fesser: Que motivo é esse?

Sócrates: Se não é para si mesmo que ele deseja, uma vez que de nada tem falta, então nós devemos ser a razão de seu querer. Em outras palavras, um amor puramente desinteressado, um tipo de amor cuja dimensão eu duvido que seja possível para nós mortais alcançarmos por sermos criaturas completamente carentes e dependentes do tempo. De alguma forma, precisamos ter esperanças, perspectivas; e somente um Deus que é independente de tempo e de mudanças não tem necessidade alguma.

Fesser: Além disso, o principal mandamento é que amemos esse Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de todo o nosso entendimento e nossa força

e ao nosso próximo como a nós mesmos. Você encontrou esse mandamento na Bíblia também, não é mesmo?

Sócrates: Sim, encontrei, mas o grande mistério é como obedecer-lhe. Será possível? Se o amor que nos é ordenado nele é um amor desinteressado, como uma pessoa pode amar desinteressadamente? Como é possível uma criatura finita "ser santa como Eu, o Senhor seu Deus, sou santo"? Isso parece um mistério indecifrável.

Fesser: Vê uma possibilidade de solução para esse enigma no conceito que vamos discutir em seguida, que diz respeito à declaração do Novo Testamento de que esse Deus se tornou homem em Jesus?

Sócrates: Oh! Eu compreendo! Quanta insensatez! Mas, de que maneira nós — quer dizer, o poder de Deus — bastaria para assumir a forma humana, mas certamente o poder humano não seria suficiente para assumir a divindade. Logo, se Jesus era esse Deus que se tornou um homem, então ele seria capaz de pôr em prática esse amor divino tanto no tempo quanto na História; mas e nós como podemos fazer isso?

Fesser: Acho que teremos de adiar essa pergunta para mais tarde, depois da leitura do Novo Testamento. Agora vamos retomar o nosso tópico referente à natureza do Deus do Antigo Testamento, certo?

Sócrates: Antes de prosseguirmos com o tópico, devo dizer que tive uma sensação muito estranha quando li as Escrituras de vocês, principalmente ao deparar com conceitos bastante incomuns e surpreendentes, como esse de amor desinteressado. O que mais 94 | P á g i n a

chama a atenção é que essas mesmas singularidades davam a impressão de serem, por alguma razão, mais comuns, mais normais e mais solidamente centradas em algo do que qualquer outra coisa. É difícil explicar. E muito mais uma percepção, uma sensação do que algo que eu consiga definir. Vejamos desta forma: eu, por interesse próprio, sempre estive em busca do verdadeiro Deus e pensava que, se o encontrasse, iria reconhecê-lo como algo familiar. De certo modo, isso me aconteceu quando descobri o Deus dos judeus; o contrário, porém, também aconteceu ao mesmo tempo. Fiquei abalado e surpreso: minhas expectativas não se tinham cumprido; entretanto, acho que, de modo diferente e mais profundo, elas também tinham. Foi como se alguma coisa em mim mesmo

que fosse mais sensata do que eu, o meu dáimon24, eu acho, que sempre conduziu a minha busca e sempre soube exatamente para onde me levar e não me levar, como se esse dáimon estivesse me mostrando a sua própria casa.

Ahmen: E isso! Sócrates, o seu dáimon era o Espírito Santo!

Sócrates: Quem?

Ahmen: Compreendo.

Sócrates: O que ainda não entendo bem é como um Deus imutável pôde provocar conseqüências temporais inconstantes que são...

Fesser: Acho que essa questão é um tanto filosófica e técnica demais para entrarmos nela agora, se não se importa, Sócrates. E mais um assunto para outro dia.

Sócrates: Espero que me seja concedido mais tempo extra para examinarmos todos esses assuntos que temos deixado à margem. Pois bem, vamos voltar à via principal. Eu ainda não falei sobre a minha maior descoberta, minha maior surpresa e meu maior mistério ao ler as Escrituras judaicas.

Todos: E qual é, Sócrates?

Sócrates: O nome de Deus.

Bertha: O nome de Deus? O que há em um nome?

Sócrates: Tudo. Penso que as coisas estão contidas em seus verdadeiros nomes?

Bertha: Eu não entendo, pois os nomes são apenas rótulos.

Sócrates: Eu acho que não. Os rótulos são apenas coisas. Você pensa nos nomes como coisas, mas eu penso nas coisas como nomes. Você pensa nos nomes como coisas em um mundo de coisas, coisas cercadas de outras coisas. Eu penso nas coisas como nomes, cercados por nomes verdadeiros. Mas esse é mais um atalho. Permitam-me explicar o quanto me impressionei com o nome de Deus.

Fesser: Há muitos nomes para Deus nas Escrituras. Você ainda não os conhecia a partir da própria cultura grega?

Sócrates: Já conhecia. Mas todos eram nomes nossos dados a ele. Não fiquei surpreso com os nomes que os homens na Escritura judaica deram para Deus, mas pelo nome que Deus deu a si mesmo. Todos os nossos nomes para ele, não nomeiam, de fato, o que ele é em si, mas apenas o que ele é em relação a nós...

Ahmen: Por que é assim, Sócrates?

Sócrates: Observe os nomes: Deus, Senhor, Criador, Legislador, Juiz e Salvador. Ele não é seu próprio Deus, Criador ou Salvador, mas o nosso Deus.

24 Junito BRANDÃO. In: A morte de Sócrates: monólogo filosófico, de Zeferino ROCHA, Escuta, 2001, p. 157, diz que, "etimologicamente, o termo dáimon está ligado ao verbo daíesthai, que significa 'repartir', 'dividir'. O dáimon seria, portanto, a força e o poder que dividem e repartem a sorte dos indivíduos. Nesse sentido, ele pode ser considerado tanto uma divindade quanto a força do destino" [N. do T.].

Ahmen: Entendo.

Sócrates: Como estava dizendo, descobri nas Escrituras judaicas algo que não encontrei em nenhuma outra parte e nunca nem mesmo imaginei: o verdadeiro nome de Deus, o nome que expressa a essência de seu próprio ser, do que ele é em si mesmo. Ao menos, parece ser o que ele disse ao falar a Moisés na sarça ardente, chamando a si mesmo não só pelo nome referente, "o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó", mas também pelo nome absoluto, "EU SOU" ou "EU SOU QUEM EU SOU". Esse nome parecia absolutamente especial.

Fesser: Você tem razão, Sócrates. Esse é o Tetragrammaton25 sagrado, o nome que judeu algum jamais pronuncia. Mas qual foi o mistério que você descobriu nele?

Sócrates: Eu é o nome para um sujeito que pensa ou que tem vontade, não é?

Fesser: E.

Sócrates: O que me deixa perplexo é de que maneira podemos investigar um simples objeto Deus, cuja verdadeira essência é ser sujeito? Como podemos nós ainda conhecermos esse Deus por completo? Como é possível o nós ser os EUs

que transformam Deus em nosso objeto, nosso Você, se, pela própria natureza de sua essência, ele sempre é EU, sempre sujeito? É-nos impossível conhecê-lo verdadeiramente. Além disso, parece que, ao pronunciarmos seu verdadeiro nome, o estamos conhecendo verdadeiramente.

Fesser: É uma discussão bastante sofisticada, Sócrates. Como podemos conhecer EU SOU?

Ahmen: Penso que essa é uma pergunta bem simples.

Ahmen: Compreendo.

Sócrates: O que ainda não entendo bem é como um Deus imutável pôde provocar conseqüências temporais inconstantes que são...

Fesser: Acho que essa questão é um tanto filosófica e técnica demais para entrarmos nela agora, se não se importa, Sócrates. E mais um assunto para outro dia.

Sócrates: Espero que me seja concedido mais tempo extra para examinarmos todos esses assuntos que temos deixado à margem. Pois bem, vamos voltar à via principal. Eu ainda não falei sobre a minha maior descoberta, minha maior surpresa e meu maior mistério ao ler as Escrituras judaicas.

Todos: E qual é, Sócrates?

Sócrates: O nome de Deus.

Bertha: O nome de Deus? O que há em um nome?

Sócrates: Tudo. Penso que as coisas estão contidas em seus verdadeiros nomes?

Bertha: Eu não entendo, pois os nomes são apenas rótulos.

Sócrates: Eu acho que não. Os rótulos são apenas coisas. Você pensa nos nomes como coisas, mas eu penso nas coisas como nomes. Você pensa nos nomes como coisas em um mundo de coisas, coisas cercadas de outras coisas. Eu penso nas coisas como nomes, cercados por nomes verdadeiros. Mas esse é mais um atalho. Permitam-me explicar o quanto me impressionei com o nome de Deus.

Fesser: Há muitos nomes para Deus nas Escrituras. Você ainda não os conhecia a partir da própria cultura grega?

25 Quatro letras que expressam o nome divino: YHWH [N. do E.].

Sócrates: Já conhecia. Mas todos eram nomes nossos dados a ele. Não fiquei surpreso com os nomes que os homens na Escritura judaica deram para Deus, mas pelo nome que Deus deu a si mesmo. Todos os nossos nomes para ele, não nomeiam, de fato, o que ele é em si, mas apenas o que ele é em relação a nós...

Ahmen: Por que é assim, Sócrates?

Sócrates: Observe os nomes: Deus, Senhor, Criador, Legislador, Juiz e Salvador. Ele não é seu próprio Deus, Criador ou Salvador, mas o nosso Deus.

Ahmen: Entendo.

Sócrates: Como estava dizendo, descobri nas Escrituras judaicas algo que não encontrei em nenhuma outra parte e nunca nem mesmo imaginei: o verdadeiro nome de Deus, o nome que expressa a essência de seu próprio ser, do que ele é em si mesmo. Ao menos, parece ser o que ele disse ao falar a Moisés na sarça ardente, chamando a si mesmo não só pelo nome referente, "o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó", mas também pelo nome absoluto, "EU SOU" ou "EU SOU QUEM EU SOU". Esse nome parecia absolutamente especial.

Fesser: Você tem razão, Sócrates. Esse é o Tetmgrammaton26 sagrado, o nome que judeu algum jamais pronuncia. Mas qual foi o mistério que você descobriu nele?

Sócrates: Eu é o nome para um sujeito que pensa ou que tem vontade, não é?

Fesser: E.

Sócrates: O que me deixa perplexo é de que maneira podemos investigar um simples objeto Deus, cuja verdadeira essência é ser sujeito? Como podemos nós ainda conhecermos esse Deus por completo? Como é possível o nós ser os EUs que transformam Deus em nosso objeto, nosso Você, se, pela própria natureza de sua essência, ele sempre é EU, sempre sujeito? É-nos impossível conhecê-lo

verdadeiramente. Além disso, parece que, ao pronunciarmos seu verdadeiro nome, o estamos conhecendo verdadeiramente.

Fesser: É uma discussão bastante sofisticada, Sócrates. Como podemos conhecer EU SOU?

Ahmen: Penso que essa é uma pergunta bem simples.

Fesser: E você tem uma resposta bem simples, imagino?

Ahmen: Sim! Deus fala, nós ouvimos: revelação divina.

Fesser: Sócrates, foi isso que encontrou lá?

Sócrates: Sim. Em todas as religiões que eu já tenho visto é o homem que tem buscado a Deus. Mas aqui parece ser a história de Deus em busca do homem. E é por isso que considero o milagre do Deus habitante da eternidade indo em busca do homem no deserto do tempo algo muito importante. Se ele não o tivesse feito, não vejo como poderíamos tê-lo conhecido como ele é.

Fesser: Por que você acha que ninguém mais além de Moisés conseguiu alcançar esse conceito de Deus?

Sócrates: Você não leu as Escrituras? Moisés não conseguiu; ele correspondeu a ele. Pois não era o conceito de Moisés, mas de Deus.

Fesser (Um pouco aborrecido, surpreso e perturbado ao mesmo tempo.): Oh... bem...

quer seja assim, quer não, por que acha que nem você, nem qualquer outro pensador 26 Quatro letras que expressam o nome divino: YHWH [N. do E.].

jamais teria alcançado esse conceito, esse nome?

Sócrates: Porque eu tentei e fracassei durante toda a minha vida. Passei muitas noites acordado, pensando sobre o problema do verdadeiro nome e natureza de Deus; tudo que já alcancei foi a minha própria ignorância.

Bertha: Platão não nos falou de todas essas noites, Sócrates. Por quê?

Sócrates: Eu nunca falei delas, nem para ele.

Bertha: Por quê?

Sócrates: Por três razões: (1) eu não queria abalar a fé dos que acreditavam quando eu estava em dúvidas; (2) porque esse é um mistério sagrado que não deveria ser assunto de falatório público. Para dizer a verdade, estou um tanto surpreso que o meu dáimon interior não me tenha proibido de falar sobre isso com vocês; (3) devido à tendência de Platão e da juventude em geral, de transformar tudo em dogmas e sistemas.

Eu não queria fundar uma teologia socrática sobre a própria ignorância.

Fesser: Então, o que fez?

Sócrates: Pensei, pensei, sonhei, sonhei, e orei, orei para que eu pudesse conhecer o nome de Deus e sua natureza, pois o verdadeiro nome fala da natureza; tudo em vão!

Foi exatamente como bater contra uma parede: eu, uma força irresistível, e a parede, um objeto imóvel.

Fesser: Bem, nesse caso o objeto venceu.

Sócrates: Até agora, sim. Parecia que eu não podia fazer progresso contra o vento.

Agora eu sei por quê. O vento vinha de Deus e eu precisava andar a favor dele.

Fesser: Eu não entendo bem sua metáfora.

Sócrates: Eu precisava simplesmente ouvir como o fizeram Jó e Moisés. Eu tinha de receber a verdade como uma dádiva, um dom.

Fesser: E Deus não lha deu?

Sócrates: Até agora não. Ele não deu esse segredo a nenhum de nós gregos e eu não sei por quê. Que estranho, Deus ter escolhido os judeus!

Ahmen: Foi isso que Ewer disse! Você já o leu?

Sócrates: Não. Quando dois homens falam a verdade, não se deve imaginar que tenham copiado um do outro, mas da verdade em si.

Molly: Esta é uma questão realmente interessante, eu acho: Será que Deus escolheu mesmo os judeus? Como o Deus do Universo pôde ser tão provinciano?

Fesser: E outro atalho interessante, Molly.

Sócrates: Percebam como devemos ser firmes contra nós mesmos e contra a nossa tendência natural de nos assentarmos à beira do caminho ou de nos desviarmos para os campos a fim de sentir o perfume das flores, quando queremos, em vez disso, chegar em casa! A impressão é que devemos nos opor com seriedade, não só a toda ignorância, mas também a todo conhecimento, caso este nos leve a outro lugar que não o que procuramos. Como é difícil nos concentrarmos em um único caminho de cada vez!

Bertha: Por que você acha que é difícil, Sócrates?

Fesser: Este é mais um desvio, a mesma pergunta — por que é tão difícil fugir dos atalhos?

Sócrates: Sim, mas me permita discuti-lo rapidamente, caso seja possível. Eu 98 | P á g i n a

imagino firmemente que, com Deus, as coisas sejam bem diferentes e ele sabe tudo ao mesmo tempo. Todavia, não somos Deus. Eu penso, conseqüentemente, que é o desejo de ser Deus e talvez o ressentimento por não sê-lo que nos leva a tentarmos ser como Deus para sabermos tudo ao mesmo tempo.

Fesser: Interessante psicanálise. Entretanto, não compreendo por que foi tão difícil para você encontrar o EU SOU ou mesmo se surpreender quando o descobriu. É possível explicar para nós?

Sócrates: Vou tentar, embora precise usar as palavras como um oleiro usa o barro.

Eu não conseguia ver Deus como EU SOU porque não conseguia entender como

a condição do eu27e a condição do sou28 podiam ser um. Quero dizer, por meio da condição do eu e da condição do sou, a essência da condição da pessoa e da perfeição, e também o caráter da condição de sujeito, o da condição de objeto ou a singularidade da. pessoa, bem como a do Ser universal.

Fesser: Isso se parece com o dualismo de Sartre entre ser por si (objeto) e ser em si (consciência, sujeito).

Sócrates: Eu não conheço esse Sartre, mas, de qualquer forma, eis o que significa: primeiro considere a condição do eu; é o modo de ser de um sujeito, alguém que conhece e tem vontades, uma pessoa. Uma pessoa, ao menos uma pessoa com uma vontade, pareceria estar no tempo. Agora considere a condição do SOU, não um ser apenas, mas um Ser supremo infinito e imutável. Esse Deus deve ser imutável porque ele é perfeito.

Mudar significaria adquirir uma perfeição nova, perder um pouco da perfeição antiga, ou as duas coisas. Os três tipos de mudança são incompatíveis com a perfeição absoluta, a qual, se não estou enganado, é dito que esse Deus tem. Assim, chega-se a isto: Eu não conseguia entender como Deus podia estar presente no tempo e na eternidade ao mesmo tempo, que me perdoem a expressão.

Bertha: Por favor, não vamos tomar mais atalhos. Eu já estou explodindo com uma dor de cabeça temporal e infinita.

Fesser: Eu penso que isso não é um atalho, Bertha. Sócrates, não é verdade que Platão tomou o partido da condição do SOU, e a maioria das pessoas antes dele, a condição do eu? Isto é, Platão substituiu a justiça por Zeus e assim com os outros deuses.

Sócrates: Sim. Essas pareciam ser as únicas duas opções. Eu não fui tão rápido quanto Platão em abandonar o Eu do Deus porque isso significava que, embora fosse possível conhecer o Deus, este não podia conhecer o homem, ou mesmo que de alguma forma ele pudesse, ele não poderia amar, uma vez que eu pensava que o amor fosse um processo temporal e imperfeito. Eu não entendia como um Ser Eterno poderia me amar.

Se Deus me ama, então ele não é um ser eterno. Como pode Deus, ele mesmo, ou Ser em Si ter preocupação, vontade, desejo?

Bertha: E agora entende?

Sócrates: Oh, ainda não. Apenas vislumbro uma luz fraca no horizonte, uma vaga possibilidade, ou talvez as duas coisas. O Deus das Escrituras judaicas é plenamente infinito, perfeito e inalterado por nós, além de universal. Ele é o criador do tempo e, por isso, transcende a temporalidade; mas ainda mais claro na sua Escritura é o fato de que ele ama, cuida, age e fala.

Bertha: Já não estamos nos afastando demais daquilo que se imaginava ser o nosso 27 O conceito de I-ness, particularmente na terminologia de Thomas Ogden, designa o indivíduo em sua capacidade de gerar um sentido; uma espécie de eu-idade. REVISTA DE PSICOL. USE O inconsciente e a constituição de significados na vida mental, São Paulo, vol.10, 1999 [N. doT.].

28 Ser, a continuação do ser. As emoções, o conhecimento natural de si mesmo [N. do T.]

principal foco — Jesus?

Sócrates: E possível que não, porque um Deus assim como eu estou começando a compreender podia até se tornar homem se quisesse.

Bertha: Não compreendo isso. Qual é a relação lógica?

Sócrates: A unidade da condição do SOU e da condição do eu em Deus que lhe possibilita agir no tempo, ao dar uma lei, inspirar os profetas e realizar milagres, também pode lhe conferir poder para assumir a forma corpórea no tempo, revestir-se de temporalidade, sem perder, de modo algum, a sua infinitude... é possível. Eu não sei se isso é assim ou se não é, ao certo, nem de que maneira é assim se de fato é. Mas a idéia que eu tinha na semana passada como totalmente absurda e impossível, o conceito de que um ser humano chamado Jesus podia ser o Deus supremo e eterno que criou todo o Universo, agora me parece possível, talvez possível, quase possível ou talvez quase possível.

Thomas: Devagar, Sócrates, eu não compreendo. Você disse que descobriu a transcendência e a distinguibilidade do Deus dos judeus na Escritura deles, a maneira pela qual esse Deus transcende, não só as imperfeições dos conceitos idólatras dos deuses, mas também o Universo inteiro por ser o seu criador. Sou

levado a pensar que esta nova idéia, a da transcendência de Deus, tornaria muito mais difícil, e não mais fácil, para você refletir sobre a possibilidade da encarnação deste Deus. Um Deus mais próximo da natureza poderia se tornar mais facilmente parte dessa natureza, mas um Deus até agora distante, como poderia?

Sócrates: Eu entendo sua dificuldade, Thomas, mas ela é resultado de se pensar o espírito e suas possibilidades à luz das leis restritas e limitadas da matéria. Seria mais difícil ir do Egito para Atenas que de Esparta para Atenas; por isso, seria mais difícil sair do paraíso para a terra que descer do firmamento para baixo. Não é isso? Mas há analogias até mesmo no mundo material para a verdade que eu acho que compreendo: que a transcendência torna a imanência mais possível e não menos. Tomemos, por exemplo, a luz: ela não tem cor e transcende a todas as cores. Não é assim?

Thomas: Sim. Como...?

Sócrates: Não é precisamente por essa razão que ela pode ser imanente a todas as cores e não apenas a uma? Se a luz fosse amarela, não poderia também ser azul. Mas porque ela não é nem amarela nem azul, pode ser tanto uma quanto a outra. Ou considere um exemplo ainda melhor: ela não tem forma, não é verde, quadrada, animal ou mineral. Não é isso?

Thomas: E verdade.

Sócrates: E não é exatamente por esse motivo que ela pode assumir todas as formas do mundo, que pode se identificar com o verde, azul, quadrado, triângulo, animal e o mineral?

Thomas: O bom senso diria que sim. Mas penso que a ciência daria outra explicação: é meramente bioquímica cerebral.

Sócrates: O pensamento é só bioquímica?

Thomas: Sim.

Sócrates: Então a diferença entre um conceito verdadeiro e um falso é a diferença entre um conceito com uma grande, pequena ou dupla carga elétrica e outro com algum tipo diferente de carga elétrica?

Fesser: Mais um desvio, cavalheiro. De volta ao caminho principal, por favor, pois 100 | P á g i n a

temos poucos minutos.

Sócrates: Como parece contrário às leis da natureza curvar-se ao Tempo e não à Verdade. Mas parece que é necessário. Muito bem. Então, minha questão, Thomas, é que Deus está mais para raciocínio que para coisas. Somente um Deus que não é apenas parte limitada do todo poderia assumir esse todo de fora, por assim dizer — mais uma metáfora relativa ao espaço — e se tornar parte da própria criação.

Thomas: Por que de fora é uma metáfora?

Sócrates: Ora, porque, de outra forma, podíamos voar até ele, se voássemos o bastante.

Thomas (Risos.): Mas como o Deus do todo poderia se tornar apenas parte? A luz apresenta-se em todas as cores e o conhecimento em todas as formas naturais, mas esse Deus, de acordo com os cristãos, tornou-se um ser humano específico.

Sócrates: É possível que seja como o autor de uma história o qual se coloca na própria história como uma das suas personagens, no devido tempo, digamos, no terceiro capítulo. Ele então seria tanto uma parte da História, limitado no espaço e no tempo como qualquer outra personagem, como também estaria fora da História, sem qualquer limitação por ser o criador de toda a História.

Thomas: Isso não seria milagre, e a Encarnação é um milagre.

Sócrates: Apenas para nós, não para Deus. O fato de o autor se colocar na História não é milagre para ele, mas aceitável do ponto de vista de seus poderes naturais. No entanto, é um milagre para as outras personagens na história.

Thomas: Compreendo... desse modo, você definiria um milagre como algo semelhante a isto: neste caso, um artista inserindo traços de pincel na sua pintura os quais não davam continuidade aos demais; ou como um músico acrescentando notas em uma sinfonia que não acompanhavam a seqüência das antecedentes e cujas notas não podiam ser previstas por elas?

Sócrates: Aproximadamente isso.

Fesser: Outro atalho — milagres. Cavalheiros, a campainha está prestes a tocar.

Vamos terminar, por favor. Aonde você acha que deveríamos ir depois disso, Sócrates?

Considerando a natureza do Deus dos judeus, você agora acha que o mistério de Cristo é bastante provável?

Sócrates: Oh, não, eu não disse isso, porque ainda causaria muito impacto. De acordo com os registros de vocês, isso não chocou os judeus?

Ahmen: Eu diria que sim!

Sócrates: Eu pensei que só estávamos considerando a natureza desse Deus e não se ele de fato se tornou um homem, ou mesmo se é possível para ele se tornar um homem — embora este assunto venha à tona quando refletimos sobre sua natureza —

nem mesmo se semelhante Deus realmente existe ou não. Estávamos apenas investigando o conceito, a essência.

Fesser: E o que essa essência lhe ensinou, Sócrates, se é possível resumir em um minuto?

Sócrates: Vejo que pode ser útil estar sob a pressão do tempo e não despreocupado com ele. Hum! Bem, em resumo, duas coisas: (1) levou-me a admitir, embora levemente, a possibilidade desse mistério que você chama a Encarnação do Deus; (2) ensinou-me alguma coisa sobre o que Jesus deve ter tido a intenção de dizer quando empregou a 101 | P á g i n a

palavra Deus e afirmou ser esse Deus.

Fesser: E, pela lógica, aonde vamos chegar, Sócrates?

Sócrates: A duas coisas, eu acho: (1) se, além de possível, a Encarnação é real; (2) quem foi esse tal Jesus. Por ambos os motivos, agora eu gostaria de ler o Novo Testamento judaico.

Fesser: Ótima sugestão, além de ser uma seqüência lógica, vocês não concordam, pessoal?

Turma: Sim.

Bertha: De volta à base. O Novo Testamento na aula de Cristologia! Magnífico!

Fesser: Bem, eu penso que o teólogo deveria ser científico e o bom cientista sempre começa com seus dados, não começa? Vamos todos ler os Evangelhos, pelo menos, para a semana que vem. Tenho uma lista de leituras aqui também para quem quiser.

(Passa a lista.). Leiam tudo que vocês acham que seja importante para a próxima vez. Na próxima aula, vamos discutir as duas questões com as quais Sócrates terminou. Tudo bem?

Turma: Tudo bem.

Fesser: Desculpem por não termos conseguido ouvir mais dos outros hoje, mas acho que o Sócrates aqui resumiu muito bem o que um pagão acharia no Antigo Testamento se o lesse pela primeira vez, vocês não acham?

Turma: Sim. Muito bom, Sócrates! Excelente atuação.

Fesser: Então, é hora de ir embora. Até a próxima semana.

9

Vejam! Ele está vivo!

A cena é o terceiro encontro da turma do curso de Cristologia do professor Fesser, na Escola de Teologia Havalarde. Sócrates senta-se atento, pensativo, quieto e sereno.

Bertha, Molly, Ahmen, Salomão e Thomas estão presentes, conversando. Sophia está ausente.

Fesser (Entra inesperadamente)'. Muito bem, muito bem, todos aqui.

Bertha: Não, Sophia foi embora. Ela abandonou o curso.

Fesser: Oh, que pena. Bem, vamos nos aprofundar no assunto hoje, aqui. Nós concordamos em seguir a sugestão de nosso amigo Sócrates (Dá um sorriso de aprovação para Sócrates) e rever desta vez os textos do Novo Testamento à luz de nossas últimas leituras do Antigo Testamento. Sócrates ia tentar lê-los como se fosse pela primeira vez. Acho que deve ser uma experiência fascinante imaginar o que um filósofo grego da Antigüidade entenderia do Novo Testamento se o lesse.

Sócrates (Fez que não com a cabeça.): Não é preciso imaginar. Isso foi real.

Fesser: Certamente. Então, Sócrates, o que você conseguiu entender do Novo Testamento?

Sócrates: Muito mais do que eu esperava.

Fesser: Fale-nos sobre isso. O que você sabe agora que não sabia antes?

Sócrates: Agora sei por que fui trazido de volta à vida, nessa época; foi para conhecer alguém que nasceu quatrocentos anos depois que eu morri.

Fesser: Jesus de Nazaré, é claro...

Sócrates: Sim.

Fesser: E você encontrou o verdadeiro Jesus, assim como nós estamos diante do verdadeiro Sócrates?

Sócrates: Sim, encontrei.

Fesser: Acho surpreendente o efeito que uma pitadinha de psicodrama pode causar.

Um pouco de fantasia bem trabalhada pode de fato ser instrutivo.

Sócrates: Considero ainda mais notável o efeito que uma pessoa de verdade, viva, pode provocar. Eu não estou representando, tampouco ele o está.

Fesser: Ah, mas a identidade de vocês dois certamente está em questão.

Sócrates: Para você, talvez, para mim, não.

Fesser: O que você quis dizer quando afirmou que o conheceu?

Sócrates: Que eu conheci mais que um pretenso Jesus, assim como vocês estão conhecendo agora mais que um pretenso Sócrates.

Fesser: Assim como... oh, entendo. Sim. Muito esperto, Sócrates.

Sócrates: Você está enganado em ambas as considerações.

Fesser: O que você quer dizer?

Sócrates: Você não entende, e eu não sou tão esperto.

Fesser: Significa que você acredita de fato na existência real de Jesus e de 103 | P á g i n a

Sócrates?

Sócrates: Sim, você pode colocar deste modo.

Fesser: Você afirma ter vivido uma experiência mística?

Sócrates: Afirmo ter conhecido uma pessoa. Isso é uma experiência mística? Então, nesse sentido, posso dizer que sim.

Fesser: Pela primeira vez você parece não fazer tanto sentido para mim, Sócrates.

Ahmen: Bem, ele faz sentido para mim, mais do que costumava fazer antes. Ele até parece diferente hoje. E todavia — como posso dizer? — Sócrates, você me parece mais você mesmo hoje do que nunca; mais socrático, de algum modo.

Sócrates (Firmemente.): Não estamos aqui para falar de mim, mas sim para olhar para ele, tanto neste curso quanto neste mundo.

Fesser: Então façamos exatamente isso. Sócrates, conte-nos, você recebeu Jesus diferentemente dos judeus? Se você respondeu sim, acredita ser devido à sua diferença cultural, à sua herança grega?

Sócrates: Esta ainda é uma pergunta sobre mim, não sobre ele. Mas para responder a isso, tomo por verdadeira uma das citações neste livro, mais ou menos assim: "Para Cristo não há diferença entre judeus e gregos"29. Não está certo?

Fesser: Sim, é do apóstolo Paulo. Poderia nos explicar o que isto significa?

Sócrates: Que Jesus provoca em cada um as mesmas reações básicas, acredito. Por exemplo, compreendi totalmente a reação dos judeus para com ele, embora eu seja grego.

Fesser: Que judeus? Que reação?

Sócrates: Boa pergunta. Havia diferentes grupos e diferentes reações. Acho que compreendo todos eles. Primeiro, os eruditos, os escribas, os filósofos judeus. Eles ficaram simplesmente atônitos. "Ninguém jamais falou da maneira como esse homem fala"30 era a reação deles. Entendo por quê. Havia algo a mais que o maior filósofo do mundo ali. Ele dissipava as dúvidas deles como o sol que dissipa uma espessa névoa.

Fesser: E quanto aos outros grupos?

Sócrates: Dois deles eram os membros do Sinédrio e os herodianos que, pelo que percebo, eram o grupo político que estava no poder com o rei Herodes. Em outras palavras, as autoridades políticas e religiosas. Ambas se sentiam profundamente ameaçadas por este homem. Em Atenas, eles se consideravam ameaçados até mesmo por mim, então posso certamente compreender o quanto eles se sentiam ameaçados por ele.

Bertha: Mas por que tanto medo? Nunca compreendi bem isso.

Sócrates: Então você nunca o compreendeu. A autoridade é perspicaz, como um animal que possui instintos para identificar seus inimigos naturais, ou como um corpo que rejeita organismos estranhos. Eles eram como a água e ele era como o fogo; se não acabassem com ele, ele os consumiria. Com freqüência falava de suas inovações extremas ao dizer, por exemplo, que não "se põe vinho novo em vasilha de couro velha"31.

Fesser: E havia um quarto grupo?

29 Colossenses 3.11.

30 João 7.46.

31 Mateus 9.17

Sócrates: Sim, o povo, as massas que o adoravam em uma semana e clamavam por sua crucificação na outra. A multidão instável — tudo me parecia muito familiar, como se Jerusalém fosse uma democracia exatamente como Atenas.

Bertha: Você está nos dizendo que a democracia é prejudicial?

Fesser: Perdão, Bertha, mas não vamos nos desviar da questão, certo? Sócrates, você percebeu qualquer outra reação por parte de algum outro grupo?

Sócrates: Talvez de um quinto grupo, de religiosos judeus, que estavam suficientemente lúcidos para perceber que teriam de adorá-lo, se ele fosse o Deus que afirmava ser, ou crucificá-lo, caso não fosse. Pois Moisés havia ordenado pena de morte por blasfêmia, e, se ele não fosse Deus, era então o maior dos blasfemadores. Mas os judeus não tinham certeza de qual dos dois Jesus era. Então eles o ouviram, o observaram e esperaram interrogativamente.

Fesser: E creio que você se encaixa neste grupo, Sócrates? Dos questionadores, investigadores, agnósticos?

Sócrates: Em princípio, sim. Como Nicodemos.

Ahmen: E por que não ao sexto grupo, Sócrates, o dos discípulos?

Sócrates: Em princípio pensei que este seria o grupo com o qual haveria menos possibilidade de me identificar, devido à imensa improbabilidade de sua principal crença que via aquele homem como o próprio Deus em carne.

Ahmen: Por que isso parecia tão improvável?

Sócrates: Você não entende? E como dizer que um quadrado é ao mesmo tempo um círculo. Como pode a natureza divina coexistir com a natureza humana? Como pode o mesmo homem ser ao mesmo tempo eterno e temporal, imortal e

mortal, divino e humano? Essa certamente parece uma contradição muito grande e muito óbvia para qualquer um que tenha um pouco de lógica.

Thomas: Dentro, Sócrates!

Sócrates: Não, Thomas, fora. Fora do ponto principal. Porque o que encontrei quando li este livro não foi uma essência ou um conceito ou uma natureza, mas uma pessoa.

Thomas (Chocado.): Então você perdeu a razão?

Sócrates (Com firmeza.): E certo que não! Mas não parece que a razão por si mesma deve reconhecer algo além dela?

Thomas: Não. Por quê?

Sócrates: Por um motivo: as coisas têm de ter razão, não têm?

Thomas: O que você quer dizer? Que coisas?

Sócrates: Nós raciocinamos porque somos pessoas, não é isso? Coisas de uma natureza racional?

Thomas: Sim.

Sócrates: Mas o possuidor não é o objeto possuído, é?

Thomas: Não estou certo do que você quer dizer.

Sócrates: O sujeito não é o objeto.

Thomas: Ainda não sei se entendi aonde você quer chegar.

Sócrates: Isso não é razão que contém razão; isso somos nós.

Thomas: Oh, certo. E daí?

Sócrates: Então, por mais perfeito e elevado que você construa o templo da razão, é necessário que haja algo debaixo dele, algo como o solo. E é necessário

ter um construtor, uma pessoa.

Thomas: Sócrates, isso não parece vir de você.

Sócrates: Não estou deixando para trás nada de minha antiga filosofia, creio eu; apenas estou me tornando mais esclarecido a respeito. Tudo o que estou dizendo é que uma pessoa é mais que somente uma natureza, uma essência. Uma pessoa tem natureza ou essência.

Thomas: Tudo bem. Aceito a distinção. E daí?

Sócrates: O que encontrei neste livro não foi a definição de uma essência, mas de uma pessoa; uma pessoa que obviamente tinha a essência humana e afirmava também possuir a essência divina.

Thomas: Certo; então você conheceu uma pessoa. Mas a afirmação dela é ridícula.

Sócrates: E certamente muito chocante e parece, diante disso, ridícula. Mas você sabe qual minha atitude diante das aparências.

Thomas: Mas como alguém pode ter duas naturezas? Isso não é possível.

Sócrates: Essa possibilidade ou impossibilidade tem de ser examinada, sem dúvida.

Mas há algo mais que deve ser examinado também, e foi o que fiz. Analisei algo verdadeiro, e não apenas suposto. Quer dizer, a pessoa de Jesus.

Então pensei que deveria olhar primeiro para ele, e depois para as duas essências um pouco mais, embora já houvesse observado na semana passada a essência divina de acordo com o Antigo Testamento de vocês, e tenha observado a essência humana durante toda a minha vida. O primeiro e maior mandamento para mim era "Conhece-te a ti mesmo".

Fesser: Sócrates, acho que esse discurso de "homem" e "natureza", o seu conhecimento da história da teologia cristã e dos credos estão levando você a cometer alguns anacronismos. Você realmente acha que o verdadeiro Sócrates se teria aproximado da fórmula niceno-calcedoniana32 para chegar ao enigma cristológico?

Sócrates: Desculpe, mas não tenho a menor idéia do que você está falando. Tudo o que sei é que encontrei uma pessoa...

Thomas: Acho que você perdeu a razão.

Sócrates: E preciso perder a razão para conhecer alguém?

Thomas: O que fez então com sua razão?

Sócrates: Fui levado pelo rio da razão para o oceano da natureza humana, para algo que é mais que a razão e não menos que ela.

Thomas: E uma vez que você foi arrastado para o oceano, seus pés deixaram o solo e você foi levado pelas ondas?

Sócrates: A metáfora parece adequada.

Thomas: Então você perdeu a razão, os pés.

32 Ver Tese de Ari Luís do Vale RIBEIRO, A cristologia do Concilio de Calcedônia. (Consulte: http://www.teologia-assuncao.br/cursos/2psgr_teologia/teses/Teses_alunos2003/ Ari.doc. Acesso em 12/12/05) [N. doT].

Sócrates: Na verdade, não. Os nadadores perdem os pés? Pelo contrário, eles os utilizam também enquanto nadam.

Thomas: Você quer dizer que ainda está raciocinando mesmo depois de dar o passo da fé?

Sócrates: Algo assim. E mesmo um passo precisa começar com os pés. E quando você termina um passo e cai, é preciso cair sobre os pés novamente.

Thomas: Esta analogia significa que você considera que havia motivos e explicações racionais para sua crença, subseqüentemente?

Sócrates: Sim, é isso.

Thomas: Isso eu quero ver!

Sócrates: Sim, e você verá.

Fesser: Sócrates, você descreveu sua experiência como sendo arrastado para o mar.

Não entendo; você quer dizer que teve uma experiência mística? Ou apenas se tratava de sentar e pensar racionalmente?

Sócrates: Não vejo por que você chama conhecer alguém de experiência mística.

Você está tendo uma experiência assim agora?

Fesser: Mas eu estou conhecendo uma pessoa real. Você apenas leu um livro.

Sócrates: Não, o que fiz não foi somente ler um livro. Eu conheci uma pessoa, de verdade. O livro não era o alvo de minha experiência, mas o veículo, ou a razão.

Ahmen: Ou o sacramento, talvez?

Sócrates: O que é isso, por favor?

Ahmen: A definição oficial é "sinal que transmite o que representa".

Sócrates: Bem colocado. As palavras eram sinais que representavam, mas também ajudavam de algum modo a tornar presente o homem ali representado, agindo como um catalisador em uma reação química.

Fesser: E você acredita no que essa pessoa diz?

Sócrates: Sim, acredito que ele é quem diz ser. E falarei por que em um minuto.

Bertha: Então, Sócrates, você se tornou cristão. Que interessante!

Sócrates: Interessante? Você fala disso como se eu houvesse apenas mudado minha filosofia...

Bertha: E não foi o que fez?

Sócrates: Nascer é mudar de filosofia? Se é, suponho que poderia dizer que somente mudei minha filosofia.

Bertha: Nascer?

Sócrates: Esta é a mais precisa de todas as imagens. Acho que é por isso que ele a empregou ao falar aos filósofos judeus e aos seguidores de Nicodemos. E uma imagem precisa, porque só nascer é uma mudança tão radical quanto esta — uma mudança não só no modo de pensar, mas no modo de agir de alguém, e uma mudança não apenas de ser menos para ser mais, mas do não-ser para o ser. Algo novo nasceu em mim. Ele mesmo nasceu em mim, como o livro diz.

Bertha: Não compreendo. (Franze o cenho, com expressão interessada) Sócrates: Eu sei que não. Algum de vocês compreende? (Supli-cante.) Professor?

Fesser: Há muitas formas de compreender qualquer imagem, Sócrates. Você certamente sabe disso.

Sócrates: Certamente o sei. Mas eu não falava de compreender o símbolo, mas de compreender o que ele simboliza.

Fesser: A coisa que ele simboliza?

Sócrates: O que quer dizer?

Fesser: Você supõe existir apenas um nível, uma dimensão da realidade?

Sócrates: Nunca pensei que deixaria passar a oportunidade de pescar um peixe metafísico, como esta pergunta. Mas é exatamente o que estou prestes a fazer. Porque encontrei uma baleia, e mesmo os aparatos de pesca da metafísica são inadequados para capturar essa baleia. Penso que temos perseguido nossos questionamentos com propósitos admiravelmente decididos até agora, muitas vezes nos recusando desvios encantados e longos em atalhos importantes e fascinantes. Mesmo esta questão é como atalho, acredito. Quero dizer a questão sobre o que significa realidade, e se podemos ou não falar de algo como a realidade. Antes, devo fazer outra pergunta. Temo que seja mal-interpretada e cause embaraço, então tenham paciência comigo e se esforcem muito para não entenderem erroneamente os motivos que me levam a perguntar.

Classe: E claro, Sócrates. (Favorável, aberta e com olhar convidativo.) Bertha (Impaciente, interessada.): Qual é a pergunta?

Sócrates: Onde estão os cristãos? (Toda a classe parece chocada e embaraçada.)
Bertha: O que quer dizer com isso? Eles estão em todos os lugares.

Sócrates: Aqui neste lugar?

Bertha: Claro que estão aqui — e em muitos outros lugares também.

Sócrates: Então há algo que não entendo.

Bertha: O quê?

Sócrates: Se vocês são todos cristãos, se muitos de vocês são cristãos, se alguns de vocês sãos cristãos, como poderia a vida de vocês ser a mesma? Como poderiam parecer os mesmos, falar as mesmas coisas, pensar do mesmo modo? Como seria possível a criança nascida parecer-se tanto com aquela que ainda não nasceu? Como poderia a vida de vocês ser tão... tão imperturbável, se esta coisa inacreditável é verdadeira?

Molly: Sócrates, você está nos condenando?

Sócrates: Ai de mim, era isso o que eu temia que pensassem. É por isso que a pergunta é tão embaraçosa. Vejam bem, certamente não sou nenhum perito nesta coisa de cristianismo; apenas o descobri nesses últimos dias, então longe de mim querer falar a qualquer um o que tudo isso realmente significa. Mas este livro de vocês conta-nos, a todos nós, a mim, bem como a vocês, o que significa isso tudo. E se tudo o que está neste livro é verdade, então o seu significado diante de qualquer outra coisa que já vi é como uma baleia comparada a peixinhos.

Fesser: É bom que você leve o Novo Testamento tão a sério, Sócrates, mas...

Sócrates: Bom? Você disse bom?

Molly: Oh, Sócrates, não seja tão negativo. Estamos todos felizes por você ter encontrado a felicidade.

Sócrates: Mesmo da felicidade quase nunca é falado neste livro, mas antes da alegria. Algum de vocês compreende esta distinção? (To-dos lançam um olhar vago) Bem, todos leram o Novo Testamento?

Todos: Claro!

Sócrates: Talvez vocês não tenham "'clareado" bem isso. Pois não é o que significa

"deixar claro" alguma coisa.

Fesser (Aborrecido, mas ainda interessado): Exatamente, o que você descobriu que falta, Sócrates?

Sócrates: Tudo!

Fesser: Estou certo de que você, entre todos, poderia explicar um pouco mais claramente.

Sócrates: Devo tentar, certamente. Observe bem, se compreendo este livro, ele afirma que o supremo Deus-Criador tornou-se um homem e então homens e mulheres poderiam se tornar deuses e deusas, "participantes da natureza divina"33. Como poderia qualquer coisa ser a mesma depois disso, se isso ocorre de fato?

Fesser: Oh, bem, agora, isso é algo como o pomo da discórdia. Deveríamos interpretar a metáfora de participação da natureza divina para nos referirmos a um acontecimento histórico e literal ou essa é, em vez disso, uma expressão mitológica que não deve ser tomada literalmente?

Sócrates: Um mito? Você crê que isso é um mito?

Fesser: Alguns crêem, outros não.

Sócrates: E você? O que acha?

Fesser (Desconfortável.): Não é isso que está em questão aqui. Esta é uma sala de aula universitária, não um encontro de classe. (Algumas risadinhas.) Bertha (Tentando desviar a atenção de Fesser.): Sócrates, você está perguntando por que não somos todos santos?

Sócrates: Não; não se for no sentido de heróis da perfeição. As pessoas na sua Bíblia não eram santas. Todas tinham falhas, diferentemente dos heróis e das heroínas de minha cultura. A propósito, esta é uma das razões que faz o livro

parecer tão real. Não, estou perguntando algo mais, algo difícil de definir, mas fácil de reconhecer, acredito, embora o único lugar em que reconheci isso até agora foi nesse livro.

Deixe-me dizer de outro modo. Quando li sobre esse homem Jesus, sobre seus discípulos e sobre seus "convocados"34 (é o que significa a igreja, não é?) — quando li isto, percebi algo tão óbvio, tão distinto, tão poderoso e cheio de vida e júbilo, como o sol do meio-dia. Se todas essas coisas realmente aconteceram, então não é difícil imaginar que todo o mundo tenha virado de cabeça para baixo, conforme diz o livro de vocês, mesmo o cruel mundo romano. Não é surpresa imaginar as pessoas que conheceram Cristo, adorando-o ou crucificando-o. Tampouco é surpresa imaginar as pessoas que conheceram seus discípulos, acreditaram neles e as adoraram; ou as que não acreditaram neles e os perseguiram por lhes contar esta mentira abominável, insana. Foi tudo ou nada, um ou outro.

Fesser: Você está defendendo o fanatismo, Sócrates?

33 2Pedro 1.4.

34 A palavra grega traduzida por "igreja" significa, literalmente, "chamado para fora". Assim, a referência, no caso, é feita a um grupo de pessoas que foram chamadas para sair do pecado no mundo e servir ao Senhor [N. do T.].

Sócrates: Não.

Fesser: O que então?

Sócrates: Algo mais parecido com um casamento. Paixão. Fidelidade.

Fesser: E o que você acha que vê à sua volta em vez disso?

Sócrates: Erudição. Professores e alunos jogando, como crianças jogando safári enquanto há um leão de verdade escondido em seu quintal. Vocês acham que estão estudando um homem morto, não acham? Um homem como eu o era até poucos dias atrás, em vez de um homem vivo, presente e ativo como sou agora. Não é o que vêem?

Bertha: Mas Sócrates, Jesus não está aqui como você está.

Sócrates: O livro diz que ele está. Os discípulos dele acreditavam e agiam como se ele estivesse. Ele mesmo prometeu estar. Se isso não é um mito, se ele realmente ressurgiu dos mortos, então ele não está morto, mas vivo; como um animal, ao menos tão vivo quanto um animal. Mas vocês parecem estudá-lo como se ele fosse uma pintura ou uma saliência sobre um tronco. Vocês já se sentaram sobre uma saliência assim e perceberam que se tratava de uma rã? Ou talvez o tronco todo fosse um crocodilo?

"Estejam alertas! Ele está vivo!", vocês dizem. Não tenho ouvido ninguém dizer nada parecido aqui.

Bertha: E foi isso que aconteceu com você? O crocodilo estava vivo?

Sócrates: Sim. E... para você não?

Bertha (Evasiva, mas interessada.): Bem, no sentido que...

Sócrates: Você acredita ou não que ele realmente ressurgiu dos mortos?

Bertha: No sentido que...

Sócrates: Em que sentido?

Bertha: Tudo ressurge dos mortos. Ele é o arquétipo, não? Certamente você, mais que todos, compreende os arquétipos, idéias platônicas.

Sócrates: Realmente compreendo, e tão bem, que acho que posso reconhecer o que é um arquétipo e o que é um acontecimento ou um ente particular. Penso que posso distinguir Vida de animal, Justiça de legislador ou a Guerra de uma guerra em particular.

E a afirmação clara das Escrituras é que o nascimento, e a vida, e a morte, e a ressurreição, e a ascensão desse homem Jesus, que dizia ser Deus, aconteceram um dia na História. Mas um arquétipo não acontece. Ele simplesmente é. Essa é uma verdade infinita, um significado universal, uma possibilidade eterna.

Fesser: Acho que deveríamos todos ter certeza de que percebemos essa diferença, Sócrates, porque ela parece ser uma diferença fundamental entre o

referencial dos judeus e o dos gregos.

Sócrates: Não sei nada sobre isso, sobre esses referenciais. Meu problema agora é, antes de tudo, compreender esse homem.

Fesser: Mas você fez uma distinção entre arquétipo e acontecimento para isso.

Sócrates: Somente porque Bertha o fez. Ela interpretou Jesus como um arquétipo.

Fesser: Bem, uma vez que a distinção não se sustentou, poderia nos dar uma razão mais clara para tudo isso?

Sócrates: Facilmente. Digamos que as regras da trigonometria são um arquétipo, enquanto a Grande Pirâmide é histórica. Ou que o Sol é histórico, enquanto Apoio é um 110 | P á g i n a

arquétipo, um símbolo mítico para a iluminação espiritual, que é simbolizado pelo aspecto físico ou pela luz do Sol.

Fesser: E você está negando que Jesus é um arquétipo?

Sócrates: Não, estou dizendo que ele é histórico. Talvez ele seja também um arquétipo.

Fesser: Como poderia ser as duas coisas? Você acaba de fazer uma distinção clara entre ambos.

Sócrates: Não é este o ponto principal da Encarnação? Que a eternidade se torne temporal, que Deus se torne humano e o mito se torne histórico?

Fesser: Então ele é um arquétipo.

Sócrates: Sim, aparentemente. Mas, sem dúvida nenhuma, é também histórico ou os textos são totalmente mentirosos.

Bertha: Mas Sócrates, você não percebe? O que realmente importa é o arquétipo.

Jesus levanta-se para a Vida e a Vida é o que realmente importa. É por isso que celebramos a Páscoa, quando a terra desperta para uma nova vida. E por isso que

temos ovos e coelhos da Páscoa — símbolos de uma nova vida.

Sócrates: Se bem entendo este livro, o que você diz é exatamente o oposto.

Bertha: O oposto? Como assim?

Sócrates: Dessa perspectiva, é a nova vida que se dá na Páscoa, e não o contrário.

Bertha: Não entendo, Sócrates.

Sócrates: A nova vida na Terra simboliza a nova vida do céu. Mas você parece ter invertido o simbolismo, fazendo o céu simbolizar a Terra, como se Jesus fosse apenas outro coelho da Páscoa.

Fesser: Mas obviamente, Sócrates, você entende o profundo valor simbólico da ressurreição? Por certo, você não quer reduzi-lo a um acontecimento irracional? Sem dúvida, a insistência na historicidade literal está deixando escapar o essencial.

Sócrates: Que essencial? O que estou perdendo, que é essencial?

Fesser; A própria vida.

Sócrates: O arquétipo?

Fesser: Sim.

Sócrates: Mas eu o defendo. Afirmo que o arquétipo por si mesmo, de algum modo, tornou-se histórico, materializou-se. O meu problema não é, me parece, que eu esteja perdendo algo, que vejo apenas a metade da pintura, mas que tenho muitas metades, muitas... Não consigo entender como os dois podem ser um; como pode um homem ser ao mesmo tempo divino e humano. Mas certamente é isso o que o livro diz. Acho que vocês leram algum outro livro em vez deste.

Fesser: (Firmemente.): Consumi minha carreira neste livro e há muitas formas diferentes de interpretá-lo. Você só está sendo ingênuo, em termos de hermenêutica.

Sócrates: Posso então fazer-lhe uma pergunta ingênua?

Fesser: E possível.

Sócrates: Acredita que Jesus realmente ressurgiu da tumba ou não?

Fesser: Sócrates, penso sinceramente que você está deixando escapar a questão.

Sócrates: Professor, você não está respondendo a minha pergunta.

Fesser: Isso não é tão simples quanto você faz parecer.

Sócrates: Não vejo por que não. Quer ele tenha ressurgido da tumba, quer não.

Fesser: Ah, mas você está se esquecendo de toda a dimensão do significado e da interpretação. O que significa a ressurreição?

Sócrates: Claramente, por mais que possa ter outro significado, ela quer dizer que um homem que estava morto voltou novamente à vida. Qual o sentido disso para você?

Coelhos?

Fesser: Sócrates, havia um teólogo chamado Bultmann que dizia que mesmo que os ossos do Jesus morto fossem encontrados amanhã, em uma tumba na Palestina, todos os princípios básicos do cristianismo ainda, permaneceriam inalterados. Penso que você está ignorando esses princípios.

Sócrates: Isso pode ser o que Bultmann disse, mas certamente não é o que esse livro de vocês diz: "E, se Cristo não ressuscitou, inútil é a fé que vocês têm"35. Isso não me parece como "todos os princípios básicos inalterados".

Fesser: Sócrates, eu só queria dizer alguma coisa para que você veja o que faz diante disso. E uma interpretação da ressurreição, certo? Vamos compará-la à filosofia de Platão. O magnun opus de Platão, a sua República, centra-se na tese de que filósofos devem se tornar reis; e reis, filósofos, de modo que o poder político, a sabedoria filosófica e a bondade se tornassem um. Esta é a receita básica para a utopia ou, pelo menos, para uma sociedade saudável, justa e boa. Exato?

Sócrates: O que tem isso com a ressurreição de Jesus?

Fesser: A ressurreição marca o mesmo ponto de um modo diferente. O ponto é a união entre o poder e a bondade. Jesus é o homem impecavelmente bom, ideal, sábio e moral. A ressurreição é poder, o poder da bondade, a união de poder com bondade. A morte representa fraqueza e derrota; a vida representa poder e vitória. O problema da vida humana, na verdade o principal problema do ser humano, é que a bondade parece fraca e é derrotada. Bons garotos são espezinhados pelos maus. A ressurreição reverte esse quadro. Ela simboliza a força, o poder da bondade moral sobre o mal, pelo poder da vida de Jesus sobre os mortos. A ressurreição é a união das duas maiores forças do Universo: o poder e a bondade.

Molly: Oh, gosto disso... união!

Sócrates (Ignorando Molly.): Mas, professor, se isso não aconteceu de verdade, então a união de poder e bondade não aconteceu de fato, aconteceu?

Fesser: Isso não precisa acontecer para que o significado fique intacto. Um arquétipo não precisa estar encarnado para ser um arquétipo. O significado é a coisa, a coisa que realmente importa, não o literalismo histórico.

Sócrates: Podemos examinar essa interpretação?

Fesser: Por favor.

Sócrates: O significado da ressurreição, você diz, é a união da bondade com o poder?

Fesser: Sim.

Sócrates: Não apenas bondade, mas bondade ligada a poder?

35 1 Coríntios 15.17

Fesser: Sim. E não somente poder, mas poder unido a bondade. O poder da bondade.

Sócrates: E você diz que a ressurreição não aconteceu de fato?

Fesser: Não, eu não disse isso. E disse que não é necessário interpretar literalmente.

Sócrates: Interpretar literalmente. E para confirmar a crença de que tudo realmente aconteceu, na História, na Terra, física e biologicamente, no corpo de Jesus, e não só na cabeça das pessoas, correto?

Fesser: Sim.

Sócrates: E você afirma que o significado da ressurreição permaneceria o mesmo se o acontecimento histórico fosse desacreditado?

Fesser: O acontecimento literal, biológico e histórico, sim.

Sócrates: Ah, mas se não aconteceu na História, então é apenas um mito, um arquétipo.

Fesser: Sim.

Sócrates: Um lindo conto de fadas.

Fesser: Chame do jeito que você quiser.

Sócrates: Jesus, o ser histórico, não teve o poder de ressurgir dos mortos, mas Jesus, o mito, tem esse poder.

Fesser: Sim.

Sócrates: E ressurgir dos mortos significa poder?

Fesser: Sim.

Sócrates: E Jesus representa a bondade?

Fesser: Sim.

Sócrates: Então, se Jesus realmente não superou a morte, isso leva a crer que a bondade de fato não tem poder. Neste caso, o significado não está intacto, está? Porque, se a ressurreição de fato aconteceu, o significado é que bondade é poder,

e, se não aconteceu de fato, então a bondade não tem poder. Não é isso o que podemos deduzir?

Fesser: Não, Sócrates. Não precisa ser historicamente verdadeiro, apenas miticamente verdadeiro — um conto de fadas, como você disse. Você não espera que um conto de fadas seja historicamente preciso.

Sócrates: Ah, mas este conto de fadas é, mesmo como conto, diferente de todos os outros contos de fadas, de acordo com a sua interpretação; é por isso que não é somente sobre bondade, mas sobre a união de bondade e poder. O significado dos outros contos de fada é imutável, quer os contos tenham quer não, o poder da História, mas o significado deste conto de fadas é a união do arquétipo com a História, do mito com o fato, da bondade com o poder. Então, como pode seu significado sobreviver à perda da metade de seu significado, isto é, sua história, seu poder?

Fesser: Hum. Parece haver uma incoerência auto-referencial em minha hermenêutica.

Sócrates: Creio que isto seja o mais próximo a que um professor consegue chegar para "arrepender-se e acreditar"?

Fesser (Com sorriso polido.): O que você acha, Sócrates? O que tem a dizer? Por

que acha que a ressurreição tem de ser literal?

Sócrates: Eu? Com respeito a isso, sei apenas o que dizem suas Escrituras. Minha resposta a essa questão não é nada original, além de bem óbvia.

Fesser: Sinceramente, isso não é óbvio para mim.

Sócrates: Então você não deve ter lido o livro.

Fesser: Não seja arrogante, Sócrates. Para dizer a verdade, li o livro pelo menos cem vezes, escrevi uma dúzia de livros e centenas de artigos sobre ele.

Sócrates: Então você certamente deve saber a resposta que ele dá à sua pergunta.

Fesser: Ainda assim gostaria de ouvir sua resposta, Sócrates.

Sócrates: Tudo bem, mas minha resposta não é minha, mas das Escrituras. Suas respostas, no entanto, parecem não ser das Escrituras, mas suas. E uma vez que todos lemos o livro e conhecemos a resposta, não deveríamos ouvir o que ela acrescenta em lugar de repeti-la?

Fesser (Deliberadamente forçando um sorriso.): Gostaria de ouvir sua resposta, Sócrates.

Sócrates: Muito bem. A questão é por que a ressurreição deve ser literal, correto?

Fesser: Correto.

Sócrates: Primeiro, porque ela prova a afirmação de Jesus com respeito à própria divindade: somente um Deus pode vencer a morte; segundo, porque essa é a realização de sua tarefa, de seu propósito, a razão pela qual ele se tornou homem: salvar o homem da morte e da origem da morte, o pecado. E isso que diz o Novo Testamento. Não digo que compreendo tudo o que está escrito; apenas como funciona, como a obra da vida, da morte e da ressurreição de Jesus nos salva do pecado e da morte. Mas certamente o que eu disse é o que o livro diz.

Fesser: Há outras interpretações, que enfatizam outros aspectos de Jesus...

Sócrates: Em vez deste?

Fesser: Sim.

Sócrates: Não entendo. O que acabei de dizer está em cada página do Novo Testamento. Até uma criança pode ver.

Ahmen: Talvez somente uma criança.

Fesser (Com um olhar destruidor para Ahmen.): Sócrates, francamente, estou surpreso com você. Pensei que, com toda a riqueza da cultura mítica que você nos trouxe, você fosse nos apresentar uma abordagem mais ampla, sofisticada, mais literária com respeito à ressurreição. Você parece ter-se tornado um fundamentalista.

Sócrates: Eis o termo espantoso, novamente. Isso significa negligenciar a dimensão simbólica?

Fesser: Sim, entre outras coisas.

Sócrates: Então não quero ser um fundamentalista, porque certamente não quero fazer isso.

Fesser: O que você pensa sobre seus mitos gregos, Sócrates?

Sócrates: Eles me parecem ser como os profetas judaicos sobre os quais li na última semana no Antigo Testamento, por um lado. Eles apontavam para Jesus.

Fesser: Como assim?

Sócrates: Muitos deles falavam sobre um deus mortal que ascendeu. Alguns até diziam que, pela morte e ressurreição, o deus, de algum modo, conquistou a vida para o mundo.

Fesser (Animado.): Oh, para mim, o mistério de Cristo não é algo tão único, afinal, mas é um arquétipo mítico e universal.

Sócrates: De fato é; mas também parece único.

Fesser: Por favor, conte-nos de que maneira.

Sócrates: É tão simples que seria necessário um bom tempo para explicar.

Fesser: Prossiga.

Sócrates: É verdade. Aconteceu. Pode ser um mito, mas um mito que se tornou fato.

Pode ser um arquétipo, mas encarnou-se na História. Veja você, eu já conhecia os contornos básicos de um mito. Por um lado, não aprendi nada de novo com o Novo Testamento; por outro, tudo foi novo. Aconteceu em um lugar diferente, na Terra, em vez de no céu de verdade arquetípica e eterna. Era como se a história que sempre ouvi em sussurros vagos, repentinamente tomasse a forma sólida e completamente clara de acontecimento. Mitos não acontecem; eles simplesmente são. Tente imaginar o que sentiria se, de fato, visse em seu mundo um dos seus contos de fadas tornar-se realidade, exatamente; não, muito mais exatamente que

no conto. Foi o que encontrei quando li esse livro.

Fesser: Então você vê agora um de seus mitos como profético de Cristo?

Sócrates: Todos os mitos parecem apontar para ele de um modo ou de outro. Acho que compreendi meus próprios mitos pela primeira vez quando li o Novo Testamento, antes como aquele que iria entender pela primeira vez o significado de um sonho confuso, para encontrar no mundo real, quando acordasse, muito daquilo que sonhou.

Fesser: Como você entendia seus mitos anteriormente, Sócrates?

Sócrates: Erroneamente. Meu modo racional de pensar os descartava como simples fábulas. Pensava poder espremer suas verdades morais como se espreme um suco ou uma fruta e expressar essas verdades como filosofia, deixando para trás a casca endure-cida do mito. No entanto, mesmo enquanto fazia isso, algo me advertia contra isso, como se eu estivesse perdendo algo, algo até mais precioso na casca que no suco. Agora entendo o que era: não um isto, mas um ele.

Fesser: Você parece dizer que encontrou profetas fora de Israel, em sua tradição paga, também. Está correto?

Sócrates: Sim.

Fesser: Então você crê que todas as religiões são caminhos válidos para Deus?

Sócrates: Não compreendo o que quer dizer com "válidos".

Fesser: "Verdade até certo ponto".

Sócrates: Não expressaria dessa forma. Jesus não disse: "A verdade até certo ponto os fará livres até certo ponto".

Fesser: Mas todas as religiões têm algo de valor nelas, de alguma forma, você não acha?

Sócrates: Não conheço todas as religiões, somente algumas.

Fesser: E as poucas que você conhece? O que acha delas?

Sócrates: Parece-me que todas contêm certa verdade, se é isso o que está perguntando.

Fesser: Sim, é o que estou perguntando.

Sócrates: Mas isso soa um tanto comum. É muito difícil falar muito sem dizer verdade alguma, afinal.

Fesser: Você não acha que os mitos abrigam algumas verdades bastante profundas?

Sócrates: Sim, embora freqüentemente misturados a erros tolos e obscuramente expressos.

Fesser: Então os mitos eram profetas fora de Israel.

Sócrates: Seguramente. As Escrituras não dizem outro tanto? "Eu testemunho acerca de mim mesmo"36, ou algo assim.

Fesser: E quanto aos filósofos? Acredita que eram proféticos também?

Sócrates: Um filósofo é um amante da sabedoria, por definição. E toda sabedoria encontra-se na mente de Deus, não está certo? Então, ao buscar a sabedoria, o filósofo busca Deus, esteja ou não consciente disso.

Fesser: E você acha que algum filósofo encontrou o Deus que procurava?

Sócrates: Acho que encontraram algumas verdades importantes sobre ele.

Fesser: Portanto, você via os profetas hebreus, os filósofos gregos e os criadores de mitos do mundo inteiro, todos apontando para Deus?

Sócrates: Sim.

Fesser: Eles são bastante parecidos, então.

Molly: Eu sabia. Sócrates descobre o princípio, a unidade!

Sócrates: Eles pareciam ter o objetivo divino em comum, mas também tinham

diferenças importantes. Quanto à pureza de estilo, por exemplo, os profetas parecem ser os mais claros, seguidos pelos filósofos e, por último, os criadores de mitos. Em matéria de adequação, por outro lado, novamente os profetas parecem nos falar o máximo de Deus. E talvez aqui os filósofos fiquem por último. Sempre pensei que os filósofos sabiam mais de Deus que os criadores de mitos, mas agora não estou mais tão certo. Talvez nossas máximas fossem claras, mas ralas como sopa, enquanto os mitos eram obscuros, mas espessos como guisado ou sangue.

Fesser: Você poderia dizer que essas três tradições eram como três rios que correm todos para o mesmo mar?

Sócrates: Sim, de três direções diferentes, que seriam as três partes da alma. O rio da filosofia nasceria nas montanhas da alma, o intelecto. O rio dos profetas, dos moralistas, nasceria da parte central da alma, do coração ou do desejo. E como as correntes de água que descem. E o rio dos mitos nasceria nos pântanos e nas planícies enfumaçados da alma, onde habita toda forma de vida, boa e má.

Fesser: Mas qualquer um desses três rios pode, então, levar você para o mesmo destino, o mar divino?

Sócrates: Não sei ao certo. Talvez o rio da filosofia seja muito gelado, rochoso ou raso para se velejar com sucesso. Talvez o rio do mito seja muito turvo, pantanoso, para 36 João 8.18

que os velejadores desprendam-se dos obstáculos e alcancem o mar. Talvez apenas o rio dos profetas seja puro, claro, profundo, direto e seguro para a viagem.

Fesser: Está dizendo que não se pode chegar a Deus por essas outras rotas?

Sócrates: Não sei ao certo. Conheci as Escrituras há pouco tempo. Como poderia resolver o problema das religiões comparadas, como você diz, quando sou apenas iniciante em uma das coisas comparadas?

Fesser: Certo, não vamos nos distrair com esse problema. Sócrates, quando lhe perguntei o que pensava acerca de a ressurreição ser literal, você respondeu que ela provava o caráter divino de Jesus, não está certo?

Sócrates: Sim.

Fesser: Se o entendo bem, você está interpretando ressurreição e divindade literalmente, não está?

Sócrates: Sim.

Fesser: Tem consciência de que existem muitos bons pensadores cristãos que não o fazem literalmente? Sim, e com boas justificativas, eu acho. Uma das razões que pode interessar, Sócrates, é esta: que a alma é mais importante que o corpo e, conseqüentemente, é um tanto simplista, grosseiro, rude e até mesmo vulgar insistir em aspectos físicos da ressurreição, como se significasse a reunificação biológica das moléculas no corpo de Jesus. Você não acha que seu ponto de vista merece ser ouvido?

Sócrates: Todos merecem ser ouvidos, pelo menos uma vez. Se merecem uma segunda, vai depender da primeira. Devemos investigar?

Fesser: Sim. Sócrates, pesquise.

Sócrates: Bem, então se Jesus não ressurgiu literalmente da morte, o que aconteceu?

Fesser: Não entendo. Por que é imprescindível que haja o que ressurgiu literalmente da morte?

Sócrates: Por que empregar o termo ressurreição se nada aconteceu?

Fesser: Oh, algo aconteceu, certo. A verdadeira ressurreição tomou lugar no coração, na mente e na vida dos discípulos de Jesus. Deixaram de ser pessoas amedrontadas e confusas para se tornarem confiantes e determinadas, pessoas que espiritualmente venceram o mundo.

Sócrates: O que as transformou?

Fesser: A ressurreição da fé pascal.

Sócrates: Mas, se a Páscoa não existiu mesmo, então a fé pascal dos cristãos foi uma ilusão. Pode uma ilusão vencer o mundo?

Fesser: Não, a fé pascal é à mensagem de Jesus e o caminho da vida, e não uma ilusão. Esta vive para sempre, mesmo se esse corpo estiver morto.

Sócrates: E a mensagem de Jesus é ter fé, viver pela fé?

Fesser: Sim, agora você entendeu.

Sócrates: Eu entendo, mas não há isto para entender. É como uma sala de espelhos; aquilo que você fala de sua fé a partir dela. É como estar apaixonado pelo amor em vez de por uma pessoa real, não é? Certamente não é a mesma coisa. Se não há ressurreição, onde está o objeto da fé pascal? E, sem objeto, como pode haver fé?

Fesser: Talvez haja uma dificuldade lógica aqui. Penso que meu colega no departamento de filosofia poderia tratar disso por meio da sua teoria dos níveis da linguagem. E um problema de questões de primeira ordem versus questões de segunda ordem.

Sócrates: A questão, com certeza, parece dizer respeito a se um corpo mortal ressuscitou. Quão notável e facilmente isto se torna apenas uma questão de linguagem!

Fesser: É uma questão de crença e de interpretação.

Sócrates: Mas de fato existem três tipos de questões? Isto é, primeiro, questões sobre o que acontece ou aconteceu no mundo real; segundo, sobre o que acontece na mente das pessoas, o que pensam ou acreditam sobre o mundo; e terceiro, questões de linguagem, a comunicação dessas crenças e pensamentos. Não deveríamos tratar de todas as três?

Fesser: Exato. Mas você parece se concentrar apenas na primeira, ignorando as outras, especialmente a segunda, que aborda a mente, o coração e a vida. É aqui que o verdadeiro drama acontece, aquilo que mais nos preocupa.

Sócrates: Eu não pretendo deixar de lado essa questão, mas apenas relacioná-la à primeira. Será que é possível relacionar as duas questões? Não estaríamos tentando apenas relacionar aquilo em que acreditamos ao mundo real?

Fesser: É claro.

Sócrates: Então vamos fazer o seguinte: relacionar as duas questões ao que de fato aconteceu no mundo real e ao que se acreditava ter acontecido. Tudo bem?

Fesser: Tudo bem.

Sócrates: Cada questão tem duas respostas possíveis: sim e não. Há duas possibilidades no mundo real: ou Jesus realmente ressuscitou ou não. Há duas possibilidades na mente dos discípulos: ou acreditavam que Jesus ressuscitou ou não.

Assim, há quatro combinações possíveis. Primeiro, que ele ressuscitou e eles acreditavam que ele ressuscitou. E o que sua Escritura diz. Segundo, que ele ressuscitou, mas eles não acreditaram nisso. Nesse caso, mentiram ao escreverem os Evangelhos, por dizerem que acreditavam quando na verdade não acreditavam. Terceiro, que Jesus não ressuscitou e não acreditavam que ele tivesse ressuscitado. Nesse caso, mentiram outra vez, tanto no que se refere aos fatos quanto às suas crenças. Quarto, que Jesus não ressuscitou, mas os discípulos pensavam que ele tinha ressuscitado, que é o que você diz que eu penso. Nesse caso, novamente eles não falaram a verdade, embora não fosse uma mentira deliberada, mas simplesmente crendice e ignorância.

Fesser: O que é importante nesta análise, Sócrates?

Sócrates: Que, em três dos quatro casos, é uma falsidade que transforma vidas e vence o mundo; em dois dos três casos, uma falsidade deliberada. Eu não entendo como uma falsidade pôde ter conseqüências tão nobres.

Fesser: Os mitos, muitas vezes têm grande sucesso, Sócrates.

Sócrates: Eu não estava pensando em sucesso, mas em alegria, sabedoria e poder moral. Como uma mentira pode transformar um pecador em um santo?

Fesser: E como é possível ter certeza do que realmente aconteceu dois mil anos atrás, em uma tumba?

Sócrates: Você responde a uma pergunta com outra pergunta. Esta é uma forma inteligente de fugir de uma pergunta. Mas se eu tentar lhes responder, vocês tentarão

responder às minhas dúvidas?

Fesser (Incomodado.): E óbvio que sim.

Sócrates: Bem, então, não podemos saber o que aconteceu na tumba, mas sabemos o que aconteceu fora dela. Essa fé em Jesus e a ressurreição venceram o mundo. Parece quase certo que, se Jesus ressuscitou ou não, os seus discípulos, por sua vez, acreditaram que sim. O que mais lhes deu coragem em face da perseguição, sofrimento e morte? Se soubessem que a ressurreição era uma mentira, o que lhes teria dado coragem para morrer por uma mentira? Se não lhes tivesse sido assegurado pela ressurreição de Jesus que não mais precisavam temer a morte, o que os teria deixado tão destemidos diante da morte?

Fesser: Foi o exemplo de Jesus, sua nova e radical forma de vida.

Sócrates: Suas doutrinas éticas?

Fesser: Sim.

Sócrates: Não as vejo assim tão radicalmente novas. Eu já havia encontrado a maioria nos profetas judaicos e outras em minha mente e em minha própria filosofia.

Fesser: Realmente, muitas das considerações presentes nas doutrinas éticas de Jesus podiam ser encontradas nas profecias e nas tradições pagãs. Jesus, entretanto, viveu suas doutrinas, plenamente. "Ele andou por toda parte fazendo o bem"37, falando de modo simples.

Sócrates: Que bem ele realizou? Milagres, curas, ressurreições. Os Evangelhos nos contam um pouco mais do que ele realizava.

Fesser: Eu reconheço que o relato, se é que acreditamos nele, descreve uma ressurreição literal, bem como discípulos que acreditam em uma ressurreição literal. Mas você não pode provar que realmente aconteceu só com isto. Além do mais, os discípulos eram pessoas comuns, não filósofos. Não há necessidade de estarmos tão preocupados com o material e o literal como eles aparentemente estavam, você não acha? Sim, você e todos os demais, Sócrates? Você que tão enfaticamente afirmou a superioridade da alma sobre o corpo?

Sócrates: É possível que eu esteja aprendendo algo que não sabia antes. Mas,

para responder à sua pergunta, eu penso que tenho sim, pelo menos, uma boa razão para estar tão preocupado com o material.

Fesser (Surpreso.): E qual é?

Sócrates: A morte é um problema não discutido, incipiente e material?

Fesser: Não tenho bem certeza do que você quer dizer...

Sócrates: Um cadáver cheira mal?

Fesser (Um leve sorriso.): Acho que entendi o que você quer dizer... Mas eu esperava que você, um filósofo, buscasse um entendimento mais filosófico da ressurreição que isso.

Sócrates: Um filósofo deve ser lógico, não deve?

Fesser: Sim.

Sócrates: E ser lógico é ser coerente?

Fesser: Sim.

37 Atos 10.38.

Sócrates: E ser coerente é procurar uma solução que seja adequada ao problema?

Fesser: Sim.

Sócrates: E a morte é um problema para o homem?

Fesser: Certamente.

Sócrates: E a morte é um fato literal e material, não é? Algo que se pode chamar comum, incipiente e banal?

Fesser: Sim.

Sócrates: Então, a solução do problema, se for filosófica, deve ser comum,

incipiente, banal e material, à semelhança da verdadeira ressurreição.

Fesser: Oh, este é um argumento inteligente a priori, Sócrates. Mas temos de observar os dados, os fatos, o mundo real.

Sócrates: Exatamente o que pensei estar fazendo.

Fesser: Mas cientificamente falando, você não acha que uma explicação não miraculosa parece pelo menos muito mais provável que uma ressurreição miraculosa?

Sócrates: Não, eu não acho.

Fesser: Por que não?

Sócrates: Se não houve ressurreição do corpo de Jesus, parece haver três questões que são extremamente difíceis de responder sem absurdos. Primeira, quem removeu a pedra? Segunda, quem pegou o corpo? Terceira, por que os discípulos teriam inventado essa mentira?

Fesser: Para responder a sua primeira pergunta, diria que os discípulos podiam ter movido a pedra, não podiam? Não é muito mais admissível que pensar em um anjo fazendo isso? Se você visse que uma pedra enorme no seu quintal foi removida durante a noite, acharia que foi um anjo?

Sócrates: Não. Acontece que o meu quintal não é vigiado por soldados romanos.

Fesser: Os soldados poderiam ter sido subornados ou drogados.

Sócrates: Se os discípulos tivessem removido a pedra, o que teriam feito com o corpo de Jesus?

Fesser: Escondido ou enterrado, imagino.

Sócrates: Então forjaram tudo.

Fesser: Considerando essa hipótese, sim. Considere que não estou dogmatizando.

Eu só acho que devemos considerar cada hipótese e não permitir que crenças

tradicionais nos impeçam de ter uma visão ampla sobre o assunto; na verdade, sobre todos os assuntos. Concorda com esta forma de abordar?

Sócrates: Concordo. Tudo deve ser considerado. Mas algumas coisas precisam ser rejeitadas depois de serem consideradas, não acha?

Fesser: Eu nunca me senti à vontade com as atitudes negativas e perseguições heréticas.

Sócrates: Quer dizer então que idéia alguma deve ser negada? Então, como afirmar uma determinada idéia? Se X não é falso, como pode o que não é X ser verdadeiro?

Fesser: Ah, não estou debatendo as leis da lógica...

Sócrates: Eu espero que não!

Fesser: Só estou insistindo que haja uma visão ampla em todos os momentos. E o que você acha?

Sócrates: Não acho que devamos ter uma visão ampla em todos os momentos.

Fesser (Chocado.): Sócrates! Como pode?

Sócrates: Para variar a metáfora de Ahmen, citada pelo senhor Chesterton, uma visão aberta não se assemelha a uma porta aberta? Deveria estar aberta a todos os visitantes. Mas, uma vez que eles chegam, você precisa decidir qual deles fica e qual deve sair. Você gostaria que ladrões e seqüestradores ficassem em sua casa? Você gostaria que mentiras povoassem sua mente?

Fesser: Sim, agora compreendo. Penso que você pensa que eu penso que a ressurreição foi uma mentira. É isto?

Sócrates: Permita-me organizar todos estes pensos... Eu não sei o que eu penso sobre o que você pensa. Mas o que você pensa sobre a ressurreição? Ela realmente aconteceu?

Fesser: Sim! Mas não no mundo material. No mundo espiritual, no coração e na

vida dos discípulos.

Sócrates: Se digo que alguma coisa realmente aconteceu no mundo, quando não aconteceu, não estou dizendo uma mentira?

Fesser: Não, você pode estar falando de um mito.

Sócrates: E as pessoas que acreditaram no mito sabiam tratar-se de uma verdade ou de um mito?

Fesser: A maioria acreditava ser literalmente verdade.

Sócrates: Então a maioria dos milhões de cristãos no decorrer da História acreditava que Jesus literalmente ressuscitou da morte?

Fesser: Sim.

Sócrates: E os primeiros discípulos de Jesus não acreditavam? Eles devem ter acreditado caso tenham removido a pedra e roubado o corpo.

Fesser: Talvez.

Sócrates: Eis a pergunta que me parece sem resposta: o que esses discípulos ganhariam com essa mentira? Quando alguém trai outra pessoa, o traidor é sempre motivado pela promessa de alguma vantagem. Qual teria sido a vantagem dos discípulos por tal conspiração?

Ahmen: Eu vou responder a esta pergunta por você, Sócrates. Vou lhes contar qual foi a parte deles: foram ridicularizados, odiados, zombados, escarnecidos, exilados, privados de suas propriedades, de sua reputação e dos direitos civis; foram presos, chicoteados, triturados, torturados, apedrejados, decapitados, serrados, fervidos em óleo, crucificados, comidos por leões e estraçalhados por gladiadores. Foi isso que eles receberam como prêmio.

Sócrates: E verdade, professor?

Fesser: Muitos dos cristãos primitivos foram mártires, sim.

Sócrates: E, sob tortura, não confessaram ser tudo uma mentira, um mito, uma falsificação?

Fesser: Não.

Sócrates: Isto é surpreendente! O coração humano é excessivamente instável, não é? Especialmente o coração de um mentiroso? Não entendo o que os motivou a perseverar diante de tantas torturas, senão a certeza deles de que Jesus realmente ressuscitou e de que eles também ressuscitariam. Se não acreditavam na ressurreição, por que desistiriam em vão da única vida que sabiam ser real?

Fesser: Esta é uma boa pergunta, mas não prova que a ressurreição literalmente aconteceu.

Sócrates: Parece provar, pelo menos, que, se o milagre da ressurreição realmente não aconteceu, então um milagre ainda mais incrível deve ter acontecido.

Fesser: O que você quer dizer?

Sócrates: Que doze judeus simples inventaram a mais fantástica e bem-sucedida mentira do mundo, em troca de nada, e morreram espontânea e alegremente por ela como mártires, à semelhança de milhões de outros.

Fesser: E sobre isso que tenho tentado lhe falar, Sócrates. O verdadeiro milagre está no viver, na existência, não em moléculas.

Sócrates: Mas o que motivou o milagre na vida dessas pessoas? Um efeito que deve ter provocado uma causa, pelo menos tão grande quanto a própria vida, não é verdade?

Não vejo o que poderia ter causado esse milagre de vidas transformadas, exceto um milagre ainda maior. A ressurreição poderia ter tido tamanho poder, mas uma mentira teria tamanho poder?

Fesser: Uma mentira não, mas um mito.

Sócrates: Mito realmente! Parece-me muito mais aceitável, professor, que sua idéia seja o mito e que o milagre seja um fato racional.

Fesser: (Irritado.): Thomas, o que você acha dos argumentos de Sócrates? Ele conseguiu convencê-lo? E, se não, por quê?

Thomas (Surpreso por ter sido escolhido para ajudar Fesser): Eu? Uh... bem, honestamente, professor, o argumento dele faz mais sentido do que eu pensava. Preciso refletir mais sobre este assunto.

Fesser: Surpreende-me ouvir isto de você, Thomas.

Thomas: Eu não tive sempre uma visão ampla das coisas?

Fesser: Claro, é exatamente o que você sempre foi — daí a minha surpresa ao ouvir você dizer coisas tão bonitas sobre o fundamentalismo.

Thomas: Fundamentalismo? Pensei que estivéssemos discutindo a ressurreição.

Bertha: Oh!

Fesser: Que é isso, Bertha?

Bertha: Só constatei algo, acho eu, pela primeira vez! Talvez a questão da ressurreição deva ser separada e não fazer parte dos interesses do fundamentalismo.

Quero dizer que não se pode decidir se a ressurreição aconteceu mesmo ou não, simplesmente com base em pesquisas sobre o que as pessoas acreditam hoje. Pois descobrimos que as mesmas pessoas que acreditam na ressurreição também acreditam em tudo o que envolve o arcabouço fundamentalista: chauvinismo, literalismo, tradicionalismo, conservadorismo, militarismo, capitalismo e muitos outros ismos, terríveis e opressivos; e as mesmas pessoas que acreditam que a ressurreição de fato não aconteceu também acreditam na igualdade, na justiça, na paz, na compaixão, na ecologia e...

Fesser: Então aonde você quer chegar, Bertha?

Bertha: Qualquer que seja a combinação de crenças que os fundamentalistas do século XX inventem, esta não pode ser a verdadeira causa para o que aconteceu há dois mil anos em Israel. Em primeiro lugar, significa que a causalidade não pode funcionar de modo inverso. Em segundo, a crença das pessoas não faz que algo aconteça ou não. Ou a coisa aconteceu ou não aconteceu, e não se pode descobrir isso com base em resultados ideológicos de pesquisa Gallup.

Fesser: Sim, com certeza. Mas certamente existem implicações ideológicas relevantes que precisam ser examinadas. As implicações...

Bertha: Você quer dizer que estou errada?

Fesser: Não, não...

Bertha: Então, estou certa.

Fesser: Está começando a parecer com Sócrates.

Bertha: Estou começando a me perguntar se é tão ruim assim.

Salomão: Posso fazer uma pergunta, professor?

Professor (Surpreso ao ouvir alguém sempre calado falando))'. Certamente.

Salomão: Os historiadores pesquisam as tumbas dos santos e dos sábios, não pesquisam? A tumba de São Pedro, de Maomé e assim por diante?

Fesser: Sim.

Salomão: E estas outras tumbas estão todas ocupadas, não estão?

Fesser: Ocupadas?

Salomão: Sim, os santos e os sábios estão todos mortos e seus ossos, em suas tumbas.

Fesser: Sim, o lugar está ocupado, de qualquer maneira.

Salomão: E a tumba de Jesus está lá, em Jerusalém, não é?

Fesser: Sim.

Salomão: E está vazia.

Fesser [Incomodado de novo): Sim... está...

Salomão: Onde está o corpo?

Fesser: Esta era uma das perguntas de Sócrates.

Salomão: Não, quero dizer que eu desejo saber, de verdade. Onde está o corpo? O

que aconteceu com ele?

Sócrates: Se eu compreendo bem o Novo Testamento, ele aqui está.

Fesser (Assustado, como se tivesse visto um fantasma): O quê?

Sócrates: O corpo de Cristo está aqui. Está vivo. Ele ressuscitou!

Fesser: Mas pressupõe-se que ele ascendeu ao céu.

Sócrates: Naquele corpo, sim. Mas ele tem outro corpo que está aqui na Terra. Pelo menos o Novo Testamento fala sobre isso.

Fesser: Oh, você quer dizer a igreja.

Sócrates: Sim, mas, do jeito que você fala, parece referir-se "somente à igreja". No Novo Testamento, a igreja parece ser algo maior que uma comunidade humana que se reúne para se lembrar de um homem morto e suas doutrinas. Parece ser mais um organismo vivo, como a rã no tronco da árvore em vez da saliência do tronco. Não é isso?

Será que entendi as Escrituras judaicas corretamente?

Ahmen: Entendeu, Sócrates.

Sócrates: E um organismo vivo tem uma alma viva, um espírito. Ele não prometeu enviar esse Espírito? Talvez seja o ingrediente que me falta e pelo qual procurei: algo que encontrei no Novo Testamento, mas não aqui. Estou no caminho certo ou não? Alguém, por favor?

Ahmen: Você acertou em cheio, Sócrates.

Fesser: Bem, ora, isto é uma questão de opinião e de diferenças denominacionais, é claro...

Ahman: Não, não é. É uma questão de ver o que diz Novo Testamento.

Fesser (Contendo-se): Bem... Sempre fico feliz em ver um amplo leque de opiniões representadas. Entendo a sua origem, Ahmen; só que não compartilho o seu ponto de vista.

Ahmen: Acho que você não entende de onde eu venho, professor. Porque o problema não é onde, mas quem.

Fesser (Constrangido): Já passou da hora de sairmos. Será que Sócrates está satisfeito? A sua pergunta inicial foi respondida, Sócrates?

Sócrates: Mais que respondida. Comecei com uma pergunta aparentemente inofensiva — por que a História de vocês remonta a esse homem Jesus — e fui levado pela pesquisa ao encontro com ele como a algo que excede o humano. Ao longo do caminho encontrei respostas inequívocas para a minha pergunta, claras em todas as dimensões.

Fesser: E que respostas claras foram essas, Sócrates?

Sócrates: Que os anos são demarcados por esse homem porque ele é o acontecimento mais importante de que se tem notícia. Pensem nisto! Deus se transformando em homem, morrendo e ressuscitando; ora, é obviamente o maior fato imaginável, maior do que se pode supor, talvez. E este, acho, é o motivo pelo qual eu acredito nisso.

Thomas: O quê? Significa que você acredita nisso porque é incomum? E uma loucura, especialmente para você, Sócrates.

Sócrates: Não, penso que é racional, pois teria de ter um espírito incomparavelmente maior e mais inteligente do que o seu e o meu para criar uma história dessa dimensão.

Thomas: Por quê?

Sócrates: Você admite o princípio da causalidade, não admite? Que o efeito não pode ser maior que a causa?

Thomas: Sim.

Sócrates: E que o mito é efeito do seu criador?

Thomas: Sim.

Sócrates: Então o poder espiritual do mito não pode exceder o poder espiritual de quem o cria?

Thomas: Prossiga...

Sócrates: Se, por conseguinte, o cristianismo é um mito, quem é o criador desse mito?

Thomas: Não sei.

Sócrates: Só conheço um que possivelmente poderia ter inventado uma história tão extraordinária.

Thomas: Significa que...

Sócrates: Sim.

Fesser: Fui levado pela narração de volta ao Narrador, que, imagino, trouxe-me aqui para conhecê-lo por meio do conhecimento da sua narração.

Bertha: Para onde você vai daqui, Sócrates?

Sócrates: Ele é quem sabe! (A campainha toca para aproxima aula) Bertha: Não, não é, Sócrates. E o terceiro andar. Eis a campainha! Estamos atrasados para a nossa aula de Religiões Comparadas. (A turma sorri e sai) Fesser: Oh, não esqueçam, aqui está a lista de leitura para a próxima aula. (Aporta, passa a lista) Por favor, não deixem de lado as responsabilidades acadêmicas por diversões. Afinal de contas, isto é uma universidade...

Bertha (Saindo e sussurrando com Sócrates): Às vezes eu acho a universidade um necrotério.

Sócrates: Ou uma tumba.

Bertha: Mas o professor é um homem muito sábio. Você viu o tamanho da lista

de leitura dele?

Sócrates: "Eles fazem seus filactérios bem largos..."38

Bertha: O quê?

Sócrates: Só para citar a Escritura. Acho que não posso insultar a academia, pois, afinal de contas, ela foi invenção do meu aluno predileto (Platão). Mas, quando ela faz referência à videira, eu me pergunto por que o suco é extraído e a videira, podada.

38 Mateus 23.5

Posfácio

diretamente do Boston Glob

Boston Glob, 30 de setembro de 1987 — Polícia investiga o misterioso desaparecimento de dois homens, há dois dias, da Biblioteca Engrandecer, na Universidade Havalard. Um deles, conhecido simplesmente por Flanagan, trabalhava como zelador na biblioteca. O outro, um aluno da Escola de Teologia Havalarde, estava matriculado com o nome de Sócrates. A polícia não encontrou nenhuma pista quanto à identidade ou residência dos desaparecidos.

De acordo com a senhorita Bertha Broadmind, amiga e colega de aula de Sócrates, os dois indivíduos desapareceram de repente enquanto os três e mais cinco estudantes da Escola de Teologia discutiam entre as estantes da biblioteca.

Em sua visita, o rev. Bobbie Apologético, da Escola Bíblica Bobby Jo, onde leciona Defesa da Fé dos Bitolados39, confirmou a versão da senhorita Broadmind e declarou: "Os dois desapareceram, sumiram. Agora, prestem bem atenção... eu não estou surpreso, porque este lugar aqui é o próprio território do diabo. Eu juro, eles foram possuídos pelo poder do mal".

Nerê Esias40, graduado pelo Onion Theological Cemetery41, e fazendo pós-graduação na Universidade Havalarde, apresentou outra versão do caso. "Ilusão das massas em pequena escala", insistiu ele. Freud já dizia isso e muito mais há muito tempo. Mas Morto Doxo42, formado pela Escola Teológica Nebulosa43,

discordou dizendo: "Tudo depende das suas suposições hermenêuticas, dispensacionalistas, escatológicas, epistemológicas e psico-socioculturais".

A quarta tesmemunha, o padre Sabe-Tudo, SJ.,44 em licença da Universidade Gregarious Leviticus,45 insistia em que o caso parecia atender aos critérios de um legítimo milagre. Manifestou-se interessado em iniciar o processo de uma possível canonização de Sócrates.

Um quinto observador, o cineasta Stevie Lobos46, declarou ter filmado o acontecimento, mas, quando rodaram o filme, a imagem de Flanagan estava totalmente invisível. Não houve explicação alguma para o fenômeno.

Todas as testemunhas concordaram com os detalhes a seguir. Por volta das três horas da tarde, Broadmind, rev. Bobbie, Nerê Esias, Morto Doxo, padre Sabe-Tudo e Lobos estavam com Sócrates, entre as estantes da Biblioteca Engrandecer, discutindo questões referentes ao enigma teológico, que alguns diziam ser a Trindade e outros, a divindade de Cristo (Nota do Editor: Dois dogmas primitivos freqüentemente defendidos pelos ultraconservadores.). Os sete foram surpreendidos pelo aparecimento repentino de Flanagan, o porteiro do prédio, que se aproximou de Sócrates, ignorando os outros e disse: "É hora de ir". Quando os outros quiseram saber quem ele era, respondeu ter diferentes nomes, em diferentes épocas, e mencionou um número, dentre os quais estavam Raphael, Olorin47 e Gandalf.

39 "Southern Fried Apologetics", em inglês [N. do C.].

40 "Harry Tick", em inglês. Expressão trocadilhesca, expressando similitude de som com heretic [N. do C.].

41 Provável referência ao Union Theological Seminary [N. do C.].

42 "Arthur Doxie", em inglês. Expressão trocadilhesca, expressando similitude de som com orthodox [N. do C.].

43 "Dullest Divinity School", em inglês. Provável referência à Duke Divinity School[N. doC.].

44 "Father I. Noitall, SJ", em inglês. Expressão trocadilhesca, expressando similitude de som com know-it-all [N. do E.].

45 "Gregarious University in Levitican", em inglês. Provável referência à Gregorian University, de Roma [N. do C.].

46 "Steppen Wolfe", em inglês. Provável referência ao cruzamento entre: a produção cinematográfica Dança com Lobos [Dance with Wolves], de Kevin Costner, e Stevie Wonder [N. do E.].

47 Olorin é um dos nomes de Gandalf [personagem de O Senhor dos Anéis, J. R. R. Tolkien], o que significa que ele, no contexto judaico e cristão, 126 | P á g i n a

No momento em que Flanagan tocou Sócrates, os dois começaram a desaparecer da vista dos observadores. A última coisa que as testemunhas ouviram foi a pergunta de Sócrates: "Mas por que eu tenho de ir agora?", e a resposta de Flanagan: "Precisam de você do outro lado do rio". Alguns interpretaram a declaração simbolicamente, outros de modo literal. Os literalistas disseram que esperavam que Sócrates aparecesse logo no Bussed-In College, do outro lado do rio.

talvez pudesse assumir o nome de Rafael e a função de um anjo [N. do E.].

127 | P á g i n a

Contracapa

O que aconteceria se o filósofo Sócrates surgisse hoje no campus da Universidade de Harvard e se matriculasse no curso de Teologia? O que ele diria a respeito do progresso humano, comparado à sua época? Como reagiria aos nossos valores? À nossa cultura?

O que o ateniense sapientíssimo diria de Jesus?

Filósofo cristão e admirador do Sócrates histórico, Peter Kreeft compôs nesta obra um diálogo de idéias intrigante sobre os dois homens mais influentes que já existiram -

Sócrates e Jesus - e, conseqüentemente, entre os dois principais segmentos da civilização Ocidental: a cultura bíblica (judaico-cristã) e a clássica (greco-romana).

Com maestria, o autor foi bem-sucedido na representação pictórica da razão em busca da verdade. O final é surpreendente!